10769/8

H-x
9/2

34010

Digitized by the Internet Archive
in 2016 with funding from
Wellcome Library

https://archive.org/details/b28773408_0003

34070

TRATADO COMPLETO
DE
MEDICINA OPERATORIA,
OFFERECIDO
A SUA ALTEZA REAL
O
PRINCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR

POR

ANTONIO D' ALMEIDA,
Lente de Operações no Hoſpital Real de S. Joſé.

TOM. III.

LISBOA,
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M. DCCC.
Com licença de Sua Alteza Real.

WELLCOME
HISTORICAL
MEDICAL
LIBRARY

MEDICINA OPERATORIA.

CAPITULO I.

Da bronchotomia.

§. I.

CHama-ſe bronchotomia huma operação, por meio da qual ſe abre hum orificio na trachea, para paſſagem do ar. (*a*)

§. II.

Eſta operação tem lugar todas as vezes que a entrada do ar para a trachea he impedida por qualquer cauſa, como

(*a*) Sendo a trachea o canal, onde ſe pratica a abertura, e não os bronchios, parece mais proprio chamar-ſe a operação tracheotomia, como muitos lhe chamão: mas como todos entendem a meſma couſa pelos dous nomes, pouco importa que nos ſirvamos de hum, ou d'outro.

1.º a inchação chronica das amygdalas, as quaes muitas vezes ſe tornão ſcirroſas, e de hum volume tal, que enchem as fauces ao ponto de impedirem a paſſagem ao ar (*a*): 2.º os polypos, que algumas ve-

(*a*) Quando huma, ou ambas as glandulas amygdalas ſe enfartão por qualquer cauſa que ſeja, e o ſeu enfarto ſe não reſolve, ficão tumores mais, ou menos duros, os quaes creſcendo difficultão a pronúncia, a deglução, e reſpiração a hum ponto tal, que vem algumas vezes a ſuffocação, além de chamarem repetidas inflammações, nas quaes correm os enfermos grande perigo. A ſua ſuperficie avermelhada he humas vezes liza, outras deſigual, e ordinariamente ulcerada, cuja ulceração ſe declara cancroſa huma vez, ou outra.

Se a inchação deſtas glandulas reſiſte aos remedios geraes, como ſangrias, purgantes, emeticos, mercurio, &c., e aos topicos, como gargarejos tonicos, fumo de tabaco, eſcarificações, toques de pedra infernal, de oleo de vitriolo, &c., cumpre extirpallas antes de ganharem o caracter cancroſo, ou produzirem a ſuffocação. Para ſe praticar a extirpação deve o operador eſcolher o meio; o qual póde ſer a ligadura, como nos polypos, ſe a baſe he mais delgada do que o corpo, ou hum eſcalpello, ſe não tem lugar a laqueação. Para ſe uſar do eſcalpello, cumpre ſituar o enfermo ſentado defronte de huma janella, abrir-lhe

vezes deſcem dos conductos naſaes, onde tem o ſeu pé, ou em alguma parte das fauces, e enchem a boca poſterior, ou pharynx, perlongando-ſe ſobre a glottis, e tapando a paſſagem do ar, os quaes nós devemos ligar, cortar, ou arrancar, ſegundo a ſua conſiſtencia, e figura, antes de embaraçarem a reſpiração: 3.° certos corpos eſtranhos, que cahem no larynx, trachea, e bronchios, como migalhas de pão, caroços de frutas, bocados de oſſos, e outros ſemelhantes, os quaes na expiração ſobem até ao larynx, mas não ſahem pela glottis, e tornão a deſcer na inſpiração até aos bronchios. Eſtes cor-

pos

os queixos por meio de huma cunha, ou ſpeculo, e pegar com o tenaculo no corpo, em quanto com o eſcalpello o deſcarna, e ſepara das outras partes. O eſcalpello deve ter a ponta romba, e o córte da extensão de doze, ou quatorze linhas, para não ferir as partes vizinhas. Alguns praticos ſervem-ſe da tiſoira com pontas rombas: porém eſte inſtrumento não he tão bom como o eſcalpello. Deve notar-ſe, que achando-ſe ambas as amygdalas na neceſſidade de ſe extirparem, ſó extirparemos a ſegunda depois de curada a chaga da primeira.

pos ſó podem ſer tirados pela bronchotomia, quando ſobem, e deſcem, ou quando ſe fixão da parte média da trachea para cima, o que ſe conhece pela dor fixa, e aguda no lugar, onde perſiſtem, e em geral pela toſſe convulſiva, voz rouca, reſpiração laborioſa, e ſuffocações, nas quaes morre o doente (*a*). Se eſtes corpos não produzem logo a ſuffocação, he preciſo pôr em prática alguns meios, que os fação expulſar por violentas contracções do bofe, como excitar o vomito com emeticos, dar pancadas entre as eſpadoas, e excitar os eſpirros

(*a*) Quando algum corpo eſtranho tapa pelo ſeu volume a paſſagem do ar, ſegue-ſe a morte em breves inſtantes: porém ſe deixa paſſar algum, e ſe não póde tirar a tempo, vem tambem a cauſar a morte, humas vezes pela inflammação, que excita, outras porque augmentando pelo eſtimulo o filtro do muco da trachea, e bronchios ao ponto de encher eſtes canaes, ſegue-ſe a ſuffocação.

As glandulas ſalivares inchão algumas vezes pelo uſo do mercurio mal adminiſtrado, ao ponto de cauſarem a ſuffocação, e ſer preciſa a bronchotomia.

ros com o tabaco, euforbio, e outros (*a*), pondo o doente com as pernas para cima, e a cabeça para baixo, principalmente ſendo os corpos pezados, como grãos de chumbo, &c. Porém ſe eſtes meios não produzem effeito, cumpre ſangrar, diluir, e adietar o enfermo, para prevenir huma grande inflammação, ou praticar a bronchotomia no lugar, onde eſtes corpos párão, a ſer da parte média da tra-

(*a*) Luiz na ſua ſegunda Memoria ſobre a bronchotomia (Memor. da Academ. de Cir. de Paris T. 4. pag. 522.) não convem no uſo dos emeticos, e ſternutatorios, achando que ſó por acaſo he que hum corpo eſtranho póde ſahir pela glottis a beneficio do ar na expiração, e que atraveſſando-ſe na meſma glottis póde fazer morrer o enfermo ſubitamente, concluindo que ſó a operação he o unico recurſo. Todavia os corpos, que não eſtão fixos, e ainda os que o eſtiverem, podem deſpegar-ſe, e ſahir envoltos com a lympha, ou eſcarros, e nós obſervámos que a força de hum eſpirro faz ſahir dos bronchios muco eſpeſſo, que não póde ſahir com a toſſe. E ſe o corpo entrou pela glottis, e não cauſou a morte ſubita, como a ha de cauſar á ſahida? Pelo que os emeticos, e ſternutatorios devem tentar-ſe, porque podem alguma vez livrar o enfermo da bronchotomia.

trachea para cima: 4.° os eſpaſmos dos muſculos do larynx levados a tal auge, que apertem a glottis ao ponto de não entrar o ar, ſeguindo-a a ſuffocação. Eſta cauſa rariſſimas vezes exige a bronchotomia; porque ou os eſpaſmos impedem totalmente a paſſagem do ar, e então não ha tempo para ſe praticar a operação antes da ſuffocação, ou, ſe paſſa algum ar pela glottis, ha tempo para ſe remover o eſpaſmo por meio dos anti-eſpaſmodicos internos, e externos: 5.° os tumores externos, que pelo ſeu volume, e proximidade á trachea, ou larynx, a comprimem ao ponto de fazerem a reſpiração trabalhoſa, e algumas vezes produzirem a ſuffocação, taes são o broncho-cele, eſcrofulas, aneuriſmas, ſcirros, &c., cujos tumores, não podendo reſolver-ſe, ou extirpar-ſe, e vindo a produzir a ſuffocação, exigem a bronchotomia para ſe perlongar a vida ao enfermo: 6.° os corpos volumoſos demorados no pharynx: 7.° finalmente a eſquinencia.

Da

Da eſquinencia.

§. III.

Dá-ſe o nome de eſquinencia a toda a inflammação, que ataca a parte interna das fauces, como amygdalas, véo do paladar, campainha, larynx, e pharynx; e ſe diſtingue em benigna, e maligna. (*a*)

Da eſquinencia benigna.

§. IV.

A eſquinencia benigna conſiſte na inflammação da membrana mucoſa das fau-

(*a*) Eſta moleſtia, chamada tambem angina, tem recebido differentes nomes, ſegundo as partes atacadas, como tonſillar, pharyngea, laryngea, tracheal, &c., e ſegundo a ſua natureza, como verdadeira, falſa, ſinanche, para-ſinanche, &c.: porém todos eſtes nomes, que ſó ſervem de fazer confuſão, são inuteis; porque tonſillar, pharyngea, e laryngea, &c. são a meſma moleſtia, atacando differentes partes; verdadeiras, falſas, ſinanche, para-ſinanche, com tumor, ou ſem tumor, são o meſmo que benignas, e malignas, como vou a moſtrar.

ces acompanhada da inchação não ſó deſta membrana, mas das glandulas amygdalas, e folliculos, que lhe ficão por baixo, a qual, principiando em hum ponto, lavra, e ataca ordinariamente todas as fauces, paſſando-ſe até de hum lado ao outro.

§. V.

A inchação, vermelhidão, dor, picadas nos ouvidos, difficuldade de engulir, viſcoſidades na boca, e larynx, voz rouca, ou aguda, e febre maior, ou menor, fazem facilmente conhecer eſta moleſtia.

§. VI.

As cauſas deſta eſquinencia ſão commummente locaes, e ſe reduzem a tudo o que póde excitar eſtimulos, ou conſtipar os ductos das glandulas, ou folliculos, que filtrão a ſaliva, como ar frio, couſas geladas (*a*), corpos eſtranhos cravados, ou

(*a*) Particularmente achando-ſe o corpo quente, como quando paſſamos de huma caſa quente para hum lugar frio, ou deſcançamos de repente de hum trabalho, ou exercicio violento.

ou demorados neſtas partes, adubos acres, bebidas eſpirituoſas, &c. Eſtas cauſas obrão com tanta mais vehemencia, quanto a conſtituição he diſpoſta para iſto pela diatheſis inflammatoria, e pela idade (*a*), além da diſpoſição local; porque ha peſſoas com mais propensão para eſta moleſtia, como as mulheres, e os que tocão inſtrumentos de vento, &c., diſpoſição que faz apparecer a eſquinencia em periodos certos, particularmente na primavera, e outono.

§. VII.

A eſquinencia benigna termina ordinariamente pela reſolução, poucas vezes pela ſuppuração, e quaſi nunca pela gangrena, ainda que algumas vezes appareção cruſtas negras em differentes pontos da inflammação. Se a diſpoſição local, e conſtitucional favorecem o augmento da

(*a*) Nós obſervamos, que no temperamento ſanguineo, e nas idades pouco avançadas ha mais diſpoſição para eſta eſquinencia.

inflammação, eſtende-ſe ao larynx, creſce a febre, a difficuldade de reſpirar, e algumas vezes vem a ſuffocação, não podendo os enfermos dobrar o peſcoço, nem fallar, fazendo-ſe-lhes a voz ſibilante; e eſtendendo-ſe ao pharynx, creſce a difficuldade de engulir, e o que os doentes querem engulir ſahe pelos narizes.

Cura.

§. VIII.

A cura da eſquinencia benigna conſegue-ſe com remedios conſtitucionaes, e topicos. Os conſtitucionaes são, 1.° os emeticos, os quaes são frequentemente mui proveitoſos: 2.° as ſangrias no braço proporcionadas ás forças do enfermo., e em lugar de muitas, e pequenas, huma, ou duas, porém grandes: 3.° os purgantes brandos, cliſteres, e bebidas diluentes: 4.° as preparações antimoniaes: 5.° finalmente os pediluvios, e ſinapiſmos. Os topicos são, 1.° vapores de agua morna re-

recebidos nas fauces por hum funil: 2.° gargarejos dos cozimentos adſtringentes, particularmente levando acidos, ou emollientes, e anodinos, ſe ha grandes dores: 3.° ſangrias locaes por meio de bichas applicadas ao redor do peſcoço: 4.° cataplaſmas emollientes, tambem ao redor do peſcoço: 5.° finalmente os veſicatorios.

§. IX.

Se a inflammação ſe reſolve, podemos ajuntar aos gargarejos adſtringentes o ſal amoniaco, e algum eſpirito de vinho, para conſeguirmos a reſolução mais depréſſa. Porém ſe ſe encaminha á ſuppuração, o que ſe conhece pelo augmento da moleſtia, febre aguda, dor pulſante, calefrios, e maior elevação da inchação em algum, ou alguns pontos, cumpre promovella com a continuação das cataplaſmas emollientes no peſcoço, e frequentes bochechas de agua morna, ou leite, até a materia eſtar feita, o que ſe dá a conhecer pela remittencia da febre,

ca-

calefrios, e creſcimentos a horas certas, ou irregulares, maior difficuldade de engulir, máo halito, e com cheiro de pus, ainda que o abſceſſo ſe não tenha rompido, e finalmente pela maior elevação eſbranquiçada, e com fluctuação, ſe ſe póde tocar.

Neſte eſtado ou ſe eſpera que o abſceſſo rebente, ſe o enfermo não eſtá no perigo de ſe ſuffocar, ou ſe dá ſahida á materia, picando-ſe o abſceſſo com a lanceta, ou faryngotomo (*a*), cuja operação ſe chama pharyngotomia. He preciſo, quando ſe abre o abſceſſo, que o enfermo tenha os queixos abertos por meio de algum corpo duro mettido entre os dentes,

(*a*) O pharingotomo he huma lanceta eſcondida dentro de hum canudo de prata achatado, que ſahe carregando-ſe-lhe no cabo, e recolhe-ſe por effeito de huma mola. Eſte inſtrumento he mais ſeguro para eſta operação, em razão de ſe encoſtar o canudo ao abſceſſo, ſahir a lanceta, abrillo, e tornar-ſe a recolher ſem offender outras partes; o que não ſuccede com a lanceta, que póde algumas vezes ferir outras partes em qualquer movimento, que o enfermo faça.

tes, a cabeça inclinada para diante, e seja no momento da expiração, para evitar que a materia caia na glottis, e o suffoque, desastre que algumas vezes tem acontecido. Evacuada a materia do abscesso, continuará o doente a gargarejar com agua morna, ou leite por alguns dias, e depois com os cozimentos adstringentes com espirito de vinho, e mel, até que a molestia se dissipe inteiramente. Com tudo se a inflammação se encaminhar a gangrena, o que se conhece pelos symptomas (XIII), usaremos dos antisepticos internos, e topicos; e se o doente estiver a ponto de se suffocar, praticaremos a bronchotomia.

§. X.

Em consequencia desta casta de esquinencia ficão grossuras nas amygdalas, que trataremos como fica dito (II), e a campainha relaxada obstruida, e mais comprida do que he commum, defeito que póde vir por muitas outras causas, e que incommoda muito os enfermos, fazendo hu-

huma eſpecie de titillação na baſe da lingua, na glottis, e partes vizinhas, da qual ſe ſeguem vontades contínuas de engulir, de eſcarrar, e algumas vezes cauſa defeito na pronúncia, e na reſpiração. Se eſte defeito ſe não remedea com os gargarejos tonicos, e adſtringentes, e com certos pós acres, e adſtringentes, como os de pimenta, de ſál commum, de ſal amoniaco, de pedra hume, &c., ſó, ou miſturados com mel, e levados á campainha em huma colhér; então cumpre cortar-lhe a porção, que ſobeja, pegando com huma pinça na ſua ponta, cuja pinça abaixa ao meſmo tempo a lingua, e cortando pelo lugar conveniente com huma tiſoira de pontas rombas (*a*). A ferida, que fica, cura-ſe facilmente com os gargarejos de agua, com agua ardente, e outros ſemelhantes.

Da

(*a*) A facilidade, com que ſe faz eſta operação com a tiſoira, e pinças, diſpenſa os inſtrumentos inventados por Bartholino, e Sculteto, aſſim como tambem os meios, de que ſe tem ſervido alguns para a laqueação da campainha.

Da eſquinencia maligna.

§. XI.

A eſquinencia maligna he huma inflammação das partes da garganta com vermelhidão eſcura, pouca inchação, acompanhada de grande febre com acceſſos precedidos de frios, particularmente de tarde, a cujas horas ſe ſentem os doentes peior do que de manhã, vomitos, anciedades, peſcoço hirto, difficuldade de reſpirar, e a voz rouca.

§. XII.

Eſta eſquinencia contagioſa he commummente epidemica, e depende de venenos, que o ar conduz bebidos pela reſpiração, e he por eſta razão que ataca todas as peſſoas expoſtas ao contagio, nas quaes acha maior diſpoſição conſtitucional, ou local, mas particularmente a gente moça, debil, ou achacada.

§. XIII.

Pouco tempo depois de apparecer eſta moleſtia, ſe deſcobrem nas fauces humas nodoas ſinzentas, as quaes lavrão, e ſe mudão em cruſtas eſpeſſas, que cahindo deixão ulceras, das quaes corre huma materia fetida, que faz o halito inſupportavel. Se eſtas ulceras ganhão huma côr livida, ou negra, e o pulſo ſe torna pequeno, frequente, e irregular, debilitando-ſe as funções animaes, e vindo o delirio, ou a ſonolencia, ſe a pelle ſe cobre de pintas, e a inflammação lavra pela membrana interna do larynx até ao pulmão, difficultando-ſe cada vez mais a reſpiração, o doente morre commummente do terceiro dia por diante com todos os ſymptomas de huma febre putrida.

Se o doente, por effeito da ſua robuſtez, ajudada dos remedios, ou pela pouca força do mal, ateima a viver, a materia abſorvida das ulceras das fauces produz inchações nas glandulas do peſ-

co-

coço, que algumas vezes causão a ſuffocação, e engulida promove frequentes diarrheas.

Cura.

§. XIV.

Como a tendencia deſta moleſtia para a podridão he mui grande, e cauſa muita debilidade conſtitucional, não ſe podem fazer evacuações de ſangue, excepto havendo demaziada plethora, e os ſymptomas inflammatorios levados a grande auge: pelo que os emeticos são muito proveitoſos, aos quaes ſe deve logo ſeguir o uſo dos anti-ſepticos, particularmente a quina, e brandos laxantes, os cliſteres tambem anti-ſepticos, havendo a cautela de não purgar muito, para ſe não augmentar a debilidade. Os veſicatorios á roda do peſcoço, e ventoſas ſarjadas na nuca, são igualmente uteis. Em quanto aos gargarejos, deveráõ ſer anti-ſepticos, e muito amiudados, para que ſe não demore a materia das ulceras nas fauces, e ſe-

ja abſorvida, ou engulida. Se o doente não puder engulir, o que poucas vezes ſuccede, ſe poderá alimentar com as ajudas de caldo de gallinha ſó, ou ajuntando-ſe-lhe alguma gelea; e eſtando proximo a ſuffocar-ſe, praticaremos a bronchotomia.

§. XV.

Quando as ulceras das fauces ganhão hum melhor aſpecto, a febre ſe modera, e as pintas da pelle acabão, paſſados tres, ou mais dias, por eſcamas do epiderme, ſeguidas de ſuores moderados, ſono, vontade de comer, e outros ſinaes de ſaude: o reſto da moleſtia acaba em poucos dias com a continuação dos meſmos remedios augmentados, ou diminuidos, ſegundo o effeito que produzirem.

Da eſquinencia tracheal, ou garrotilho.

§. XVI.

Eſta eſquinencia he a inflammação da glottis, larynx, ou parte ſuperior da tra-

trachea, atacando ſó a membrana mucoſa, que forra eſtes orgãos, ou tambem as vizinhanças, humas vezes limitando-ſe ſó a eſtas partes, outras vezes lavrando para as fáuces, ou para o polmão.

§. XVII.

De qualquer natureza que eſta eſquinencia ſeja, iſto he, benigna, ou maligna, merece todo o cuidado dos praticos; porque he a que mais promptamente póde produzir a ſuffocação em razão de principiar logo a difficultar a reſpiração (*a*), ſeguindo-ſe a voz ſibilante, anciedades, grande aperto doloroſo no larynx, febre, toſſe ſecca, e os mais ſymptomas (XIII), com os quaes perecem os enfermos, ſe não

(*a*) Quando a eſquinencia, ou o primeiro foco da inflammação principia longe do larynx, ainda que venha no ſeu progreſſo a eſtender-ſe a eſte orgão, não produz huma ſuffocação tão prompta, como quando principia no meſmo larynx, e dalli ſe eſpalha pelas partes vizinhas; porque todas as inflammações em geral causão maior inchação nos lugares, onde principião.

não apreſſamos os ſoccorros, que ficão expreſſados (VIII, ou XIV), ſegundo a natureza da eſquinencia, e ſe não prevenimos a ſuffocação com a bronchotomia. Eſta eſquinencia, que ataca principalmente as crianças, poucas vezes he contagioſa, e quaſi ſempre benigna, iſto he, cauſada por frio, e não por veneno, como a maligna, a pezar de ſer muito perigoſa, em razão da ſuffocação, que produz em pouco tempo por effeito do lugar atacado (*a*). Muitas vezes obſervamos ſer a eſquinencia tracheal huma continuação daquella, que ataca as fauces (*b*), e per-

ma-

(*a*) Como eſta moleſtia conſiſte no eſtado inflammatorio da membrana mucoſa, que forra o larynx, trachea, e bronchios, o muco ganha por effeito do calor huma certa conſiſtencia, que o faz parecer ao pus, e daqui vem parecerem os eſcarros purulentos, os quaes os doentes lanção com trabalho, tendo-ſe viſto muitas vezes eſcarrarem porções membranoſas da figura dos canaes, onde ſe fórmão, tomadas por alguns como pedaços da membrana mucoſa; mas que são formadas pelo meſmo muco mais eſpeſſado por effeito do maior calor.

(*b*) Nós ſabemos quanto he facil lavrar huma in-

manecer muito tempo ſem terminar pela reſolução, ou ſuppuração (*a*), vindo a acabar com huma expectoração, ſemelhante á de hum catarro.

§. XVIII.

Todas as vezes que a eſquinencia chegar a eſtado de preciſar da bronchotomia,

---

flammação por ſtructuras analogas; e por iſſo vemos que a inflammação das fauces ſe eſtende algumas vezes até ao eſtomago pelo iſophago, e até ao polmão pela trachea, a que os antigos chamavão a eſquinencia cahida no peito, e ſuppunhão que as ſangrias no pé concorrião para iſto.

(*a*) Cullen attribue a cauſa diſto ao eſpaſmo, que ataca os muſculos da glottis, que induzindo a ſuffocação atalha as communs conſequencias da inflammação: porém eu acho que baſta a inchação da membrana mucoſa, ou a grande quantidade de muco, que ſe filtra por effeito do eſtimulo, e que enche os canaes aereos, para produzirem a ſuffocação, muito particularmente confeſſando o meſmo Cullen, que os anti-ſpaſmodicos não aproveitão neſte eſpaſmo; e igualmente acho que a inflammação póde conſervar-ſe eſtacionaria pela pouca vehemencia das cauſas aſſim proximas, como remotas, e conſequentemente pela pouca reacção da natureza.

mia, iſto he, de ameaçar ao longe a ſuffocação, nos determinaremos a praticalla, excepto quando a moleſtia ſe propaga até ao polmão, e reduzir eſte orgão ao eſtado inflammatorio, a que chamão *angina pectoris*, ou os bronchios ſe encherem de lympha; porque neſtes caſos não aproveita a operação; em razão de continuar huma grande parte do mal para baixo do lugar, onde eſta ſe pratica. O meſmo obſervaremos a reſpeito dos corpos eſtranhos, que, paſſando da parte média da trachea para baixo, não ſobem mais, a pezar de todos os meios empregados para os fazer ſubir. Decidida a neceſſidade da operação por qualquer das cauſas referidas (II), ſe praticará do modo ſeguinte.

Da operação chamada bronchotomia.

§. XIX.

Sentado o doente em huma cadeira, ou na borda da cama (*a*), com a cabeça di-

(*a*) Bell prefere deitar o doente em cima de hu-

direita, e encoſtada ao peito de hum ajudante, o qual a ſegura, toma o operador huma prega tranſverſal na pelle, juſtamente no meio, e parte anterior do eſpaço, que ha entre o larynx, e o oſſo ſterno, cuja prega, ſegura de hum lado por hum ajudante, e do outro pelo operador com os dedos da mão eſquerda, corta de cima para baixo com hum biſturi, ou eſcalpello, que tem na mão direita. Eſta incisão, que deve ter o comprimento de huma pollegada, comprehendendo a pelle, e gordura, deſcobre os muſculos ſterno-thyroideos, os quaes o operador ſepara hum do outro, cortando a cellular, que os une, até deſcubrir a trachea na extensão de mais de meia pollegada. Iſto feito, fórma a ferida com fios ſeccos por algum

ma meza com a cabeça dobrada para trás: porém eſta ſituação tem os inconvenientes ſeguintes, 1.° ſuffocar-ſe mais o doente: 2.° não ſe poder tomar huma prega na pelle, com a qual ſe faz a operação mais facil: 3.° cahir o ſangue da operação dentro da trachea, quando ſe penetra, e cauſar toſſe, ou ſuffocar o enfermo.

eſpaço de tempo, para eſtancar o ſangue, que corre dos pequenos vaſos; e ſe ſe ferir algum conſideravel, dos que ſe diſtribuem na glandula thyroidea, o laqueará por meio do tenaculo (*a*). Muitas vezes he preciſo, que paſſe huma hora, duas, ou mais tempo, para ſe eſtancar o ſangue: pelo que convem anticipar a operação, para ſe expender eſte tempo ſem o perigo de ſe ſuffocar o enfermo. Não ſe podendo tomar a dita prega, atezará o operador a pelle, que cobre a parte anterior da garganta, ſituando os dedos pollegar, e indicador eſquerdos aos lados da trachea, para que, tenſa a pelle, a poſſa cortar, e dirigir melhor o golpe.

Eſ-

(*a*) Fazendo-ſe a operação no lugar mencionado, não ſe deſcobre a glandula thyroidea; e por tanto não ſe ferem os ſeus vaſos, o que póde acontecer principiando-ſe o córte immediatamente abaixo do larynx. Todavia ſe algum corpo eſtranho demorado neſte lugar obrigar a praticar alli a operação, nenhuma dúvida póde haver em ſe fazer meſmo ao travéz da glandula, tomando-ſe o ſangue como fica dito, aſſim como tambem ſe a glandula ſe achar enfartada, e deſcida abaixo dos ſeus limites ordinarios.

Eſtancado o ſangue, proſegue o operador no reſto da operação, penetrando a trachea com huma lanceta de ponta curta, e larga, cortando com ella tranſverſalmente a porção ligamentoſa, que une os aneis cartilaginoſos. Nada importa que a penetração ſe faça entre o ſegundo, e terceiro, terceiro, ou quarto aneis; o que importa he penetrar eſte canal, e quanto mais abaixo melhor. Feita a penetração, toma o operador huma canula de prata chata, ligeiramente curva, romba, e penetrada de muitos buracos, como a ponta de huma algalia, e a introduz na trachea de modo, que a ſua ponta não toque a parede poſterior deſte canal, para não excitar a toſſe. Eſta canula deve ter o comprimento de pollegada e meia até duas pollegadas; e para que ſó entre na trachea a porção, que convem, ſe fará paſſar ao travéz de chumaços furados, feitos de panno fino, os quaes não ſó lhe diminuem o comprimento, mas ſervem de appoſitos á ferida. Situada a canula,

ſe prende com fittas ao redor do peſcoço pelos aneis, que tem junto ao ſeu bocal, o qual deve ſer cuberto com hum bocado de panno tranſparente, para impedir a entrada á poeira, ou couſas ſemelhantes.

Como os chumaços, de que fallei, cobrem a ferida, não ſe preciſa de mais appoſitos, e ſó ſe preciſa augmentar-lhes, ou diminuir-lhes a eſpeſſura, ſegundo o augmento, ou diminuição da inchação exterior, para que ſe conſerve a porção neceſſaria da canula dentro da trachea. Quando a ferida ſe muda em chaga, untaremos o primeiro chumaço com gemma d' ovo ſó, ou miſturada com balſamo de Arceo, para ajudar a ſuppuração.

No caſo, em que as bordas da ferida inchem muito, e puxem a canula para fóra, cortaremos com huma tiſoira parte dos chumaços, para os carregarmos mais para dentro; e ſe for preciſo alimpalla, porque ſe vá entupindo com o muco da trachea, a tiraremos fóra para ſe alimpar, ou ſubſtituiremos outra em ſeu lugar, pa-

ra o que deveremos ter feito a penetração baſtantemente larga, cortando, ſe for preciſo, hum, ou mais aneis de cima para baixo, como ſe deve fazer para tirar os corpos eſtranhos, ſem que diſto ſe ſiga prejuizo algum ao enfermo; e ſerá meſmo muito util não uſar da canula, ſe o doente puder reſpirar bem ſem ella, ou ſe ſe entupir a miudo, o que depende da tenacidade, e abundancia do humor tracheal; cubrindo-ſe então a ferida externa com hum emplaſtro adheſivo, furado no meio.

Da laryngotomia.

§. XX.

Alguns praticos propõem a laryngotomia com preferencia á bronchotomia, ou tracheotomia nos caſos de prevenir a ſuffocação, a qual ſe póde praticar entre as cartilagens thyroidea, e cricoidea, cortando-ſe tranſverſalmente o ligamento, que as une, o qual ſe deſcobre aſſim que ſe faz a incisão longitudinal nos tegumen-

mentos , por ſer a parte mais deſnudada do larynx. Tambem ſe póde fender longitudinalmente a cartilagem thyroidea , para , no caſo de ſer preciſo tirar algum corpo eſtranho demorado no larynx , ſe poderem introduzir as pinças , com as quaes ſe faz a extracção.

§. XXI.

De qualquer modo , e em qualquer lugar , que ſe pratique a penetração da guela do ar, convem tentar a união aſſim que ſe remove a cauſa : pelo que ſendo eſta corpos eſtranhos, podemos unir a ferida, apenas os extrahimos ; e ſendo alguma das outras cauſas mencionadas , a conſervaremos aberta , em quanto o enfermo não puder reſpirar livremente pelas vias naturaes. (*a*)

CA-

(*a*) A bronchotomia pratica-ſe com muita facilidade , e não encerra perigo algum , como moſtrão muitas obſervações de feridas profundas no larynx , e trachea , e a meſma operação algumas vezes praticada : com tudo faz-ſe mui pouco uſo della em prejuizo dos miſeraveis enfermos , que morrem ſuffocados hu-

CAPITULO II.

Dos corpos eſtranhos no pharynx, e eſophago.

§. XXII.

HA muitos corpos, que podem ficar demorados na guela do comer deſde o pharynx até o eſtomago, particularmente abaixo do meſmo pharynx, ou por cima do diaphragma.

E.ſ-

mas vezes por lhes negarem eſte ſoccorro, outras por lho adminiſtrarem muito tarde.

Deſde o tempo de Hippocrates até o de Aſclepiades, que propoz a incisão no larynx, ſerviáo-ſe os praticos para valerem aos ſuffocados de hum canudo, que mettião na garganta. Paulo d'Egine foi o primeiro, que deſcreveo a bronchotomia praticada abaixo do larynx entre o terceiro, e quarto aneis da trachea, por ſer o lugar mais deſcuberto, e longe de vaſos groſſos. Fabricio d'Aquapendente parece ter ſido o inventor da canula, que aconſelha em quanto dura a ſuffocação. Caſſerio recommenda, que a canula ſeja de prata, curva, e penetrada de buracos. Deckers propoz em 1675, que ſe praticaſſe eſta operação com hum pequeno trocarte, cuja canula devia ficar na trachea, e devia ter precedido a incisão longitudi-

§. XXIII.

Eſtes corpos ou podem ſer alimentos mal maſtigados, como bocados de pão, de carne, de frutas, &c., e meſmo oſſos, eſ-

---

nal nos tegumentos, para mais facilidade da penetração; cujo methodo ſó differe do que Sanctorio aconſelha, em que Sanctorio propõe o trocarte, que inventára para a paracenteſis do ventre. A utilidade deſte methodo eſtá em impedir a canula a entrada do ſangue na trachea; mas eſta utilidade não contrabalança a pequena penetração, que fica, e a difficuldade de ſe tornar a introduzir a canula, no caſo de ſahir, ou de ſer preciſo tirar-ſe.

Dionyſio, que ſó admitte a bronchotomia nas eſquinencias inflammatorias, quer que ſe faça a penetração dos tegumentos, e trachea tudo junto: mas eſte methodo, que elle julgou mais expedito, e menos doloroſo, tem com tudo muitos inconvenientes, como não ſe poder conhecer bem o eſpaço dos aneis, fugir a trachea ao bronchotomo, e mais que tudo poder ferir-ſe a parede poſterior da meſma trachea: não obſtante, Garengeot apoia eſte methodo. Platner rejeita a canula, e o trocarte. Bauchot inventou huma meia lua de aço, que fixa a trachea, e ſerve de conductor ao trocarte chamado bronchotomo, o qual he chato, aſſim como tambem a ſua canula: porém a pezar de ter havido ſectarios deſte methodo, com tu-

eſpinhas, e caroços, que ſe mettem na boca, envolvidos, ou eſcondidos com os alimentos, ou outras ſubſtancias mettidas imprudentemente na boca, as quaes eſcapão para o pharynx, e eſophago, como

do tem ſido deſprezado, e com razão; porque o geralmente adoptado he mais ſimples, e mais ſeguro. Quando todos os praticos tem já como couſa certa, que a canula ſe póde diſpenſar na maior parte dos caſos, diz Bell que nós ſabemos por experiencia, que duas canulas produzem melhor effeito neſta operação, do que huma ſó; porque tirando-ſe a interna, para ſe limpar, fica a externa ſervindo para a reſpiração. O invento deſtas duas canulas por George Martin tem o inconveniente de carecer de huma maior abertura, e em tal caſo podem diſpenſar-ſe ambas; porque as grandes aberturas não ſe tapão tão facilmente pelas excreções da trachea, e boſe, como ſe tapão as canulas. O meſmo A., que attribue a Richter a invenção da canula curva, diz que a recta ſe conſerva melhor, e que ſe póde tirar, e metter mais facilmente, por cuja razão ſe não deve adoptar a canula curva. Todavia a canula curva deve preferir-ſe á recta, ſendo preciſa, por não tocar na parede oppoſta da trachea, e porque a ligeira curvatura, que ſe-lhe dá, não impede o tirar-ſe, e metter-ſe quando for preciſo.

Tem-ſe inventado muitas ligaduras, e máquinas para conſervar a canula no ſeu lugar, entre as quaes

agulhas, alfinetes, dinheiro, e tudo o mais, que pela figura, e volume poſſa caber na boca, e eſcapar para a guéla, o que he muito trivial nas crianças, e doudos.

§. XXIV.

Todos os corpos demorados no pharynx, e eſophago causão graves incommodos, naſcidos ou do volume dos meſmos corpos, ou da ſua figura, ſuperficie, e qualidades. Em conſequencia do volume ſeguem-ſe dores locaes contínuas, ou intermittentes, nauſeas, e vomitos, movimentos convulſivos, cara inchada, e vermelha, olhos incendiados, e hum pouco ſahidos das orbitas, difficuldade de engulir liquidos, os quaes ſahem pelos narizes, e ultimamente difficuldade de reſpirar maior, ou menor, ſegundo a compreſ-

a de Monro, que ſe acha repreſentada na Eſtampa XXIII. das Obras de Bell, volume 2. pag. 423, he a melhor, porém deſneceſſaria, aſſim como todas as outras; porque as fittas, e algumas voltas de circular ao redor do peſcoço, furadas no lugar da canula, enchem bem o meſmo fim.

preſsão, què o corpo eſtranho fizer contra a trachea, ſeguindo-ſe meſmo a ſuffocação. Em conſequencia da figura, qualidades, e ſuperficie, por effeito das quaes ferem, picão, ou irritão o canal, ſeguem-ſe dores permanentes, effusão de ſangue, vomitos, frequentes vontades de engulir, mas com difficuldade, inflammação, febre, ſuppuração, ou gangrena.

§. XXV.

Quando os corpos eſtranhos são tão volumoſos, que impedem a deglução, e ameação a ſuffocação, cumpre livrar o enfermo do perigo com a brevidade poſſivel, extrahindo-ſe, ou conduzindo-ſe para o eſtomago. Se elles párão no pharynx, ou principio do eſophago, podem tirar-ſe facilmente com as pinças rectas, ou curvas, particularmente deſcubrindo-ſe com a viſta, e abaixando-ſe a baſe da linguá com o indicador eſquerdo: porém ſe ſe não deſcobrem, ou as pinças lhes não chegão, então os faremos paſſar para o

eſtomago. A induſtria tem fornecido deſde todos os tempos muitos meios para conſeguir eſte fim ; mas aquelle que mais promptamente ſe nos apreſenta he huma véla de cera, a qual deve ter ſinco linhas de diametro, e pé e meio, ou mais de comprido ; e dando-ſe-lhe huma ligeira curvatura, e untando-ſe com azeite, ou oleo de amendoás, ſe introduz pela boca, pharynx, e eſophago até ao eſtomago, mettendo-á, e tirando-a com muita brevidade, ſentado o doente em huma cadeira, com a cabeça encoſtada ao peito de hum ajudante. Se o corpo eſtranho he macio, como carne, pão, ou algum bocado de fruta mal maſtigado, vai facilmente ao eſtomago ; porém ſe he hum oſſo, caroço de fruta, ou couſa ſemelhante, tem mais difficuldade em ſe deſtacar, e he preciſo repetir a introducção da véla mais vezes, até ſe conſeguir a paſſagem para o eſtomago. No caſo de poder perigar a vida do engaſgado pela ſuffocação, e a compreſsão do corpo eſtranho contra

a trachea for para cima do lugar, onde ſe faz a bronchotomia, praticaremos eſta operação ſem perda de tempo, e depois cuidaremos em deſobſtruir o eſophago.

Da eſophagotomia.

§. XXVI.

Se o corpo eſtranho ſe encalhar no eſophago de tal modo, que não poſſa ſer tirado, nem conduzido para o eſtomago, e for das claviculas para cima, apreſentando hum tumor ſenſivel exteriormente, cauſado pela ſua preſença, recommendão alguns praticos a iſophagotomia, a qual ſe pratíca do modo ſeguinte. Sentado o engaſgado em huma cadeira com a cabeça inclinada para trás, e encoſtada ao peito de hum ajudante, que a ſegura, o operador corta longitudinalmente a pelle, e muſculo cutaneo do lado eſquerdo ſobre todo o comprimento do tumor, ou fazendo a préga como na bronchotomia, ou atezando a pelle com o pollegar, e indi-

ca-

cador eſquerdos. Cortada a pelle, e cellular, que ha entre os muſculos ſterno-thyroideos, e ſterno-hyoideos, hum ajudante aparta eſtes muſculos com os dedos, ou ganchos rombos, em quanto o operador corta longitudinalmente o eſophago, e extrahe o corpo eſtranho com os dedos, ou com as pinças, ſeguindo depois a união por primeira intenção com a coſtura ſecca, e ligaduras, defendendo ao enfermo o uſo de alimentos aſſim ſolidos, como liquidos, e mandando-o ſuſtentar os primeiros oito dias com frequentes ajudas de caldo, a que ſe ajunte alguma gelea (*a*). Se no progreſſo da ope-

ra-

(*a*) Verduc deo as primeiras idéas deſta operação, dizendo que as difficuldades, que ella apreſenta, são bem compenſadas com a ſatisfação de ſalvar huma vida. Guattani, Cirurgião em Roma, movido das reflexões, que lhe ſuggerio hum engaſgado com huma caſtanha cozida, que elle tirou inteira depois da morte, abrindo-lhe o peſcoço, deo á Academia hum enſaio ſobre a eſophagotomia, no qual determina o lugar, onde eſta operação ſe deve fazer, e o methodo de a praticar, enſaio que a meſma Academia adoptou, ajuntando-lhe o extracto de duas obſervações ſo-

ração ſe ferir algum vaſo groſſo, ſe laqueará por meio do tenaculo.

§. XXVII.

Sendo porém os corpos eſtranhos pouco volumoſos, mas que pela figura, ſuperficies, ou qualidades, como agulhas, alfinetes, eſpinhas, eſquirolas de oſſos, peças metallicas, caſcas de mariſcos, &c. chamarem os ſymptomas (XXIV), hç preciſo extrahillos, conduzillos ao eſtoma-

bre o ſucceſſo feliz deſta operação praticada duas vezes nos vivos por Gourſaud, e Roland. Com tudo eu eſtou perſuadido, que eſta operação bem poucas vezes ſerá preciſa; porque ſe o corpo eſtranho ſe encalha das claviculas para baixo, e não póde ſer tirado, nem conduzido para o eſtomago, o enfermo morre, ou por effeito da ſuffocação, ou por effeito da inflammação, ſuppuração, e gangrena, que o dito corpo excita: e ſe ſe encalha das claviculas para cima, póde tirar-ſe com as pinças curvas, que chegão até eſte lugar, meio, ainda que trabalhoſo, menos arriſcado do que a operação, a qual ſó poderá ter lugar, ſe, a pezar de todas as diligencias, ſe não puder abſolutamente deſtacar o corpo eſtranho, e a vida do engaſgado eſtiver em grande perigo.

mago, ou deixallos para cahirem, diſſolvendo-ſe, ou induzindo a ſuppuração, com a qual ſe deſpeguem.

Os que convem extrahir são aquelles, que ou podem chamar grandes inflammações, e ſuppurações, ou que, indo para o eſtomago, podem offender eſte orgão, o canal inteſtinal, e outras partes (*a*), como bocados de oſſos agudos, peças metallicas cortantes, ou picantes, caroços de certas frutas, e outros corpos, que

(*a*) Não ſe póde duvidar, que muitos corpos duros, e volumoſos, que o eſtomago não póde digerir, tem corrido todo o canal inteſtinal, e ſahido pelo anus, ſem cauſarem a menor deſordem, ou ao menos deſordens muito paſſageiras, ao meſmo tempo que outros menores tem cauſado grandes eſtragos, ou a morte, humas vezes inflammando o canal, onde encalhão, outras vezes rompendo-o, e indo formar inflammações, e abſceſſos em differentes lugares, como nas paredes do ventre, nas vizinhanças do anus, &c., e alguns tem ſido conduzidos a partes mui remotas, em razão das ſuas figuras, como agulhas, alfinetes, e outros, atraveſſando muſculos, membranas, e a pelle, pela propria acção das partes, ſem cauſarem deſordens conſideraveis.

que não podem paſſar pelo piloro, e mais reſto do canal, em razão de ſe poderem atraveſſar.

§. XXVIII.

Por differentes meios ſe póde fazer a extracção, ſegundo a ſituação do corpo eſtranho. Se eſte ſe acha no pharynx, ou parte ſuperior do eſophago, póde tirar-ſe com os dedos, ou com as pinças, como fica dito: porém achando-ſe fóra do alcance das pinças, poderemos fazer uſo 1.° dos ſternutatorios, emeticos, ou cocegas no pharynx com huma penna, meios, pelos quaes são expulſados muitas vezes os ditos corpos, aſſim como tambem com pancadas entre as eſpadoas: 2.° do gancho, ou anzol (*a*), fazendo-o paſſar para baixo do lugar, onde ſe acha o corpo eſtranho marcado pela dor aguda, e reti-

(*a*) Os ganchos, ou anzoes fazem-ſe de differentes materias, como de aço flexivel com a ponta do gancho acabada em botão, para não ferir o eſophago; de prata, de chumbo, &c.: porém os melhores são feitos de hum arame de prata dobrado, e torcido, cuja dobra hum pouco aberta fórma o gancho.

rando-o de modó, que enganche o dito corpo, para o que ſe voltará o anzol para todos os lados até o topar, e extrahir: 3.° da eſponja ſegura na ponta de huma haſtea de barba de balêa, cujo inſtrumento ſe chama deglutidor, e he mais proprio para conduzir os corpos eſtranhos ao eſtomago, e abrir o eſophago nas conſtricções eſpaſmodicas, do que para fazer a extracção. Com tudo o deglutidor de Wilis, e de Petit (*a*) são mui proprios

pa-

(*a*) Wilis comprimia a eſponja com algumas voltas de fitta, que, ſerpejando a haſtea, ſe desfazem facilmente, e deixão a eſponja dilatada abaixo do corpo eſtranho, para o arraſtar quando ſe puxa para cima. Petit inventou hum canudo elaſtico feito de hum arame de prata enrolado eſpiralmente, o qual contém dentro da extremidade a eſponja comprimida, e preza a hum eſtilete, por meio do qual ſe faz ſahir a eſponja abaixo do corpo eſtranho, para o arraſtar, tirando-ſe tudo junto. Eu não fallarei dos deglutidores, que tem argolinhas encadeadas, ou ſeda em lugar da eſponja; porque os julgo mais inſufficientes do que os ganchos, ou deglutidores, que diſſe, nem tão pouco da eſponja preza a hum fio, e engulida, para ſe puxar fóra pelo dito fio, porque póde ficar a cima do corpo eſtranho, e não produzir effeito.

para extrahir os ditos corpos ; porque a eſponja paſſa comprimida para baixo do obſtaculo, e vem dilatada para cima.

§. XXIX.

Se por eſtes meios não conſeguirmos extrahir os corpos eſtranhos, cumpre deixallos, adietar, ſangrar, e diluir o paciente, ſegundo as forças, e mais circumſtancias, para prevenir quanto for poſſivel a inflammação, e mais ſymptomas, fazendo-lhe beber a miudo colhéres de leite, cozimentos emollientes, ou liquidos, que tenhão a propriedade de atacarem, e diſſolverem o corpo eſtranho, como acidos, ſendo caſcas de mariſcos, &c.

§. XXX.

Os corpos eſtranhos, que ſe podem conduzir ao eſtomago ſem perigo, são oſſos lizos, bocados de carne, caroços de frutas lizos, frutas inteiras, ou mal maſtigadas, codeas de pão, peças metal-

licas redondas, ou lizas (*a*), e couſas ſemelhantes, para o que faremos beber liquidos, ou engulir pão mal maſtigado ao engaſgado, e ſe não baſtar, uſaremos da véla, ou do deglutidor.

§. XXXI.

Os corpos, que devemos deixar ficar, são os que lésão pouco a deglução, e nada a reſpiração, como agulhas, alfinetes, bocados de caſcas de mariſcos, eſpinhas de peixe, pequenas eſquirolas de oſſos, e couſas ſemelhantes, havendonos como fica dito (XXIX).

Lo-

(*a*) Não he preciſo dar ao enfermo certos acidos, que tem a propriedade de diſſolver os metaes, quando ſemelhantes corpos cahem no eſtomago; porque além de ſerem eſcuſados, como moſtra a experiencia, podem reſultar venenos, que inflammem, ou deſtruão as primeiras vias, cauſando a morte, como o acido muriatico, vinagre, &c. Todavia o ſumo de limão produz bons effeitos, diſſolvendo as caſcas dos mariſcos.

§. XXXII.

Logo que os corpos eſtranhos cahem no eſtomago, he preciſo promover a ſoltura do ventre com os cliſteres, e brandos purgantes, e prevenir os effeitos, que podem cauſar, ſegundo a ſua natureza, com ſangrias, diluentes, leite, e mais remedios, que parecerem convenientes.

CAPITULO III.

Das operações, que ſe praticão na boca.

§. XXXIII.

Do labio leporino.

CHama-ſe labio leporino a divisão do beiço de cima, que o faz parecer com o beiço de lebre.

§. XXXIV.

O labio leporino ou he natural, ou accidental. O natural depende de huma con-

conformação vicioſa, com que as crianças vem do ventre materno, e póde ſer ſimples, ou complicado. Simples, quando ha huma ſó divisão, e ſe limita ao beiço. Complicado, quando ha 1.° mais de huma divisão, reſultando humas vezes ficar hum botão ſeparado entre as margens da divisão, outras vezes deſcrever eſta a figura da letra M: 2.° a continuação da divisão na articulação dos oſſos maxillares, e palatinos, aſſim como tambem da membrana palatina, que os cobre, ficando communicada a boca com as cavidades do nariz: 3.° huma excreſcencia oſſea dos maxillares, ou algum dente entrepoſto: 4.° adherencias das porções ſeparadas com a margem alveolar. O accidental depende de cauſas externas, como pancadas, quédas, cutiladas, navalhadas, &c.; e póde ſer recente, ou antigo, ſimples, ou complicado, com fractura dos dentes, ou dos queixos.

§. XXXV.

Eſta moleſtia, que ſe conhece pela viſ-

viſta, e pelo tacto, não ſó apreſenta huma deformidade repugnante ás peſſoas, que a vem, mas deixa eſcapar involuntariamente a ſaliva da boca, deſordena a deglução, e pronúncia, fazendo a voz fanhoſa; além diſto as crianças não podem mammar, e ſe o ceo da boca he tambem dividido, ſahe o leite pelos narizes. Para ſe remediarem eſtes inconvenientes, poremos as margens da divisão em eſtado de ſe unirem, ſe a união for praticavel, (*a*), iſto he, ſe as ditas margens ſe puderem chegar huma á outra.

O

(*a*) Nem ſempre a união he praticavel, em razão do grande eſpaço, que deixão entre ſi as partes divididas, não por haver perda de ſubſtancia, como ſe tem penſado, mas porque as fibras muſculares, e tegumentos ſe tem encolhido muito, ou porque falta o apoio dos oſſos maxillares, quando eſtes ſe apartão muito, ſobre o qual ſe poſsão manter em contacto as meſmas partes divididas. Do dito encolhimento reſulta a perda apparente de ſubſtancia, e ficarem os extremos divididos muito mais groſſos do que o reſto do beiço. Eſte vicio de conformação, particular ao beiço de cima, poucas vezes he irremediavel: todavia eu tenho achado alguns, nos quaes era abſolutamente im-

§. XXXVI.

O labio leporino accidental, e recente une-ſe por primeira intenção com a coſtura ſecca, e ligadura; para o que o Cirurgião alimpa a ferida de todos os corpos eſtranhos; e fazendo hum ponto falſo dobrado, baſtantemente comprido, de modo que chegue ás maçans do roſto, o applica como fica dito na coſtura ſecca, ſeguindo-ſe a applicação de dous chumaços aos lados da ferida, huma prancheta entre eſtes molhada em agua ſaturnina, o terceiro chumaço, que cobre tudo, e ultimamente a ligadura, a qual ſe faz do modo ſeguinte. Toma o Cirurgião huma atadura do comprimento de quatro varas, e meia pollegada de largo, enrolada em dous globos deſiguaes; e applicando o ſeu meio por baixo da nuca, conduz os glo-

poſſivel chegarem-ſe as partes divididas humas ás outras, e por conſequencia fóra dos ſoccorros cirurgicos, a não ſer o obturador, para facilitar a deglução, e pronúncia.

globos por baixo das orelhas a cruzar hum pelo outro ſobre a ferida (*a*); e levando-os outra vez á nuca por cima das orelhas, os torna a trazer como na primeira volta; e fazendo aſſim tres circulares, acaba com duas, ou tres ao redor da cabeça. Iſto feito, ordenará a dieta liquida, quietação, e os remedios, que o enfermo ha de tomar.

§. XXXVII.

Se a divisão do beiço ſe complicar com ferida das gengivas, com fractura dos dentes, ou queixo, e houverem eſquirolas, que impidão a união, as tiraremos, e metteremos hum bocadinho de panno fino entre as gengivas, e o beiço, para impedir a adherencia deſtas partes. Não ſendo o labio leporino recente, e achando-ſe as margens da divisão cicatri-

(*a*) Eu não fallarei das fendas recommendadas por muitos, para ſe paſſar hum globo por dentro dellas; porque são eſcuſadas nas ataduras eſtreitas, além das prégas, que ficão, magoarem alguma couſa as partes.

zadas, as cortaremos, para que, reduzidas a feridas freſcas, poſsão unir-ſe huma á outra. Paſſados quatro, ou ſinco dias, levanta-ſe o apparelho, menos o ponto falſo, para ſe applicar outro, e limpar alguma humidade da ferida; e ſe algum accidente não tem deſtruido a união, podemos dalla por ſegura no fim de doze, ou quinze dias.

Da operação do labio leporino.

§. XXXVIII.

Para ſe praticar a união no labio leporino natural, he preciſo reduzir a feridas freſcas as margens da divisão; para o que o operador fará aſſentar o paciente em huma cadeira defronte de boa luz com a cabeça ſegura por hum ajudante ſituado por detrás delle, ſendo peſſoa, que tenha tino; e ſendo criança, no collo de huma mulher com a cabeça, e mãos ſeguras por ajudantes (*a*). Então o operador ſitua-

(*a*) Bell manda deitar a criança ſegura por aju-

tuado diante do enfermo mette huma lamina de chumbo boleada entre as gingivas, e o beiço, e a manda ſegurar por hum ajudante, para ſobre ella cortar de cima para baixo as margens da divisão, as quaes elle comprime contra a dita lamina. Os córtes de ambos os lados devem encontrar-ſe na parte ſuperior da divisão em angulo agudo, e devem deixar as margens niveladas de modo, que ſe ajuſtem bem huma com outra. Havendo algum botão iſolado no meio da divisão, ſerá extirpado para não impedir a união; porém ſe em lugar de hum botão for huma grande porção, que faça o labio leporino dobrado, então cumpre cortar-lhe as margens como fica dito, e chegar-lhe as da divisão, para ſe unirem. (*a*)

dantes em cima de huma meza, eſquecido de que o ſangue neſta poſtura corre para dentro da boca, e engaſga o paciente.

(*a*) He mui provavel que os antigos fizeſſem eſtes córtes com o biſturi: porém nós não o ſabemos; porque nos ſeus eſcritos não achamos o modo, por que elles operavão. Sculteto foi hum dos primeiros

Se as gengivas ſe acharem adherentes ao labio, he preciſo dividir eſtas partes, não ſó para ſe poder ſituar a lamina de chumbo, mas para ſe poderem aproximar as margens da divisão. Havendo algum dente entrepoſto, que embarace a união, deve tirar-ſe, aſſim como tambem cortar-ſe alguma excreſcencia oſſea dos maxillares com a tenaz inciſiva, ſe eſta cau-

que ſe ſervio da tiſoira, cujo methodo ſeguírão muitos praticos, huns ſegurando o labio com as pinças de páo, de que falla Marco Aurelio Severino, e outros com o pollegar, e indicador eſquerdos, para evitarem as pizaduras feitas pelas pinças: mas como a tiſoira piza ao meſmo tempo que corta, tem por tanto ſido abandonada, e todos preſentemente ſe ſervem do canivete. Bell diz que ſegure o operador hum lado do beiço com o pollegar, e indicador da mão eſquerda, para o cortar com hum eſcalpello de baixo para cima, e que tendo feito iſto de hum lado, faça o meſmo do outro: porém eu acho que os córtes feitos por eſte modo tem mais difficuldade, e não ficão tão iguaes como cortando-ſe ſobre a lamina de chumbo. O meſmo A. recommenda em outra parte, que ſe ſegure o beiço com a tenaz curva, ſe os dedos não baſtão: mas o methodo, que eu adopto, diſpenſa todos eſtes inſtrumentos.

cauſar impedimento á união. O apartamento dos maxillares, ainda que ſeja grande, não contra indica a união do beiço, com tanto que as partes divididas ſe poſsão chegar huma á outra; e para que não falte apoio no lugar da falta do oſſo, a ſuppriremos com huma lamina de chumbo accommodada ao lugar. Se em conſequencia dos córtes correr muito ſangue, formaremos com fios ſeccos por algum tempo, para depois praticarmos a coſtura ſecca, e ligadura como fica dito (XXXVI). Não podendo o operador com os dedos da mão eſquerda aproximar as bordas do labio huma á outra de modo, que fiquem bem iguaes, hum ajudante ſituado por detrás do enfermo puxará com as duas mãos as faces para diante, em quanto o meſmo operador applica o ponto, ou pontos falſos. (*a*)

Em

(*a*) Os antigos uniáo o labio leporino com coſtura verdadeira, cuja coſtura foi chamada encruzada; e para a praticarem, preparavão duas, tres, ou mais agulhas, ou alfinetes, e fios feitos de duas, ou mais linhas, que paſſavão ao redor das agulhas, depois de

Em quanto ao tempo, em que ſe deve praticar eſta operação, ha varias opiniões; porque huns querem que ſe defira para quando a criança pela ſua razão ſe ſujeite á operação, outros que ſe pratique aos quatro mezes, e outros finalmente apenas naſcida. Eſtes ultimos são os que

---

ſituadas no ſeu lugar. Acabada a primeira parte da operação, iſto he, cortadas as margens da divisão, igualavão bem o beiço, e paſſavão a primeira agulha junto á borda inferior, tomando tres, ou quatro linhas de margem, e fazendo-a ir mui proximo da ſuperficie interna, ſahia a igual diſtancia no lado oppoſto. Paſſada aſſim a primeira agulha, paſſavão do meſmo modo a ſegunda, e terceira, e depois com hum fio davão varias voltas ao redor dos extremos de cada huma das agulhas, ou deſcrevião ſobre ellas hum 8, como fazem os alfaiates quando ſegurão a agulha na manga da caſaca. Feito iſto, applicavão huma prancheta em cima da ferida, chumaços, e atadura contentiva. A invenção deſta coſtura, que tambem ſe praticou nos tendões, foi huma conſequencia da pouca ſegurança da coſtura commum; porque os pontos cortavão as carnes, e ficava a operação ſem effeito: e como as agulhas de ferro com pontas triangulares, redondas, ou á maneira de lança, criavão ferrugem, que difficultava a ſua ſahida, inventárão agulhas de

que devemos seguir: porque, além das razões, que elles allegão, como maior encolhimento, a difficuldade de mammar, engulir, conter a saliva, do que se segue a magreza, e muitas vezes a morte, accresce mais a de não ser precisa a costura verdadeira, para a qual era mister, que o bei-

---

ouro, de prata, e de cobre com pontas de aço, e finalmente alfinetes, para evitar de hum lado que os extremos pegassem em alguma cousa, e do outro ou lhe cortavão as pontas com a tenaz incisiva, ou as boleavão com cera, ou finalmente as guarnecião com pequenos chumaços, que mettião entre ellas, e a pelle. Nada parece tão extraordinario como haver ainda hoje quem, como Bell, prefira esta costura á simplicidade da costura secca, e ligadura, suppondo que a costura verdadeira terá mais poder de conservar as partes aproximadas, do que os emplastros, e ligadura. Eu encontro nestes ultimos meios não só a propriedade de conservarem unidos com muita igualdade os labios da ferida, mas tambem a de impedirem o encolhimento das partes vizinhas, em razão de as puxarem de mais longe para o centro, propriedade que se não encontra na costura verdadeira, a qual só aproxima os labios, sem impedir o encolhimento; e daqui vinhão os symptomas apontados por todos, que fazião muitas vezes inutil a operação.

beiço ganhaſſe mais conſiſtencia, do que a que tem nos recem-naſcidos.

Se a união ſe não puder conſeguir, ou porque ſobrevenha inflammação, ou porque a cura ſe deſmanche, eſperaremos que as incisões granulem; e neſte eſtado applicaremos a coſtura ſecca, e ligadura, com as quaes ſe conſegue a união do meſmo modo que nas feridas recentes. Eu não fallarei do preparo dos doentes para eſta operação, aſſim como tambem da eſtação favoravel; porque acho eſcuſadas eſtas prevenções, particularmente não ſendo preciſa a coſtura verdadeira.

Quando eſta operação ſe pratíca nos recem-naſcidos, cumpre alimentallos com colhéres de leite, para lhes evitar o mammar, aſſim como tambem não lhes metter couſa alguma entre o beiço, e as gengivas; porque póde facilmente eſcapar, e engaſgallos, ou motivar-lhes choros, com os quaes ſe póde desfazer a cura.

Com-

§. XXXIX.

Complicando-ſe o labio leporino com a ſeparação dos maxillares, he preciſo tapar eſta communicação com os narizes, para ſe favorecer a deglução, e tornar a pronúncia, e voz mais clara; o que faremos com huma lamina de ouro, ou prata, accommodada ao lugar, e ſuſpenſa na ſeparação dos oſſos com molas mui flexiveis do meſmo metal, ou com eſponja, a qual, aſſim como as molas, ſe fixão na parte convexa deſta lamina, chamada obturador, e ſe entalão na dita ſeparação dos oſſos.

Da união dos beiços.

§. XL.

Os beiços podem achar-ſe unidos nas crianças recem-naſcidas por huma conformação vicioſa, ou virem a contrahir-ſe em qualquer idade por muitas cauſas, como chagas procedidas de eſcaldaduras, de bexigas, de veneno venereo, da diſ-

poſição eſcrofuloſa, &c. No primeiro caſo, ou os beiços ſe achão unidos em toda a ſua extensão, e o vicio de conformação ſe chama imperfuração da boca, ou ha huma pequena abertura. Se ha a pequena abertura, convem augmentalla, mettendo-ſe entre os beiços e gengivas a tenta canula, e cortando com hum biſturi o que for baſtante, para deixar a boca do ſeu tamanho ordinario. Sendo a abertura no meio dos beiços, he preciſo dilatar para ambos os lados; e ſendo a hum lado, dilatar para o outro o que for conveniente. Porém não havendo abertura alguma, faremos hum golpe tranſverſal entre os dous beiços em hum rego, que ordinariamente marca a extensão da boca, e desfaremos com o canivete alguma adherencia, que houver entre os beiços, e gengivas, para ficar a boca o mais natural que poſſa ſer. No ſegundo caſo, iſto he, na contracção dos beiços, faremos as incisões convenientes nos angulos, ou commiſſuras da boca; e tanto em hum,

co-

como em outro caſo, teremos o cuidado de não deixar unir as partes divididas, applicando entre ellas chumaços molhados nos remedios convenientes, e conſervando a boca dilatada para os lados por meio de huns colchetes de chumbo prezos a fittas, que ſe atão na nuca.

Da incisão do freio da lingua.

§. XLI.

Quando o freio da lingua (*a*) he mui curto, ou ſe eſtende até á ponta deſte orgão, embaraça-lhe mais, ou menos os movimentos, reſultando a difficuldade de mammar, de engulir, e de fallar no tempo competente; e ſe ſe não corta, ficão os ſugeitos gagos toda a vida. Nem ſempre a difficuldade, que tem as crianças em mammar, ſe póde attribuir ao freio

(*a*) He huma prega, que ſe acha na parte anterior, e inferior da lingua, ligando eſte orgão ás partes vizinhas, formada pela membrana, que forra a boca.

vicioſo; porque o bico dos peitos groſſo, comprido, delgado, ou curto, relativamente ás dimensões da boca do recemnaſcido, he o mais das vezes a cauſa deſte defeito: pelo que cumpre examinar eſcrupuloſamente ſe a criança chega com a ponta da lingua aos beiços, e ao paladar; ſe, mettendo-ſe-lhe o dedo na boca, fórma com a lingua hum rego ao redor delle; porque então, poſto que não mamme bem, he por outras cauſas, e não carece da operação. Se com tudo o freio for mui curto, ou ſe eſtender até á ponta da lingua, o que ſe conhece pela viſta, e pela impoſſibilidade de paſſar o dedo entre a lingua, e partes vizinhas; então he preciſo cortar o freio, cuja operação ſe faz deitando-ſe a criança de coſtas ſobre os joelhos de huma mulher aſſentada em huma cadeira; e o operador, levantando a ponta da lingua com os dedos mediano, e indicador da mão eſquerda, entre os quaes fica o freio, corta eſta préga com huma tiſoira de pontas rombas

de

de modo, que não fira as arterias, e vêas raninas, cuja hemorrhagia tem ſido algumas vezes mortal. (*a*)

Se correr algum ſangue depois da operação, faremos deitar na boca da criança algumas colhéres de agua fria ſó, ou miſturada com agua ardente; e ſe não baſtar, faremos huma pequena formação com fios ſeccos, ſuſtida por algum tempo com o dedo de alguma peſſoa. Se a pezar deſtas diligencias o ſangue ſe não eſtancar, tomaremos huma pequena porção de huma varinha liza, e rachando-lhe hum dos extremos, apanharemos entre as duas metades o lugar, donde corre o ſangue, e deſte modo ſe poupão os outros meios incommodos, propoſtos por Petit, e mais al-

(*a*) Tambem ſe póde cortar o freio com hum biſturi; mas eſte inſtrumento não he tão ſeguro, aſſim como outros muitos, que ſe tem inventado, os quaes por complicados devemos deſterrar da prática. Quando os dedos não cabem para elevar a lingua, ou encobrem o freio, podemos uſar da eſpatula fendida, mandando então ſegurar a cabeça do paciente por hum ajudante.

alguns praticos. Deve notar-ſe, que não devemos cortar do freio ſe não o que for preciſo, para evitar huma grande ſoltura na lingua; porque póde a criança engulir a ponta deſte orgão, e ſuffocar-ſe pela compreſsão feita ſobre a epiglottis. (*a*)

Se a lingua ulcerada ganhar adherencias com as partes vizinhas, como ſuccede aos que tomão mercurio ſem ordem, e eſte orgão ſe prender, ficando limitados os ſeus movimentos, ſoltaremos as adherencias com os dedos, ſendo pouco

(*a*) Algumas vezes he o freio tão laxo, que permitte á lingua a facilidade de ſe voltar, e produzir a ſuffocação. Se percebermos huma tal diſpoſição, e geito na criança para engulir a lingua, recommendaremos, que ſe lhe dê de mammar a miudo, e lhe applicaremos nos intervallos huma lamina de chumbo bem liza ſobre a lingua, a qual dobrada para baixo da barba ſe ſegura com ataduras, continuando aſſim até que a criança perca o geito. Os eſcravos na America, opprimidos do ſeu cativeiro, engolem a lingua para ſe matarem. Eſta inverſão póde remediar-ſe, quando ſe percebe, mettendo-ſe o dedo indicador por hum lado das fauces, e puxando-ſe a ponta da lingua ao ſeu lugar.

co firmes, ou com o canivete, tendo muita conſiſtencia, havendo a cautela de prevenir novas uniões por meio de pranchetas, ou chumaços mettidos entre as partes ulceradas.

§. XLII.

A lingua, aſſim como todas as partes, he ſujeita a chagas de differentes qualidades, como venereas, eſcrofuloſas, cancroſas, ſcorbuticas, &c., as quaes exigem para a ſua cura não ſó os topicos convenientes, ſervindo-lhe de vehiculo agua, ou os xaropes, mas os remedios conſtitucionaes, com os quaes ſe póde contar mais ſeguramente: com tudo ha chagas na lingua, e partes vizinhas, cauſadas por dentes mui agudos cariados, ou quebrados, para o curativo das quaes baſta ſó limar, ou tirar o dente, que as entretem. Todas as outras chagas cedem ordinariamente ao tratamento methodico, excepto as cancroſas, que huma vez caracterizadas, ſó lhes póde aproveitar a ex-

tir-

tirpação, que praticaremos ſeparando o bocado da lingua, que ſe achar infecto, e eſtancando o ſangue, que corre, com bochechas de aguas adſtringentes, com formações, com laqueação por meio do tenaculo, e pinças, ſe for praticavel, e em ultimo recurſo com o cauterio. A chaga, que reſulta depois deſta operação, cura-ſe como chaga ſimples, ſe não apparece outra vez a modificação cancroſa, em cujo caſo, aſſim como em todos aquelles, em que não tiver lugar a extirpação, empregaremos a cura palliativa do cancro.

Da ranula.

§. XLIII.

A ranula he hum tumor brando, inſenſivel, com mais, ou menos fluctuação, que apparece debaixo da lingua, junto ao freio, formado pela ſaliva demorada no conducto excretorio de alguma das glandulas maxillares obſtruido.

Em

§. XLIV.

Em quanto a ranula he pequena, não incommoda muito; mas na ordem do ſeu creſcimento, que muitas vezes ſe conhece entre o queixo de baixo, impede mais, ou menos os movimentos da lingua, e o fallar, faz-ſe dorida, inflammando as partes vizinhas, que algumas vezes cahem em ſuppuração. As cauſas deſta moleſtia são tudo o que póde obſtruir os conductos das glandulas, mas principalmente concreções calculoſas, para as quaes fornece a ſaliva materia baſtante.

Cura.

§. XLV.

A cura da ranula, não ſe conſeguindo a reſolução com os adſtringentes, conſiſte em abrir ſahida á ſaliva accumulada, a qual muitas vezes ſe eſpeſſa, dando ao tumor baſtante dureza, e impedir huma nova accumulação. Os antigos uſavão do

cauterio, e a eſte ſe ſeguio huma eſpecie de extirpação, iſto he, abrião a ranula, e cortavão a maior parte do folle : porém huma, e outra prática ſe deve abandonar, porque della ſó reſulta huma perda de ſubſtancia, que nada influe na cura, e baſta abrilla em toda a extensão com huma lanceta, para ſahir bem a ſaliva, e ſe poder lavar o folle com agua morna os primeiros dias, a fim de ſahirem as concreções calculoſas. Para ſe evitar huma nova accumulação, e por tanto a repetição da moleſtia, cumpre inflammar o folle, injectando-lhe dentro a ſolução de pedra lipis em agua (*a*), e metter huma mécha na abertura, para a conſervar muito tempo aberta, e meſmo callejalla, para ficar huma eſpecie de caminho artificial á ſaliva. Se

(*a*) Como o folle he o conducto da glandula dilatado, a injecção faz-lhe perder a maior parte da cavidade, ou excitando a contracção, ou a inflammação adheſiva ; mas, ſe não fica huma abertura artificial para ſahir a ſaliva, repete a moleſtia, e, ſe alguma vez ſe tem curado ſem eſta cautela, he porque ſe deſembaraça o conducto natural.

Se a ranula rebenta eſpontaneamente, he preciſo ampliar mais a abertura, para ſahida da ſaliva, e algumas arêas, ou pedras, ſem o que ficão chagas de difficultoſa cura, havendo-nos no reſto como fica dito.

Nas ranulas muito volumboſas, cuja fluctuação ſe ſente entre o queixo de baixo, aconſelhão alguns a abertura naquelle lugar: porém o receio de ficar huma fiſtula, fará ſempre preferir a parte interna da boca. Apparecendo tumores ſcirroſos no ſitio das ranulas, aos quaes coſtumão dar tambem o meſmo nome, em lugar da incisão praticaremos a extirpação, em quanto o ſeu volume for pequeno.

Das epulidas.

§. XLVI.

As epulidas ſão huns tumores, ou excreſcencias, que naſcem nas gengivas, particularmente nas de baixo, humas vezes fungoſas, outras vezes duras, naſcen-

do por hum pé delgado, ou por huma baſe larga, acompanhadas de dor, ou indolentes.

Eſtas excreſcencias podem vir por muitas cauſas; mas as mais triviaes são por effeito das carias dos dentes, ou dos alveolos dos queixos, e em quanto são pequenas pouco, ou nada incommodão, excepto ſendo acompanhadas de dor, porque impedem a maſtigação: mas creſcendo muito, desfeião a boca, deſarranjão os dentes, e pronúncia.

§. XLVII.

Quando procedem de dentes cariados, principiaremos a cura pela extracção do dente, aſſim como tambem por deſtruir a caria dos alveolos, ſe a houver, e tocaremos a epulida com os adſtringentes, que muitas vezes a desfazem, removida a cauſa. Porém ſe eſta moleſtia vier por outras cauſas, ou ſe não desfizer, cumpre extirpar-ſe antes que creſça muito, ou ſe faça cancroſa, o que algumas vezes acontece.

Pa-

Para praticarmos a extirpação, ſituaremos o enfermo ſentado em huma cadeira com a cabeça ſegura por hum ajudante, e os queixos abertos por meio de algum corpo duro, mettido entre os dentes, ou por meio do ſpeculo, e obſervaremos ſe a epulida ſe póde atar pela raiz, o que faremos com hum fio de retroz encerado; mas não ſe podendo ligar, a cortaremos o mais rente que poſſa ſer, ſem com tudo deſcubrirmos o oſſo, excepto ſe eſte ſe achar cariado, ou a excreſcencia ſe pegar a elle. Feita a extirpação, vedaremos o ſangue com bochechas de aguas adſtringentes, e curaremos a chaga, que reſulta, com os remedios apropriados ao ſeu eſtado.

Das parulidas.

§. XLVIII.

As gengivas são ſujeitas a congeſtões inflammatorias, procedidas de muitas cauſas, como frio, couſas irritantes, injúrias ex-

externas, &c.; mas o mais commum he ſerem chamadas pelas dores dos dentes cauſadas por carias deſtes oſſos, ou por diſpoſições morboſas das ſuas raizes.

Eſtas inflammações, chamadas parulidas, principião por hum pequeno tumor doloroſo, o qual gradualmente augmenta, communicando-ſe a inflammação á face, que a torna mais, ou menos deforme.

§. XLIX.

Apenas eſtas congeſtões principião, devemos tentar a reſolução com antiphlogiſticos internos, e externos. Eſtes ultimos podem ſer ſangrias locaes, bochechas dos cozimentos emollientes mornos, ſó, ou com leite, e cataplaſmas ſedativas na face. Se a pezar deſtes ſoccorros, a parulida ſe diſpuzer a ſuppurar, ajudaremos a ſuppuração com as meſmas bochechas, e cataplaſmas externamente, applicando ſobre o tumor figos quentes abertos, ou caſcos de cebola aſſada, até haver materia; e logo que a haja, abriremos o abſceſ-

ſceſſo com a ponta da lanceta, e curaremos a chaga com frequentes bochechas de cozimento de cevada, mel, e alguma agua ardente.

Se quando abrimos o abſceſſo, apparece o oſſo cariado, ou ſe vem a cariar, cumpre deſcubrillo, e applicar-lhe fios molhados em eſpirito de vinho, tintura de myrrha, e outros ſemelhantes remedios, até ſe deſtruir a caria. Quando os dentes cariados são a cauſa das parulidas, he preciſo tirallos, ſem o que o abſceſſo fica em fiſtula, ou, ſe ſe fecha, torna cedo, ou tarde a repetir a moleſtia. Algumas vezes, em lugar do abſceſſo ſe manifeſtar nas gengivas, apparece na face, onde ou ſe rompe, ou o abrimos; e muitas vezes fica huma fiſtula, que ſe não cura ſem primeiro tirarmos o dente, ou dentes cariados, ou deſtruirmos a caria do queixo, ſe a houver.

Do que convem fazer na dentação trabalhoſa.

§. L.

Em muitas crianças ſahem os dentes ſem grande cuſto, iſto he, ſem produzirem ſymptomas locaes, e conſtitucionaes, que perturbem as funções da economia. Porém em outras a dentação he ſeguida de intumeſcencia de gengivas, com dores, picadas, ptyaliſmo, aphtas, febres, vomitos, vigilias, diarrheas, convulsões, eſtupores, e algumas vezes a morte. Eſtes ſymptomas naſcem do eſtimulo, que os dentes causão ao romper das gengivas, que lhes reſiſtem, e da compreſsão, que ſoffrem os nervos dentarios ao paſſo que as ſuas raizes ſe arreigão, ſendo muito mais intenſos antes de apparecerem os dentes (*a*), e incharem as gengivas, do que depois da inchação deſtas partes.

Quan-

(*a*) Os dentes principião a apparecer ordinariamente antes do ſetimo, ou oitavo mez; eu digo ordinariamente; porque algumas vezes paſsão-ſe doze,

§. LI.

Quando a dentação he trabalhoſa, e cauſa alguns dos ſymptomas referidos, cumpre 1.° evacuar ſangue, ſegundo as forças da criança, ou abrindo a vêa, ou applicando bichas: 2.° purgar brandamente, ſe não ha diarrhea, com ſinco, ou ſeis gotas de tintura de jalapa em agua, de tres em tres horas, até produzir effeito: 3.° diminuir a irritação com o opio

ou quatorze mezes, ſem principiarem a naſcer. Os primeiros, que naſcem, são os dous inciſivos medianos inferiores, com diſtancia de quinze dias, ou hum mez hum do outro. A eſtes ſeguem-ſe na meſma ordem os dous inciſivos medianos de cima, ſeguidos dos lateraes inferiores, e eſtes dos lateraes de cima. Os caninos de baixo vem depois deſtes, e ſeguem-ſe-lhes os de cima, os quaes são ſeguidos dos dous primeiros molares de cada lado no queixo de baixo, e eſtes por outros tantos no queixo de cima. Eſta ordem da ſahida dos dentes completa-ſe commummente até os dous annos, e ſe chamão dentes do leite, ficando as crianças livres dos ſymptomas, que ordinariamente ſoffrem todas as vezes, que ha dentes a ſahir. Na idade de quatro annos e meio, pouco mais ou menos, naſ-

combinado com os calomelanos, ou com a ipecacuanha, e particularmente com os pós de Dover na doſe de hum, ou dous grãos cada noite: 4.° banhos mornos: 5.° refreſcar as gengivas, untando-as com xarope de althéa, manteiga de cacáo, e couſas ſemelhantes, dando á criança couſas lizas, e ſolidas para ella chupar, como chaves, paliteiros, chupadores de cryſtal, &c.: 6.° cortar as gengivas ſobre os dentes, que eſtão a ſahir, fazendo com huma lanceta incisões horizontaes ſo-

---

cem mais hum dente molar de cada lado no queixo de baixo, ſeguidos de outros tantos no queixo de cima, os quaes ficáo toda a vida, ao contrario de todos os outros chamados do leite, que na idade de ſete annos cahem, e vem outros maiores nos ſeus lugares. Aos oito, ou nove annos vem hum dente molar mais de cada lado no queixo de baixo, e outros tantos no de cima. Finalmente aos vinte e ſinco, vinte e oito, ou trinta annos naſcem os ultimos dentes, chamados do ſiſo, hum de cada lado, principiando no queixo de baixo, que com os precedentes ſommão trinta e dous, diſtribuidos em oito inciſivos, quatro caninos, e vinte molares. Algumas vezes não ſahem os ultimos molares, e fica eſte numero incompleto.

ſobre os inciſivos, e os caninos, e cruciaes ſobre os molares: 7.° finalmente applicar veſicatorios nas coſtas, ou atrás das orelhas.

§. LII.

Poſto que os dentes do leite na idade competente ſe abalem, e caião ſem ſer preciſo tirallos; com tudo algumas vezes conſervão-ſe tão firmes, que os que devem vir nos ſeus lugares buſcão differentes caminhos, e ſahem humas vezes por dentro, outras por fóra da fileira, ficando o ſugeito com duas ordens de dentes por toda a vida. Para ſe evitar eſte defeito, que desfea a boca, he preciſo tirar os primeiros, aſſim que ſe conhecer a má ordem, em que ſahem os ſegundos, advertindo que baſtão dous, tres, ou quatro de mais para desfearem muito a boca.

Da extracção dos dentes. (*a*)

§. LIII.

Os motivos, que nos obrigão a praticar a extracção dos dentes, são 1.° a má ordem, em que ſahem os ſegundos, achando-ſe os primeiros muito firmes, os quaes nós devemos tirar apenas os novos apontão por dentro, ou por fóra deſtes: 2.° a difficuldade de ſe curar huma fiſtula, ſeja nas gengivas, ou na face, entretida pela caria, ou outra qualquer diſpoſição morboſa de algum dente: 3.° a offenſa, que recebem as faces da má direcção de hum dente, reſultando chagas incuraveis, em quan-

(*a*) Poſto que eſta parte, ou ramo de Cirurgia, coſtume no noſſo paiz andar nas máos de certos homens chamados dentiſtas, que apenas ſabem o manejo do boticão; com tudo os Cirurgiões não devem deſprezar hum ramo tão intereſſante, e muito menos ignorar as cauſas, que obrigão a tirar os dentes, o modo por que ſe tirão, e principalmente os meios, de que a Cirurgia ſe valc para remediar os eſtragos, e ſymptomas, que muitas vezes ſe ſeguem depois da ſua extracção.

quanto ſe não extrahe (*a*): 4.° a neceſſidade de dar ſahida á materia, que ſe fórma dentro do ſeio maxillar: 5.° finalmente a dor de dentes cauſada pela caria, ou por alguma fluxão.

§. LIV.

A caria, ou podridão dos dentes ſó dá lugar á dor, quando tendo deſtruido a ſubſtancia do dente até á ſua cavidade interna, expõe o nervo, que alli ſe acha, ás injúrias externas. Não ſó as ſubſtancias, que ſe comem, e bebem, podem cauſar a dor, enchendo a cavidade cariada, e irritando o dito nervo, mas o meſmo ar, que ſe acha continuadamente em contacto com elle, aggravando-ſe muito mais a dor, quando as ditas ſubſtancias são demaziadamente quentes, ou frias: com tudo nem ſempre a expoſição do nervo he ſeguida de dor, como todos os dias ob-.

(*a*) Cumpre notar-ſe, que algumas vezes baſta ſó limar a ponta de hum dente, que fere a face, para ſe curar a chaga, que elle cauſa.

obſervamos em dentes cariados, e deſtruidos; porque, além do toque das ſubſtancias irritantes, he preciſo que o dito nervo ſe ache no eſtado são, para poder ſer irritado. As cauſas da caria são, 1.° tudo o que póde deſtruir o eſmalte dos dentes, como fracturas cauſadas por pancadas, ou forças para partir corpos duros: 2.° applicações acidas: 3.° a falta de aceio, por cujo motivo as ſubſtancias animaes demoradas, e apodrecidas entre os dentes deſtroem a ſua ſubſtancia, além da pedra, que pelo meſmo motivo ſe cria em torno delles: 4.° o abuſo das bebidas quentes, particularmente do chá, aſſim como tambem dos gelados. Todas eſtas cauſas topicas obrão com muito mais energia, havendo certas diſpoſições conſtitucionaes, como a eſcrofuloſa, ſcorbutica, rheumatica, gotoſa, vicio venereo, e particularmente tendo-ſe uſado do mercurio. A caria ataca todos os dentes, mas os molares mais do que os caninos, e eſtes mais do que os inciſivos.

As

§. LV.

As fluxões ou são agudas, ou chronicas. As agudas são repetidas inflammações, que atacão as gengivas, ou a membrana, que forra os alveolos, ás quaes muitas peſſoas são ſujeitas, e até periodicamente. As chronicas são todas as inchações das gengivas procedidas da debilidade, ou froxidão deſtas partes em conſequencia do ſcorbuto, do mal venereo, da diſpoſição rheumatica, eſcrofuloſa, &c.

Todas eſtas cauſas deſordenando a nutrição dos dentes, e o influxo dos nervos, que ſe lhes diſtribuem, os deſcarnão, deſarreigão, abalão, e deſtroem, ſeguindo-ſe a dor, e mudança de côr de brancos em amarellos, e de amarellos em negros, mudança que lhes cauſa tambem o mercurio, os acidos, e o tabaco de fumo. Além deſtas dores de dentes ha mais outra chamada eſpaſmodica, ou por conſenſo, que vem em conſequencia da alteração de certos orgãos, os quaes fympathi-

thizão com os nervos dos dentes, assim como os males do estomago, do utero gravido, &c. (*a*)

§. LVI.

Posto que a dor de dentes afflija muito as pessoas, que a soffrem, reduzindo-as a hum estado como de desesperação; com tudo não devemos lançar logo mão da extracção, sem primeiro tentarmos outros meios, pelos quaes se podem muitas vezes extinguir as dores, e conservar os dentes; porque a extracção, além de desfear a boca, e as faces, póde ser seguida de fractura, ou caria nos queixos, de tumores, de inflammações, de abscessos, e de hemorrhagias incommodas, e trabalhosas. Se o dente se achar fracturado,

(*a*) Observa-se que muitas mulheres pejadas soffrem dores de dentes todo o tempo da prenhez, e que, a pezar de tirarem o dente, que lhe doe, não ficão livres; porque logo a dor se muda para outro, circumstancia mui trivial em todas as dores, que vem por causa de fluxões; por cujo motivo não ha segurança de cura da dor por meio da extracção.

do, e as ſuas pontas picarem a lingua, ou faces, chamando a inflammação, e ulceração deſtas partes, he preciſo limallo até ficar lizo: o meſmo ſe praticará nos dentes, que por alguma cauſa excederem ao nivel dos outros, ou ſeguirem huma direcção obliqua para dentro, ou para fóra; e ſe iſto não baſtar, então praticaremos a extracção.

Sendo a dor cauſada por caria, que nós conhecemos pela viſta, ou pelos ſymptomas; e achando-ſe eſcondida entre dous dentes, alimparemos muito bem a parte podre com os boris, ou pontas dos eſtiletes, e encheremos a cova com fios molhados em oleos eſſenciaes de cravo, de canela, de alecrim, ether mineral, tincturas de myrrha compoſta, thebaica, e com o meſmo opio. Se as gengivas, ou as faces ſe inflammão, he preciſo recorrer aos antiphlogiſticos conſtitucionaes, como dieta, ſangrias, diluentes, cliſteres, brandos purgantes, &c., e ás frequentes bochechas de leite, cozimentos emollien-

tes, ſangrias topicas, &c. E para prevenir a repetição dos acceſſos, conſervando-ſe o dente, ſe encherá a cova depois de limpa com folhas de ouro, ou de chumbo calcadas com os boris, e alizadas com o brunidor (*a*). Algumas vezes he a entrada da cova mais larga do que o fundo, e não ſe póde chumbar; neſte caſo ou tiraremos o dente, ou deſtruiremos o ſeu corpo, limando-o de modo, que fique ao nivel das gengivas. A experiencia moſtra, que, deſtruidos os corpos dos dentes, não ha commummente mais dores.

Quando a dor proceder da inflammação das gengivas, ou da membrana, que forra os alveolos, nada he tão efficaz como as ſangrias locaes por meio de bichas, ou

(*a*) Alguns praticos aconſelhão, que ſe lime a caria: mas eſta operação de nada ſerve, excepto quando a caria de hum dente eſtá muito proxima ao outro, para prevenir a communicação: outros, que ſe cauterize com hum cauterio proprio, ou fio de ouro em braza, mettidos na cova, para deſtruir o nervo. Eſte meio algumas vezes aproveita para hum ſocego temporario.

ou pequenas eſcarificações, e frequentes bochechas dos cozimentos emollientes com dormideiras, e leite, além dos antiphlogiſticos conſtitucionaes; e ſe a pezar deſtes remedios a dor continuar, poderemos arrancar o dente, que mais doer; porque algumas vezes com eſte novo eſtimulo céſsão as dores, e o paciente fica bom: mas o mais commum he tornarem a repetir; e então, aſſim como em todos os caſos, he preciſo combater a cauſa conſtitucional com os remedios apropriados, como anti-rheumaticos, anti-ſcorbuticos, &c. Se os dentes ſe acharem abalados por effeito da froxidão das gengivas, he preciſo fazellas ſangrar, esfregando-as com limão, e ſal moido, e fortificallas com os tonicos eſpirituoſos, e adſtringentes, não eſquecendo emendar o vicio conſtitucional, que houver, e derivar a fluxão por meio de veſicatorios atrás das orelhas, ou fontes nos braços. Se a dor for eſpaſmodica por cauſa do vicio do eſtomago, cumpre uſar dos emeticos,

e algumas doſes de opio ; e ſendo por cauſa da prenhez , he preciſo ſangrar no braço , e uſar dos mais remedios ditos , até o parto , com o qual ſe diſſipão as dores dos dentes. (*a*)

§. LVII.

Decidida a neceſſidade de ſe tirar hum dente , porque falhão todos os outros ſoccorros , eſcolheremos os inſtrumentos convenientes , e occaſião opportuna , iſto he , quando não haja inflammação. De todos os inſtrumentos até hoje inventados , que são muitos , como ſe póde ver em Hildano , Sculteto , Garengeot , e outros , ſó ſe tem adoptado o boticão , a chave ingleza , e o furador , ou ponta de eſpada. O boticão ſerve para tirar os inciſivos , caninos , e primeiros molares ; a cha-

(*a*) Muitas mulheres pejadas inſtão , que ſe lhes tirem os dentes , e alguma vez aproveita a extracção , em razão do novo eſtimulo ; mas pelo ordinario repete a dor em outros dentes , por cujo motivo não devemos annuir ás ſuas ſúpplicas.

chave ingleza para os molares; e a ponta de eſpada para tirar os do ſiſo, e as raizes, em que os dous não podem pegar.

Seja qual for o inſtrumento, com que ſe tira o dente, a primeira couſa, que o operador deve fazer, he deſcarnar o dente, iſto he, ſeparar as gengivas ao redor do peſcoço do dente com hum eſcarificador, e depois ſituar o paciente como convem ao uſo de cada inſtrumento. Para ſe tirarem os inciſivos, caninos, e primeiros molares em huma direcção perpendicular, ſitua-ſe o paciente ſentado em huma cadeira baixa com a cabeça inclinada para trás, e encoſtada ao peito do operador, o qual reconhece com exacção o dente, que deve tirar, e ſituando as garras do boticão huma por dentro, outra por fóra do corpo do dente de modo, que as pontas cheguem até o peſcoço, aperta eſte inſtrumento empunhado pelas azas na mão direita, e puxa o dente direitamente para cima, até o deslocar, firmando o queixo de baixo com o pollegar da mão eſquerda,

da, ſituado ſobre os dentes vizinhos ao que ſe tira. Se o dente for do queixo de cima, ſitua o boticão como fica dito; e fixando-o com a mão direita, lhe carregará perpendicularmente com a eſquerda junto ao eixo, quanto baſtar para a completa extracção. He preciſo não apertar o boticão mais do que o que for baſtante para ſe ſegurar o dente, particularmente achando-ſe o ſeu corpo carcomido; porque póde quebrar, e ficar a raiz, ſem ſe poder tirar.

§. LVIII.

Como os dentes inciſivos, caninos, e primeiros molares fazem grande falta, e tem huma ſó raiz, podem depois de tirados, e limpas mui bem as ſuas raizes, e a cova, tornarem-ſe a plantar, achando-ſe sãos (*a*), ligando-os pelos ſeus peſcoços com

(*a*) Como muitas vezes ſomos obrigados a tirar dentes por cauſa de dores inſupportaveis, ſem com tudo haver macula neſtes oſſos, e a dor ceſſar com a deſtruição do nervo, coſtuma-ſe locar o dente outra vez no ſeu lugar; e a experiencia moſtra, que ſe nutrem, e firmão, como ſe não tiveſſem ſido tirados. A

com fios de retroz encerados, ou de ouro, aos dentes vizinhos, recommendando ao operado, que ſe ſuſtente de liquidos, e não tome na boca couſas frias, ou reſpire ar frio até que o dente ſe firme, que póde ſer dentro em dez, ou doze dias em huns ſugeitos, e em outros mais tarde.

Para ſe tirarem os molares do queixo de cima com a chave ingleza, ſe ſentará o paciente em huma almofada, ou no chão com a cabeça inclinada para trás, e encoſtada aos joelhos do operador, o qual ſitua a garra da chave entre a gengiva e o dente, o mais proximo á raiz

que

meſma experiencia confirma, que não ſó os proprios dentes, mas os de outra peſſoa pégão, huma vez que ou ſe ajuſtem em dimensões, ou ſe limem as ſuas raizes, para ſe ajuſtarem; porque ſe não ficão bem juſtos, ou não pégão, ou causão dores, que chamão inflammações. Eſta operação, chamada tranſplantação dos dentes, ſó ſe póde praticar com ſucceſſo até meia idade, e em peſſoas ſadias, não ſó de conſtituição, mas de gengivas, não tendo lugar nos dentes molares, pelas muitas raizes, e differentes direcções, que ſeguem, além de não fazerem tanta falta para a formoſura, unico objecto deſta operação.

que for poſſivel, ſegurando-a com o indicador da mão eſquerda ; e applicando o ponto de apoio guarnecido de hum pequeno chumaço ſobre a gengiva do lado oppoſto, faz com a mão direita, que empunha o cabo da chave , huma meia rotação para a parte oppoſta ao lado da garra, até deslocar o dente, o qual com eſte inſtrumento ſe desloca lateralmente, e não em linha recta, como ſuccede com o boticão.

Sendo porém no queixo de baixo, ſenta-ſe o paciente em huma cadeira com a cabeça ſegura por hum ajudante , e o operador , applicando a chave como fica dito, desloca o dente. (*a*)

Se o dente eſtiver muito junto aos outros de modo , que ſe não poſſa tirar ſem algum dos vizinhos ſe abalar , cumpre

(*a*) Nada importa que o dente ſe desloque para dentro, ou para fóra ; o que importa he, que eſte ſe não quebre , ou ſe não laſque algum bocado do queixo ; para o que não convem tirallo de repente , como fazem os dentiſtas , aſſentando erradamente , que na brevidade conſiſte a perfeição da arte.

pre ſeparallo, abrindo algum eſpaço com huma lima, que trabalhe ſobre o dente, que ſe ha de tirar.

§. LIX.

Para ſe tirarem raizes, e os dentes do ſiſo, uſaremos da alavanca de ponta de eſpada, e cabo de verruma, a qual, mettida entre o dente tocado e o immediato, com huma meia volta desloca perpendicularmente o primeiro, fazendo o ponto de apoio contra o ſegundo.

§. LX.

Tirado o dente, apertaremos as gengivas, e faremos tomar ao paciente algumas bochechas de agua fria com vinagre, ou agua ardente, recommendando-lhe o pouco exercicio dos queixos, que ſe não exponha ao ar, e que evite tudo o que puder chamar inflammação.

Poſto que a extracção dos dentes ſeja ordinariamente feliz; com tudo póde ſobrevir-lhe a inflammação ſeguida de

epulidas, parulidas, carias, e outros ſymptomas, que remediaremos como fica dito (XLVI, e XLVIII), e póde ſeguir-ſe huma hemorrhagia, que cuſte a ſuſpender-ſe. Se iſto acontecer, metteremos na cova, que deixára o dente, hum lichino de fios ſeccos, e ſobre eſte hum chumaço, ſobre o qual recaia a compreſsão dos queixos fechados por algum tempo. Se iſto não baſtar, o que he raro, metteremos na cova hum pequeno bocado de nitrato de prata, ou uſaremos de hum cauterio em braza ao través de hum canudinho. (*a*)

Do

(*a*) Alguns recommendão certas aguas eſtiticas, as quaes são menos ſeguras do que os fios ſeccos, além de atacarem o eſmalte dos dentes em razão dos acidos, que entrão na ſua compoſição.

Tambem achamos quem recommende a extracção de outro dente, para por meio do novo eſtimulo ſe contrahir a arteria, que dá o ſangue: mas eſte recurſo deve ſer o ultimo, quando os outros falhão.

Do modo de limpar, e conſervar os dentes.

§. LXI.

Os dentes achão-ſe álgumas vezes cubertos de huma materia calcarea, que não ſó lhes faz perder a alvura, mas, mettendo-ſe entre elles e as gengivas, os abala, deſarreiga, e deſtroe, aſſim como tambem arruina as meſmas gengivas. Eſta materia, chamada pedra dos dentes, formada pela ſaliva, ataca primeiro os inciſivos, e particularmente aquelles lugares, que não são tão expoſtos á roçadura dos beiços, e lingua, como ſeus peſcoços, e intervallos. Para ſe tirar a pedra dos dentes nos ſerviremos dos buris, das legras, e das limas, trabalhando com eſtes inſtrumentos de modo, que os dentes ſe não abalem; para o que o operador ſitua o dedo indicador eſqúerdo ſobre a coroa do dente, ſervindo o pollegar da meſma mão de apoio aos inſtrumentos.

Tirada a pedra, cumpre conſervar os

dentes limpos, esfregando-os de quando em quando, particularmente havendo froxidão nas gengivas, com limão, e ſal moido, e tomando bochechas de cozimentos adſtringentes com agua ardente, ou eſpirito de vinho. A quina, a ponta de veado calcinada, o cremor de tartaro, o lirio florentino, as terras abſorventes, e particularmente o barro de Eſtremôz em pó ſubtil, são bons pós para por meio de huma eſcovinha, ou hum trapo fino ſe esfregarem os dentes; a cujos pós ſe podem ajuntar alguns oleos eſſenciaes, para fazerem o halito agradavel, principalmente havendo carias nos dentes. Se por eſtes meios ſe não póde reſtituir a alvura aos dentes, os raſparemos com laſcas de pedra pómes calcinada, e uſaremos depois dos meſmos pós, que ficão ditos, e de nenhum modo de acidos; os quaes, poſto que fação os dentes brancos, atacão o eſmalte, e produzem a deſtruição deſtes oſſos. Não ſe póde duvidar, que certos vicios, e diſpoſições conſtitucionaes entre-

tem

tem o máo eſtado dos dentes, e que ſem ſe combaterem, debalde ſe empregaráõ os meios topicos.

Quando nem o aceio, nem a tranſplantação baſtarem para a conſervação dos dentes, uſaremos dos artificiaes feitos de marfim, ou canela de vaca, que ajuſtaremos na falta, prezos por fios de ouro, ou de retroz encerados de modo, que não eſtimulem as gengivas, para evitar inflammações. Sendo preciſos dous, ou mais dentes, ſe figuraráõ em huma ſó peça, para maior ſegurança.

Das enfermidades do ſeio maxillar.

§. LXII.

O ſeio maxillar he ſujeito a muitas moleſtias, que os antigos não conhecêrão, como ſarcomas, polypos, ſcirros, que degenerão em cancros, inflammações, ſuppurações, e carias.

§. LXIII.

A ſtructura da membrana, que forra eſte ſeio, ſendo a meſma da membrana pituitaria, a diſpõe para os polypos, ſcirro, e cancro, logo que alguma cauſa local irritar, ou eſtimular o ſeio, ou partes vizinhas, como ar frio, carias dos dentes, particularmente dos molares, cujas raizes penetrão algumas vezes os ſeios, pancadas, feridas, corpos eſtranhos cahidos no meſmo ſeio em conſequencia das armas de fogo, &c. Tambem podem vir eſtas moleſtias ſem cauſa local, ou ao menos tão pouco ſenſivel, que os enfermos ſe não recordão, e por conſenſo das moleſtias das partes vizinhas, como olhos, nariz, &c., não fallando do veneno venereo, e da diſpoſição eſcrofuloſa, que muitas vezes não ſó são a cauſa de taes moleſtias, mas as entretem em quanto ſe não combatem conſtitucionalmente.

Em

§. LXIV.

Em quanto aos polypos, ſarcomas, ſcirro, e cancro do ſeio maxillar, cumpre obſervar exactamente o tratamento, que eu indico, para qualquer deſtas moleſtias, ſeja para as curar radicalmente, mediante os remedios conſtitucionaes, e topicos, ſeja para huma cura palliativa. Porém em quanto á inflammação, e ſuppuração, he preciſo algumas vezes abrir o ſeio. A inflammação annuncia-ſe, e ſe diſtingue das outras moleſtias por huma dor mais, ou menos ſenſivel, acompanhada de calor, e pulſação não ſó no interior do ſeio, mas que ſe eſtende ás partes vizinhas, como olho, ouvido, e nariz, e termina com os ſymptomas da ſuppuração, ou fica mais branda. A materia, que ſe fórma no ſeio, ſahe algumas vezes pela fenda maxillar para o conducto naſal, particularmente deitando-ſe a doente ſobre o lado oppoſto (*a*); mas ſe a fenda

ſe

(*a*) Nem ſempre a materia, que ſahe do nariz,

ſe entupe, como he commum, então a materia demorada no ſeio ulcéra a parte mais baixa, e ou ſahe por entre as raizes dos dentes molares, ou fórma huma abertura nas gengivas acima das raizes deſtes oſſos, particularmente dos ultimos. Quando a materia demorada no ſeio produz a caria, ſeguem-ſe a inchação, e vermelhidão da face acompanhadas de picadas, e hum fedor injoativo no halito, que não deixão a menor dúvida ſobre a natureza da moleſtia.

§. LXV.

A inflammação do ſeio maxillar póde remediar-ſe com os antiphlogiſticos internos, e externos, antes de ſuppurar. Porém ſe chega a formar-ſe materia, he preciſo dar-lhe ſahida, o que ſe faz tiran-

vem do ſeio maxillar; porque o filtro vicioſo da membrana pituitaria póde aſſemelhar-ſe á materia, ſem com tudo haver ulceração; além diſto póde haver a chaga em qualquer parte dos conductos naſaes, chamada Ozena, e dar materia, ſem que venha do dito ſeio.

rando-ſe hum dos grandes molares, e praticando-ſe hum orificio com o punção de hum trocarte dobrado em angulo recto a duas pollegadas da ſua ponta, a qual ſe mette em huma das covas das raizes, que ſe dirigir mais rectamente para cima, e movendo-ſe em meias rotações, ſe penetra o ſeio, e, evacuada a materia, ſe mette no orificio huma rolhinha, ou huma mécha de fios, para impedir a entrada do ar, e algumas porções de alimentos. A cura diaria conſiſte em ſeringar o ſeio pelo meſmo orificio com cozimentos adſtringentes bem coados, e continuar a mécha molhada em agua ardente, eſpirito de vinho, tintura de myrrha, &c., até não haver materia, em cujo eſtado ſe diminue a dita mécha, e ſe cicatriza a chaga do alveolo.

Muitas vezes não he preciſo uſar do trocarte; porque, tirado o dente, ſe alguma raiz penetra o ſeio, fica logo ſahida franca para a materia. Tambem ſe póde fazer a penetração do ſeio por cima

das raizes dos ultimos molares, ſe a materia pela demora tiver feito a fiſtula naquelle lugar.

Se a materia, que ſe fórma no ſeio maxillar, for effeito da inflammação caufada por dentes cariados, he preciſo tirallos, aſſim como tambem remover todas as outras cauſas, para ſe conſeguir huma cura completa. (*a*)

Das

(*a*) O methodo de furar o alveolo para ſe tirar a materia do ſeio, deve-ſe a Cowper, bem que antes deſte A. foſſe propoſto por Dracke. Meibomio em hum Diſcurſo ſobre os abſceſſos internos recommenda, que ſe tirem hum, ou mais dentes, para que a materia contida no ſeio tenha ſahida pelos alveolos; e poſto que ſe poſſa penetrar o ſeio por outros lugares, com tudo nenhuns são mais proprios, do que o alveolo, como fica dito. Jourdain propõe, que ſe façáo injecções pela fenda maxillar por meio de huma algalia ſemelhante á da fiſtula lacrimal: mas a difficuldade de ſe acertar com a dita fenda, ou achar-ſe deſentupida, e meſmo poder-ſe extrahir a materia, que eſtá na parte mais baixa do ſeio, com as injecções, tem feito abandonar eſte methodo pelos praticos modernos.

Das fiſtulas ſalivares.

§. LXVI.

Os abſceſſos, ou feridas profundas da glandula parotida, são algumas vezes a cauſa de fiſtulas entretidas pela ſaliva, que corre em maior abundancia, quando o ſugeito maſtiga, ou falla. Se eſtas fiſtulas reſiſtem ao tratamento brando, e macio, que empregamos tanto na cura dos abſceſſos, como das feridas, he preciſo uſar dos adſtringentes; e ſe não baſtão, paſſaremos aos cathereticos, com os quaes ſe conſegue ſempre a cura. Os antigos empregavão o cauterio para o meſmo fim; mas ordinariamente ſe faz deſneceſſario hum meio tão aſpero.

§. LXVII.

Poſto que as fiſtulas ſobre a glandula parotida ſe curem facilmente, não são aſſim as do ſeu canal excretorio, chamado canal de Stenon, que eſte A. deſcubrio

em 1660 ; porque a ruptura do dito canal, por ferida, ou outra qualquer cauſa, dá copioſa ſaliva, que a entretem a pezar dos cuidados cirurgicos. Todavia tentaremos o methodo de Luiz, o qual conſiſte em applicar ſobre a fiſtula huma pequena paſta de cauſtico, compoſta do ſublimado corroſivo, farinha, e agua, a qual, formando huma eſcara pegada com a pelle, impede a ſahida da ſaliva, e a obriga a ſeguir o ſeu caminho natural, cubrindo-ſe com tafetá gommado. Eſta eſcara, bem longe de ſe derrubar com emollientes, ſe deve conſervar ſecca até cahir, recommendando-ſe ao enfermo a dieta liquida, e fallar pouco, para ſe não augmentar o filtro da ſaliva. O nitrato de prata tem muitas vezes produzido o meſmo effeito, iſto he, formado a eſcara, e curado a fiſtula.

§. LXVIII.

Se por eſte meio ſe não puder curar a fiſtula, examinaremos com hum eſtilete fino ſe a porção do canal deſde a fiſtula até

àté á boca ſe acha deſentupida, para por eſta ſe paſſar hum ſedenho, compoſto de dous, ou tres fios de retroz, a favor do meſmo eſtilete, o qual deve ter hum fùndo de agulha. Pór meio deſte ſedenho ſe augmenta o calibre do canal, e ſe conſerva dilatado algum tempo, no fim do qual, tirado o ſedenho, ſe faz uſo do cauſtico, como fica dito. Algumas vezes não póde paſſar o eſtilete por cauſa das tortuoſidades do canal; e então he preciſo puxar a face para diante, a fim de o pôr em direcção recta, na qual he mais facil a introducção do dito eſtilete.

§. LXIX.

Se por eſtes methodos ſe não puder remediar a fiſtula, em razão do canal de Stenon ſe achar totalmente obſtruido, então he preciſo abrir hum novo caminho á ſaliva, ou, como ſe explicão os praticos, mudar a fiſtula externa em fiſtula interna, o que ſe faz paſſando-ſe, por meio de huma agulha de ſedenho, hum cordão

da

da fiſtula para a boca em huma direcção obliqua de fóra para dentro, de cima para baixo, e de trás para diante. Eſte cordão deve puxar-ſe ſempre pela parte da boca, e aturar na fiſtula até a callejar, em cujo eſtado ſe tirará o cordão, e ſe tocará a abertura externa com o nitrato de prata, para ſe cicatrizar. (*a*)

CA-

(*a*) De Roy foi o primeiro, ſegundo Saviard, que praticou eſte caminho artificial á ſaliva, ſervindo-ſe de hum ferro em braza. Duphenix, receoſo da pouca ſegurança deſte methodo, uſou de huma canula de chumbo, a qual conſervou até o decimo ſexto dia, no fim de cujo tempo ſe achava a ferida externa cicatrizada, e a ſaliva com livre paſſagem para a boca. Monro praticou o dito caminho com huma ſuvela, e paſſou o ſedenho, o qual no fim de tres ſemanas tinha callejado o conducto. Finalmente a compreſsão tambem algumas vezes tem baſtado para a cura deſtas fiſtulas: mas os methodos, que eu proponho, são preferiveis em razão de ſerem o reſultado dos conhecimentos mais perfeitos, a que tem chegado a arte neſta materia.

CAPITULO IV.

Das moleſtias do nariz, que precisão de operações.

§. LXX.

Da imperfuração das ventas.

ALgumas crianças vem ao mundo com huma, ou ambas as ventas imperfuradas, o que cauſa difficuldades de reſpirar, além do aſpecto deſagradavel, e dos incommodos, que a falta da deſcarga do muco póde cauſar. Tambem ſe podem apertar, ou tapar totalmente as ventas em conſequencia de chagas venereas, das eſcaldaduras, das bexigas, da gangrena, &c.

§. LXXI.

Havendo alguma abertura, pela qual ſe poſſa introduzir huma tenta canula, ſobre eſta correremos hum biſturi eſtreito, para com elle cortarmos o que for preciſo, até ficar a venta do ſeu tamanho ordi-

dinario. Porém ſe não houver abertura para a introducção da ſonda, a praticaremos com hum biſturi de ponta aguda, mettendo-a entre o ſepto naſal, e a cartilagem ala, até abrir caminho á ſonda, por meio da qual acabaremos a dilatação.

Praticada a dilatação, reſta entreter as ventas dilatadas, e cicatrizar as chagas, o que faremos por meio de canudinhos de prata, chumbo, ou ouro, cubertos de panno fino untado, ou molhado nos remedios convenientes, e ſuſtidos com a ligadura chamada funda do nariz.

Do nariz artificial.

§. LXXII.

Quando o veneno venereo, a gangrena, ou outra qualquer moleſtia deſtruir o nariz, ou parte deſte orgão, fica huma deformidade, que ſó ſe póde emendar com o nariz artificial, o qual ſe póde fazer de panno gommado, de papelão, ou de prata. Eſte ultimo he o melhor, pintan-

tando-ſe, e proporcionando-ſe ao natural, ou á falta, que houver. Differentes meios ſe tem inventado para ſuſter, ou conſervar os narizes artificiaes; porém os mais efficazes são os emplaſtros pegajoſos, e as molas, as quaes ou ſe ſegurão no dorſo do nariz, ſe ainda reſta alguma couſa, ou por dentro das ventas.

Dos corpos eſtranhos nas ventas.

§. LXXIII.

As crianças, e ainda a gente de idade, mettem algumas vezes corpos eſtranhos nas ventas, os quaes excitão dores, inflammações, eſcoriações, e hemorrhagias, que ſe atalhão tirando-ſe os ditos corpos, o que faremos ou com as pinças, podendo ſer, ou com alguma eſpecie de lavanca, que os mude de ſituação: e ſe for preciſo dilatar a entrada da venta com algum inſtrumento cortante, uniremos a ferida com a coſtura ſecca, depois de tirado o dito corpo eſtranho.

Da Ozena.

§. LXXIV.

Dá-ſe o nome de ozena a huma chaga formada em qualquer parte dos conductos naſaes, complicada com caria nos oſſos, e acompanhada da deſcarga de huma materia fetida. (*a*)

As cauſas da ozena podem ſer todas as injúrias externas, que excitarem inflammação, e ſuppuração na membrana pituitaria; mas o mais commum he ſer eſta mo-

(*a*) Poſto que os enfarros catarroſos da membrana pituitaria, cauſados por ar frio, pancadas, fluxões, ou ſubſtancias irritantes recebidas no nariz, ſejão ſeguidos da coryza, iſto he, de huma abundante deſcarga de muco eſpeſſo, branco, ou amarellado, e com algum cheiro enjoativo; com tudo não ha chaga, e por tanto não compete a eſta moleſtia o nome de ozena. Porém ſe por taes cauſas, ou alguns vicios conſtitucionaes ſe ulcerar a membrana, e a ulcera deſcubrir os oſſos, o que ſe conhece pelo fedor da materia, e pelo toque da ſonda, ou ſahida de algumas laſcas de oſſo cariado, então compete-lhe o nome de ozena.

moleſtia hum effeito do veneno venereo, da diſpoſição eſcrofuloſa, ou cancroſa, e algumas vezes da extracção dos polypos.

§. LXXV.

Se a ozena depender de cauſas topicas, cura-ſe com remedios topicos, os quaes ſe reduzem a cozimentos adſtringentes de folhas de nogueira, de caſca de carvalho, de quina, &c., aos quaes ſe póde ajuntar alguma agua ardente, ou eſpirito de vinho, a ſolução de pedra hume, o ſal de chumbo, o verdete, &c.

Mas ſe depender do veneno venereo, cumpre fazer paſſar o enfermo pelo tracto mercurial proporcionado ás ſuas circumſtancias, e topicamente uſar das fumigações do cinabrio, dos lavatorios de agua, na qual ſe diſſolve o ſublimado corroſivo, e o ſal amoniaco, e de algum ceroto com o precipitado rubro. Eſtes remedios ſe podem applicar ou por ſeringatorios, e ſorvos, ou por meio de méchas, e pranchetas embebidas nelles, os

quaes aproveitão ordinariamente mediante o tratamento conſtitucional.

Se a ozena for cauſada pelas diſpoſições eſcrofuloſa, ou cancroſa, empregaremos os remedios conſtitucionaes, e topicos proprios a cada huma deſtas diſpoſições, ſendo muito util para a ultima o gáz acido carbonico, conduzido ao conducto naſal por meio de hum funil.

Da epiſtaxis, ou hemorrhagia do nariz.

§. LXXVI.

As hemorrhagias do nariz, em conſequencia da ruptura de algum, ou alguns vaſos, he cauſada por pancadas, quédas, extirpação de polypos, irritações, plethora geral, ou topica, evacuações ſuppримidas, debilidade de ſolidos, como nos ſcorbuticos, nas febres malignas, &c., cujas cauſas obrão tanto mais, quanto a ſtructura molle, e froxa da membrana pituitaria dá lugar á ruptura dos ſeus vaſos.

Poſto que eſtas hemorrhagias venhão em

em todas as idades, conſtituições, e temperamentos, com tudo são mais frequentes nas primeiras idades, nas conſtituições ſanguineas, e nos homens.

§. LXXVII.

Se taes hemorrhagias vem por cauſas externas, não são acompanhadas de ſymptomas; mas vindo por cauſas internas, são commummente precedidas de dores, e pezo de cabeça, vermelhidão de olhos, face, e nariz, e finalmente de entupimento, e comichão nas ventas. Quando as hemorrhagias do nariz terminão, ou alivião as moleſtias, que lhes ſervem de cauſa, ſe chamão críticas; e quando as aggravão mais, chamão-ſe ſymptomaticas.

Cura.

§. LXXVIII.

A cura das hemorrhagias pelo nariz he relativa ás ſuas cauſas. As que vem como criſe de alguma moleſtia, não ſe de-

devem ſuſpender, excepto ſendo exceſſivas, o que he raro; porque terminão quaſi ſempre eſpontaneamente. Porém as que são ſymptomaticas, ou procedidas de cauſas topicas, exigem promptos ſoccorros; porque muitas vezes arruinão a ſaude dos pacientes, e são a cauſa da ſua morte. Os meios, que empregamos para ſuſpender taes hemorrhagias, são 1.° ſorvos de agua fria, ou miſturada com vinagre, agua ardente, ou eſpirito de vinho: 2.° os cozimentos adſtringentes com eſpirito de vitriolo, ou huma ſolução forte de pedra hume: 3.° applicações frias na téſta, e nas fontes da cabeça: 4.° as ſangrias geraes no braço, ou no pé, e as particulares por meio de bichas atrás das orelhas, cujas evacuações, medidas pelas forças, devem ſer acompanhadas da quietação, cabeça elevada, e dos remedios internos, que parecerem convenientes, como quina, acidos vegetaes, e mineraes, a pedra hume, &c.: 5.° as méchas molhadas nas preparações eſtiticas, e mettidas no con-

du-

ducto, ou conductos naſaes: 6.° finalmente a formação, a qual ſe faz enchendo-ſe o conducto naſal, donde corre o ſangue, com fios ſeccos, a fim de que, embebendo-ſe nos fios, ſe forme o coalho, que ſuſpende a hemorrhagia.

Se eſtes meios não baſtão (*a*), paſſaremos a tapar as ventas anterior, e poſterior do modo ſeguinte. Toma-ſe huma velinha, ou corda de rebecão, em cuja extremidade eſtá prezo hum cordão, e paſſa-ſe do nariz para a boca poſterior, onde ſe lhe péga com huma pinça, para ſe puxar pela boca, até o cordão ſahir fóra; então deſprendendo-ſe da velinha, ou corda, ſe ata na ſua extremidade hum lichino grande para tapar bem a venta poſterior; e puxando-ſe o dito cordão pela parte do nariz, até que o lichino che-

gue

(*a*) Quando o ſangue corre dos ſeios, ou de parte, onde não podem chegar os remedios, a pezar de os ſeringarmos com huma borracha, ſó preſta tapar a venta anterior, e poſterior, e deixar coalhar o ſangue no conducto naſal depois de cheio.

gue á dita venta, ſe reparte na anterior em duas porções, entre as quaes ſe mettem lichinos, e ſe atão ſobre elles de modo, que, huma e outra ficando tapadas, ſe demore o ſangue no conducto naſal, e coalhado ſuſpenda a hemorrhagia. (*a*)

Para ſe tirar eſta formação depois de ſinco, ou ſeis dias, ſe corta o cordão na venta anterior, para ſe pegar com huma pinça no lichino, que ſe acha na poſterior.

Dos Polypos.

§. LXXIX.

Dá-ſe o nome de polypos a humas excreſcencias da membrana, que forra as ca-

(*a*) A paſſagem do cordão, e a exiſtencia do lichino na venta poſterior algumas vezes excitão vomitos, e eſpirros, que fazem eſte meio alguma couſa incommodo: por cujo motivo ſó recorreremos a elle em ultima neceſſidade. Tem-ſe inventado muitos inſtrumentos para ſe paſſar o cordão do nariz para a boca, ou da boca para o nariz: porém a corda de rebecão, ou velinha são preferiveis a todos elles.

cavidades do nariz (*a*), as quaes ou são formadas por congeſtões dentro dos vaſos, ou por folliculos dilatados pelo muco, que filtra a dita membrana.

§. LXXX.

Os polypos differem huns dos outros, 1.° pelo volume; porque huns são pequenos, e outros grandes: 2.° pela conſiſtencia; porque huns são molles, e outros duros: 3.° pela côr amarellada, esbranquiçada, achumbada, vermelha, denegrida, &c.: 4.° pela figura; porque huns são pyriformes, outros chatos, huns com pé delgado, e outros iguaes em toda a ſua extensão, ou com a baſe mais larga, do que o corpo: 5.° finalmente pela indole, ou qualidade eſpecifica de cada hum, como eſcrofulo[illegible]ſos, ſcirroſos, cancroſos, venereos, &c., o que lhes faz dar tambem os nomes

(*a*) Tambem ſe dá o meſmo nome a iguaes excreſcencias, formadas na membrana, que forra o utero, vagina, eſophago, fauces, &c., e a certas concreções da lympha coagulavel dentro do coração, e dos vaſos, aſſim arterioſos, como venoſos.

mes de benignos áquelles, que são brancos, brandos, vermelhos, indolentes, e que não tem qualidade particular; e malignos áquelles, que são dolorosos, lividos, negros, ou duros, e se complicão com algum veneno, ou disposição particular.

§. LXXXI.

As causas dos polypos são pancadas no nariz, fluxões venereas, ou catarrosas, congestões inflammatorias, ou chronicas, ulceras, e tudo o que irritar, ou estimular a membrana pituitaria, como ar frio, errhinos, estiticos, formações para suspender hemorrhagias, &c., cujos polypos, sendo benignos, conservão-se estacionarios, ou crescem lentamente com pouco incommodo; e sendo malignos, isto he, declarando-se-lhes alguma qualidade especifica, crescem apressadamente, tapão a venta, difficultão a respiração pelo nariz, destroem o olfacto, aproximão-se á venta anterior, ou descem ao pharynx pela posterior, tolhendo alguma cousa a voz,

e

e falla, entupem o conducto lacrimal, reſultando a epiphora, desfigurão o roſto, abatem a abobeda do paladar, entortão o ſepto naſal para a venta oppoſta, ao ponto de a tapar, e finalmente inflammando-ſe, e ulcerando-ſe, produzem dores agudas, e huma materia fetida, além da inchação, e vermelhidão das partes vizinhas. He neſte eſtado que os polypos adquirem o caracter cancroſo, para o qual concorre muito a ſtructura da membrana pituitaria.

Cura.

§. LXXXII.

A cura dos polypos póde conſeguir-ſe no principio com remedios topicos, e conſtitucionaes apropriados ás ſuas cauſas, e natureza. Os conſtitucionaes são ſangrias, purgantes, fontes, antivenereos, antiſcorbuticos, antiſcrofuloſos, &c., ſegundo a exiſtencia deſtes venenos, ou diſpoſições. Os topicos reduzem-ſe a aguas adſtringentes, ſaturninas, mercuriaes, &c.

de cujas aguas ou ſe uſa em ſorvos, ou em méchas molhadas, e applicadas ſobre o polypo. Tambem ſe tem uſado dos adſtringentes, e mais remedios em fórma de pós, ou unguentos.

Quando eſtes remedios não aproveitão, tem algumas vezes, ainda que poucas, aproveitado os cathereticos, como o nitrato de prata, de mercurio, o antimonio muriato, e outros, aos quaes, applicados ao polypo por meio de hum pincel, ſe deve evitar a acção ſobre as partes vizinhas com injecções de agua morna, ou leite. Todavia os cathereticos tem o riſco de irritarem os polypos, ſeguindo-ſe inflammações, ſuppurações, e muitas vezes a diſpoſição cancroſa; por cujos motivos os devemos abandonar, ou ao menos limitar a ſua applicação aos polypos molles, ou mucoſos. Eu não fallarei do cauterio; porque a pezar das cautelas tomadas pelos antigos para empregarem toda a ſua acção no polypo, defendendo as partes vizinhas, moſtrou a experiencia,

que

que de humas applicações ás outras augmentavão os polypos tanto, ou mais, do que ſe conſumia em cada cauterização.

§. LXXXIII.

Se os meios propoſtos não produzem effeito, he preciſo extirpar o polypo, arrancando-o, ou ligando-o pela raiz, antes que pelo ſeu augmento, ou diſpoſição cancroſa ſe ponha em eſtado de lhe não aproveitarem as operações. Extirpar os polypos, arrancando-os, he o methodo mais ſeguro, ou menos ſujeito a repetições, mas ſeguido commummente de trabalhoſas hemorrhagias, e algumas vezes de carias, porque ſe deſpega a membrana pituitaria dos oſſos: com tudo deve preferir-ſe á ligadura, quando eſta ſe não póde fazer ſobre a raiz. Para ſe arrancar hum polypo ſe fará aſſentar o enfermo em huma cadeira defronte da luz de huma janella com a cabeça ſegura por hum ajudante ſituado por detrás delle: então o operador toma huma pinça propria (*a*), pé-

(*a*) Eſta pinça differe das ordinarias em ſer mais

péga com as pontas deſta no corpo do polypo, o mais perto da raiz que for poſſivel; e apertando-as bem, principia a mover a pinça de roda ſempre para huma parte, até que enrolado o polypo ſobre a pinça, ſe quebre a ſua raiz, e ſe tire fóra. Succede muitas vezes desfazer-ſe o polypo entre as pontas da pinça, ou quebrar-ſe de modo, que ficão alguns reſtos, os quaes o operador deve extirpar do meſmo modo, ou logo, ou paſſados dias, ſe houver grande hemorrhagia. Quando as pinças não puderem entrar livremente pela venta para pegarem no polypo, a poderemos dilatar, e depois unir a ferida.

§. LXXXIV.

Deſcendo o polypo ao pharynx por detrás do véo do paladar (*a*), he mais fa-

forte, e ter as pontas mais largas, e compridas, cheias de aſperezas, ou furadas, para pegarem melhor no polypo.

(*a*) Os polypos, que naſcem em qualquer parte dos conductos naſaes, proximo ás ventas poſteriores, tem mais facilidade em buſcarem o pharynx; mas

facil extirpallo por aquelle lugar, do que pela venta anterior; o que faremos pegando-lhe com huma pinça mais, ou menos curva, ſegundo o volume, e ſituação do meſmo polypo: e ſe o véo do paladar embaraçar eſta operação, ſe poderá fender com hum biſturi, ou eſcalpello de baixo para cima, até ao ſeu ataque, ſem que ſe ſiga grande inconveniente, excepto alguma hemorrhagia, que ſe eſtancará com os gargarejos adſtringentes.

A extirpação por eſte lugar he menos ſegura; porque as pinças não podem chegar á raiz, nem andar de roda para arrancarem todo o polypo; do que reſulta ficarem ordinariamente porções, as quaes creſcendo renovão a moleſtia, e ſeus incommodos. Com tudo he melhor repetir-ſe a extirpação mais vezes, do que deixar o enfermo expoſto ao perigo da

ſuf-

---

não) he raro, que hum polypo, naſcendo do meio, ou da parte anterior dos ditos conductos, ſe divida em duas porções, ou ramos, dos quaes hum ſahe pela venta anterior, e outro deſce ao pharynx pela poſterior.

ſuffocação, e mais inconvenientes, que podem reſultar do creſcimento monſtruoſo dos polypos. De qualquer modo que ſe arranque o polypo, convem deixar correr ſangue por algum tempo; porém ſe a hemorrhagia for exceſſiva, uſaremos para a ſuſpender dos meios (LXXVIII).

§. LXXXV.

Extirpar os polypos, ligando-os, he o ultimo meio, do qual ſe tem ſervido os praticos para a cura deſta moleſtia. Com tudo a ligadura ſó tem lugar nos polypos, cujo pé for mais delgado, do que o corpo, ou ao menos igual, e naquelles, que tiverem huma certa conſiſtencia, mediante a qual, não poſsão ſer cortados pelo cordão. E para que eſte meio aproveite completamente, he preciſo que a raiz ſe deſcubra com a viſta, ou ſe toque com as ſondas, para ſobre eſta ſe fazer a ligadura; porque ſe os polypos naſcem dos ſeios, ou de parte, onde ſe não poſſa ligar o pé, ainda que ſe ligue parte do cor-

corpo, cahe eſta parte, e fica a raiz, a qual não tarda em produzir hum novo polypo.

Tem-ſe inventado differentes modos de ligar, e conſervar os polypos ligados até cahirem (*a*); mas o mais ſimples, e

(*a*) Glandorp foi o primeiro, que fallou mais claramente da laqueação dos polypos; e depois de lhes fazer a ligadura, cortava a porção excedente, e eſperava que a dita ligadura cahiſſe pela ſuppuração. Dionyſio enlaçava o polypo por meio das pinças, e fazia paſſar hum dos extremos do cordão do nariz para a boca a favor de huma agulha de chumbo curva, e comprida, para apertar a laçada, puxando pelo extremo, que ſahia pela boca, e pelo que ficava na venta. Heiſter paſſava o cordão ao redor do polypo por meio de huma agulha curva, ſemelhante á de Goulard, para laquear a arteria intercoſtal, porém mais pequena. Levret, adoptando para os polypos do nariz os meſmos meios, de que elle ſe ſervia para os das partes genitaes da mulher, deo as melhores idéas a eſte reſpeito; pois que até o ſeu tempo todos os methodos erão imperfeitos, e ſó convinhão aos polypos, que naſcião dos lados, ou da parte inferior do conducto nafal. Eſtes meios conſiſtem em hum fio de ouro, ou de prata, cuja aza ſe ſitua em torno do polypo, ſem ſoccorro d'outros inſtrumentos, e de hum dobre-canudinho de prata, por cada conducto do qual

mais ſeguro he o ſeguinte. Situado o doente (LXXXIII), toma o operador hum cordão encerado, feito de retroz, ou linhas; e formando do meio deſte huma aza, enfia os dous extremos em quatro, ſeis, ou mais contas: feito iſto, ſitua ao re-

---

ſe paſſa hum dos extremos do fio, para que torcidos hum com o outro ſe afogue o polypo dentro da aza apertada pelo canudinho. E como dous canudinhos fazem maior volume, paſſáráo os praticos a uſar de hum ſó com huma traveſſa em hum dos extremos, a qual divide o conducto em duas porções, que dáo paſſagem a cada extremo do fio, para ſe torcerem ſobre a dita traveſſa.

A facilidade, que tem os fios metallicos em cortar o polypo, e o incommodo, que cauſa o canudinho, fizerão lembrar as contas, e o fio de retroz, ou linha. E tanto para ſituar a aza, como para a apertar, ſe tem inventado varios inſtrumentos, como tentas com aneis, caravelhas, &c., os quaes são todos inuteis; pois que com as ſondas forcadas ſe ſitua bem a aza, e com as contas ſe aperta quanto he preciſo. Eu não fallarei do ſedenho nodoſo aconſelhado pelos antigos, e ſeguido por alguns modernos; porque o julgo de nenhum effeito, aſſim como tambem a amputação, ou córte do polypo, a não ſer facil deſcubrir-ſe a ſua raiz, e cortar-ſe com a tiſoira, ou com o eſcalpello.

redor da raiz, ou corpo do polypo a dita aza por meio de huma, ou duas ſondas forcadas, curvas, ou rectas, ſegundo convier; e conduzindo as contas até ao polypo, ata os dous extremos ſobre huma conta, pelo buraco da qual ſó tem paſſado hum dos ditos extremos. O gráo de aperto deve ſer tal, que ſuffoque o polypo, ſem com tudo o cortar, o que he muito facil, ſe ſe apertão muito os extremos, oũ ſe o polypo he brando. Se o primeiro gráo de aperto, que ſe faz, não baſta para fazer morrer o polypo, cumpre no ſegundo, e mais dias, ſe for preciſo, augmentar o dito aperto com hum cordão groſſo, o qual ſe ata entre conta e conta, para as apartar huma da outra, e eſtreitar a aza, que aperta o polypo. No fim de tres, quatro, ou mais dias cahe o polypo, e fica huma ulcera inſignificante, que ſe acaba de curar com aguas adſtringentes.

Quando o polypo deſce ao pharynx, o enlaçaremos do meſmo modo, fazendo paſſar o cordão pelo conducto naſal, co-

mo fica dito (LXXVIII): e quando a aza apparece no pharynx, a ſituaremos em torno do polypo com os dedos, pinças, ou ſondas forcadas, e puxando os extremos pela venta, quanto for poſſivel, levando as contas até apertarem bem a aza, os ataremos como fica dito.

Algumas vezes parece-nos que o polypo fica enlaçado, mas a aza eſcapa, e ſeria preciſo tornar a paſſar outro cordão: para evitar eſte trabalho, e incommodo do paciente, prenderemos á primeira aza, quando apparece no pharynx, huma ſegunda, para ſervir em falta da primeira, a qual, não ſendo precifa, cortaremos, para não excitar cocegas no pharynx.

Sendo a ligadura, ou laqueação o meio menos arriſcado, quando he praticavel; com tudo he o mais ſujeito ás reproducções, particularmente não ſe podendo atar o polypo bem rente da parede do nariz; mas por iſſo que he o meio mais ſuave, ſe póde repetir todas as vezes que ſe julgar conveniente.

CA-

CAPITULO V.

Das operações, que ſe praticão nas vias lacrimaes. (*a*)

§. LXXXVI.

AS vias lacrimaes obſtruidas produzem hum corrimento de lagrimas pela face abaixo, e eſta moleſtia ſe chama epiphora, ou olho lacrimante. Se a obſtrucção ataca os abſorventes lacrimaes, eſcapão as lagrimas do olho na ordem, em que são filtradas; mas ſe ataca o conducto lacrimal, entrão para o ſaco, ſoffrem alguma alteração, e deixão de correr pela face alguns eſpaços de tempo.

Dif-

(*a*) As vias lacrimaes são 1.° os dous abſorventes lacrimaes, que principião na parte interna das extremidades das palpebras junto ao grande angulo por dous buraquinhos, chamados pontos lacrimaes, e vão abrir-ſe no ſaco lacrimal: 2.° o ſaco ſituado ſobre a face externa do oſſo unguis: 3.° o conducto lacrimal, que naſce deſte ſaco, e deſce pelo conducto lacrimal oſſudo, para ſe abrir no conducto naſal pela parte externa do oſſo turbinado.

§. LXXXVII.

Differentes cauſas produzem a obſtrucção dos abſorventes lacrimaes, como 1.° a reunião de ſuas paredes por huma conformação vicioſa: 2.° a compreſsão cauſada por tumores, ou enfartos formados nas vizinhanças deſtes conductos: 3.° a ſua deſtruição por chagas venereas, eſcrofuloſas, queimaduras, bexigas, &c.: 4.° a inchação da caruncula lacrimal, ou o eckantis: 5.° o ectropio, ou inversão das palpebras: 6.° finalmente a eſpeſſura das lagrimas, e humor de Meibomio, que entupem os ditos conductos.

§. LXXXVIII.

A obſtrucção dos abſorventes lacrimaes conhece-ſe facilmente, não ſó porque exiſtem algumas das cauſas mencionadas, mas porque as lagrimas correm continuadamente pela face abaixo, e comprimindo-ſe o ſaco lacrimal, não corre humor, que inunde o globo do olho, nem

ſe

ſe póde paſſar ordinariamente o eſtilete de Anel.

§. LXXXIX.

Quando a epiphora vier em conſequencia de enfartos, ou tumores, que comprimão, ou tapem os abſorventes lacrimaes, he preciſo reſolver, fazer ſuppurar, ou extirpar os ditos enfartos, ou tumores, e deſentupir os abſorventes com a ſonda de Anel. As chagas venereas, eſcrofuloſas, combuſtas, bexigoſas, &c., não ſó mudão a diſpoſição dos abſorventes, mas curadas, ficão cicatrizes, que apagão totalmente os pontos lacrimaes. No primeiro caſo cumpre curar as ditas chagas com os remedios apropriados ſegundo a ſua natureza, não as deixando lavrar muito, e alimpando-lhes a materia com repetidas lavagens: e no ſegundo abrir novo caminho ás lagrimas, ou deſentupir os naturaes com a ſonda de Anel. Se a caruncula lacrimal obſtruida for a cauſa da epiphora, convem empregar os remedios reſolutivos, conforme a natureza da ob-

obſtrucção, e, ſe não aproveitão, extirpalla.

No ectropio ha o olho lacrimante, ou epiphora ſem defeito dos abſorventes lacrimaes ; porque as palpebras voltadas deixão de conduzir as lagrimas ao canto interno do olho, e debalde ſe empregão remedios, em quanto ſe não curar o ectropio. A viſcoſidade dos humores, que devem enfiar os abſorventes, poucas vezes he a cauſa da epiphora : com tudo ſe acontecer alguma vez, uſaremos dos collirios apropriados á cauſa, que vicia os humores, aſſim como tambem da ſonda de Anel, no caſo de ſe acharem entupidos os ditos abſorventes. A reunião das paredes dos abſorventes por conformação vicioſa, por inflammações, ou por chagas, que os tenhão deſtruido, he bem difficultoſa de remediar; porque não ſabemos ſe a tal reunião ſe eſtende tambem ao ſaco, e conducto lacrimal; pois que he impoſſivel paſſar-ſe a ſonda de Anel. Com tudo como temos obſervações de peſſoas curadas

das por meio de novos caminhos, que ſe praticárão em lugar dos caminhos naturaes, não devemos abandonar os pacientes a huma moleſtia, que lhes he tão incommoda, como deſagradavel ás peſſoas, que os vem.

§. XC.

Para ſe praticar a operação de abrir novos abſorventes, ſitua-ſe o doente ſentado em huma cadeira baixa defronte da luz de huma janella, e o operador em outra hum pouco mais alta: então abaixando a palpebra inferior, ou levantando a ſuperior com os dedos da mão eſquerda, toma com os da direita huma agulha da groſſura da ſeda de javali, e applicando a ſua ponta no ponto lacrimal, penetra com ella até ao ſaco na meſma direcção do abſorvente lacrimal. Iſto feito, tira a agulha, e com a ſonda de Anel reconhece ſe o ſaco, e conducto lacrimal ſe achão deſembaraçados. Achando-ſe aſſim, ſó reſta callejar o novo conducto, mettendo-lhe todos os dias huma porção de ſeda de

javali untada em algum oleo, e preza com huma linha a hum bocado de emplaſtro pegajoſo. Achando-ſe o primeiro conducto callejado, ſe abrirá o ſegundo debaixo dos meſmos preceitos; advertindo que ſe deve abrir primeiro o de cima, por ſer mais facil a paſſagem da ſonda para o nariz ao través deſte, do que do de baixo. Não ſe póde determinar exactamente o tempo preciſo para ſe callejarem os novos abſorventes; mas não ſe deve deſcontinuar o uſo da ſeda antes de dous, ou tres mezes.

§. XCI.

Quando ſe não deſcobrem os pontos lacrimaes, que indiquem o lugar, onde ſe deve principiar a operação, ou eſta ſe fizer ſem utilidade, como ſuccede algumas vezes pela reunião do ſaco, ou conducto lacrimal, e por ſe tornarem a tapar os novos abſorventes, recorreremos ao conducto commum (*a*), que praticaremos do

(*a*) Chama-ſe conducto commum; porque ſendo hum ſó, faz o officio dos dous abſorventes.

do modo ſeguinte. Situado o doente como fica dito (XC), toma o operador hum biſturi, e com elle faz huma incisão da extensão de tres, ou quatro linhas ſobre o unguis, que deſcubra eſte oſſo (*a*): então com hum trocarte delgado o fura de cima para baixo, até chegar ao conducto naſal. Iſto feito, toma a agulha de abater a catarata, e applicando a ſua ponta entre a união das duas palpebras, e a caruncula lacrimal, a faz chegar ao buraco praticado no oſſo unguis em huma direcção obliqua de cima para baixo, e de fóra para dentro, a fim de que as lagrimas encontrem declive neſte novo caminho, o qual aberto, ſó reſta paſſar-lhe hum ſedenho para ſe callejar. Para paſſar o ſedenho, toma o operador huma agulha de chumbo com hum cordão, cujas groſſuras não excedão á da primeira agulha; e fazendo-a entrar pelo conducto prati-

(*a*) Não ſe póde poupar eſta incisão, como queem alguns, em razão da direcção, que a ſonda deve ſeguir, ſer perpendicular.

cado entre a união das palpebras e caruncula, a tira pela incisão feita ſobre o oſſo unguis, para de novo a fazer paſſar ao través do buraco praticado no dito oſſo, e a tirar pela venta correſpondente. Deſte modo fica paſſado o ſedenho do olho para o nariz, de cujo lado ſerá ſempre puxado, para ſe evitarem carnes baboſas junto á caruncula. A incisão ſobre o oſſo unguis, que ſerve para por ella ſe penetrar aquelle oſſo, e paſſar o ſedenho, fica ſendo inutil depois deſte paſſado; e por tanto deve unir-ſe por primeira intenção. O cordão, que ſe molha nos remedios convenientes aos differentes eſtados, por que deve paſſar a ulcera, ſó ſe tirará quando o conducto commum ſe achar callejado, e feitas as exfoliações do oſſo unguis, que ordinariamente he depois de tres, ou quatro mezes. (*a*)

Eſ-

(*a*) Como o ſedenho deve ſempre paſſar do olho para o nariz, convem ſer muito comprido, ou renovado, quando for preciſo, prendendo o ſegundo ao primeiro de modo, que na prizão não haja augmento de groſſura.

Eſte conducto commum he mais cuftoſo, e doloroſo, do que os novos abſorventes lacrimaes, mas he mais ſeguro; e por tanto preferivel em todos os caſos, em que haja a menor dúvida do bom exito dos ditos abſorventes.

Da obſtrucção do ſaco, e conducto lacrimal.

§. XCII.

O ſaco lacrimal poucas, ou nenhumas vezes ſoffre obſtrucção, a não ſer no principio do conducto lacrimal, ou no fim dos abſorventes (*a*); mas o conducto lacrimal he o que na maior parte das moleſtias das vias lacrimaes ſoffre a obſtrucção, a qual vem de muitas cauſas, como 1.° de congeſtões, e ulcerações chronicas,

(*a*) Se a parede do ſaco ſe engroſſa, e tapa as embocaduras dos abſorventes, reſulta o meſmo, que fica dito da obſtrucção dos abſorventes, e exige o meſmo tratamento: porém, ſe ſe engroſſa, e tapa o principio do conducto lacrimal, reſulta o meſmo, que ſe a obſtrucção foſſe em outro qualquer ponto deſte conducto.

cas, procedidas do veneno venereo, da diſpoſição eſcrofuloſa, das bexigas, e particularmente dos enfartos catarroſos da membrana pituitaria, os quaes não ſó entupem o conducto naſal, embaraçando o deſpejo das lagrimas, mas propagando-ſe ao conducto lacrimal, o obſtruem de modo, que as lagrimas não paſsão do ſaco. As peſſoas defluxionarias são por tanto muito ſujeitas ás obſtrucções das vias lacrimaes, e epiphoras; não ſó porque as lagrimas ſe filtrão em maior abundancia, em razão do eſtimulo propagado do nariz aos olhos, mas porque não achão livre paſſagem dos olhos para o nariz: 2.° frequentes inflammações no ſaco lacrimal, conducto, e partes vizinhas, as quaes não ſó comprimem as cavidades deſtas vias por effeito da congeſtão, mas produzem ulceras, e adherencias entre ſuas paredes, como he commum nas inflammações adheſivas: 3.° polypos, excreſcencias, ou verrugas, que naſcem dentro do ſaco, ou conducto lacrimal, e entupem eſtas partes:

tes : 4.° finalmente a eſpeſſura das lagrimas, e humor de Meubomio, por effeito da qual não podendo enfiar as vias lacrimaes, e alterando-ſe, as irritão, chamando-lhes inflammações, eſpaſmos, ou meſmo congeſtões chronicas, e ulceras.

§. XCIII.

Obſtruidos o ſaco, ou conducto lacrimal por qualquer das cauſas referidas, as lagrimas, que continuadamente regão o olho, e devião paſſar para o nariz, vão enchendo o ſaco, e reſto do conducto, até não caberem mais, e então, entornando-ſe pela face ábaixo, produzem a epiphora, ou olho lacrimante. Demoradas as lagrimas no ſaco, e conducto, ſoffrem alguma alteração, que lhes muda a côr, e conſiſtencia, ſem os enfermos ſentirem mais incommodo, que o olho choroſo. Eſte eſtado, o mais ſimples deſta moleſtia, he em pouco tempo ſeguido de hum ligeiro tumor, ou inchação no canto interno do olho, junto ao nariz, ſem mudan-

dança de côr da pelle, e ſem dor, o qual comprimindo-ſe com a ponta do dedo, deſpeja pelos pontos lacrimaes hum humor viſcoſo, mais, ou menos esbranquiçado, que inunda o olho. A evacuação deſte humor deixa o ſaco vaſio, e em quanto eſte ſe torna a encher, céſſa a epiphora, a moleſtia neſte eſtado ſe chama hernia, ou hydropeſia do ſaco lacrimal.

Com eſta moleſtia vivem alguns doentes muito tempo, e annos ſem mais incommodo, que o de deſpejarem o ſaco por meio da compreſsão huma, ou mais vezes por dia: porém outros ſoffrem ligeiras ophtalmias, ou inchação das palpebras, e o tumor, inflammando-ſe mais, ou menos, dá mais conſiſtencia, e brancura ao humor, que ſahe pelos pontos; mas, diſſipados eſtes ſymptomas, ficão no meſmo eſtado antecedente.

§. XCIV.

Se a inflammação atura alguns dias, atacando a cellular, que cérca o ſaco, ou eſ-

eſtendendo-ſe ás partes vizinhas, declarando-ſe ao meſmo tempo hum tumor ſobre o meſmo ſaco com a pelle vermelha, liza, ſecca, e ſem ulceração, chama-ſe a moleſtia neſte eſtado anchylops; no qual eſtado ha huma maior deſcarga de humor amarellado pelos pontos, que péga as palpebras huma á outra durante o ſomno (*a*), cujo humor, apparentemente materia, deo occaſião a penſar-ſe que o ſaco

(*a*) Muitos praticos tem julgado, que a inflammação neſte eſtado produzia a ſuppuração, e que a materia junta no ſaco ſahia pelos pontos lacrimaes: porém ſe o anchylops ſe reſolve com os topicos apropriados, ou eſpontaneamente, como he commum, não ha ſuppuração, nem o humor he materia, como ſe tem penſado, mas ſim as lagrimas, e humor de Meubomio eſpeſſados pela demora, e calor da parte inflammada, como ſe vê todas as vezes que as membranas mucoſas eſtimuladas ſe inflammão, e de que os catarros, defluxos, e gonorrheas nos dão muitos exemplos. Eu não duvido, que as lagrimas alteradas, ou outra qualquer cauſa poſſa ulcerar a membrana interna do ſaco, e então ajuntar-ſe algum púz com as lagrimas; mas eſta ulceração he tão rara, que apenas apparecerá hum exemplo, e os modernos duvidão da ſua exiſtencia.

ſe achava ulcerado, e chamárão á moleſtia fiſtula céga, ou interna, porém ſem fundamento algum; pois que pela diſſipação da inflammação, e ſeus ſymptomas, torna a moleſtia a ficar naquelle eſtado ſimples (XCIII).

§. XCV.

Quando a obſtrucção do ſaco, ou conducto lacrimal, he a cauſa de frequentes inflammações, e alguma deſtas chega a ſuppurar, rompe-ſe a pelle ſobre o ſaco, como he commum nos abſceſſos, e fica huma chaga, pela qual ſe deſcarrega a materia. Se o ſaco lacrimal neſte eſtado ſe não acha roto, pertence á moleſtia o nome de egylops, e não de fiſtula lacrimal, como dizem muitos AA., confundindo o egylops com a verdadeira fiſtula; porque na fiſtula acha-ſe o ſaco roto, e ſahem as lagrimas, e materia pela ruptura da pelle, e no egylops ſahem as lagrimas pelos pontos lacrimaes, e a materia pela abertura da pelle. He verdade que o ab-

abſceſſo ſobre o ſaco vem cedo, ou tarde a ſer ſeguido de fiſtula ; não ſó porque a ulceração ataca a parede do ſaco , mas porque a falta de apoio da pelle dá lugar a maior dilatação do meſmo ſaco, por effeito das lagrimas , que nelle ſe ajuntão, e demorão.

§. XCVI.

O deſprezo da obſtrucção das vias lacrimaes em qualquer dos eſtados , em que a tenho conſiderado , junto com o máo eſtado da conſtituição , hum tratamento pouco methodico , ou alguma qualidade eſpecifica , podem dar lugar a muitas complicações , como carias nos oſſos vizinhos , fungos , e calloſidades , que difficultão muito a cura. Todavia eſtas complicações , particularmente as carias , são muito raras , como a experiencia nos moſtra todos os dias ; por cujo motivo não devemos attribuir-lhes , como os antigos , a rebeldia da cura , que vem o mais das vezes da difficuldade , que ha em conſervar livre a paſſagem das lagrimas.

Cura.

§. XCVII.

A cura das obſtrucções das vias lacrimaes exige não ſó a deſtruição das cauſas remotas, e proximas, mas certos meios topicos relativos a cada eſtado, a que ſe acharem reduzidas as partes.

Primeiro eſtado.

§. XCVIII.

No primeiro eſtado, iſto he, achando-ſe o ſaco dilatado, formando a hernia, a pelle no eſtado natural, e fahindo pelos pontos lacrimaes hum humor mucoſo, hum pouco turvo, cumpre uſar da ſonda de Anel para deſentupir o conducto lacrimal, e de ſeringatorios por meio da ſeringa do meſmo A. (*a*)

Pa-

(*a*) Se a obſtrucção neſte primeiro eſtado não for muito incommoda, ſerá melhor não tentar a cura; porque algumas vezes a introducção da ſonda cau-

Para ſe paſſar a ſonda, ſitua-ſe o enfermo como fica dito (XC), e o operador ſentado em huma cadeira mais alta, afaſta com os dedos de huma das mãos as palpebras huma da outra, o que baſtar para deſcubrir os pontos lacrimaes, e com os dedos da outra mão pêga na ſonda, e a vai introduzindo pelo abſorvente ſuperior na meſma direcção deſte conducto até ao ſaco; e então levantando a mão da ſonda de modo, que eſte inſtrumento fique perpendicular, buſca com a ſua ponta, movendo-a em differentes direcções, a entrada do conducto lacrimal, ao través do qual a conduz até á cavidade do nariz. Feito iſto, tira a ſonda; e tomando a ſeringa cheia de alguma agua tonica, e adſtringente, ou antiphlogiſtica, introduz o pipo (*a*) no abſorvente inferi-

---

fa eſtimulo, com o qual ſe aggrava a moleſtia, e ſó recommendaremos ao enfermo, que deſpeje o ſaco, comprimindo-o duas, ou mais vezes por dia, e que lave o olho com algum collirio tonico, ou ſaturnino, ſe houver ſenſibilidade.

(*a*) Tanto o pipo da ſeringa, como a ſonda,

rior, e faz o ſeringatorio com baſtante força para ſahir pelo nariz, e pontos lacrimaes. Os ſeringatorios devem repetir-ſe todos os dias, até as lagrimas paſſarem livremente para o nariz, e não exiſtir a hernia; e a introducção da ſonda tantas vezes, quantas o ſeringatorio não paſſar para o conducto naſal. (*a*)

Be-

---

não devem ter mais groſſura, do que huma ſeda de javali, particularmente no principio.

(*a*) A invenção da ſonda por Anel em 1712 para deſembaraçar o conducto lacrimal á Duqueza de Saboia, e o bom ſucceſſo, que houve neſta occaſião, aſſim como em outras, grangeou a eſte methodo tanta reputação, que Heiſter diz, que com a ſonda ſe podem curar não ſó as obſtrucções recentes, mas as inveteradas, com tanto que não hajão calloſidades, ou carias. Com tudo a maior parte dos praticos tem conhecido por experiencia propria a fallibilidade da ſonda, particularmente Pott, que aſſevera, que eſte inſtrumento excita commummente inflammação, da qual ſe ſeguem inconvenientes maiores, do que todas as vantagens, que podem reſultar. Todavia eu tenho uſado da ſonda com utilidade para abrir caminho aos ſeringatorios, com os quaes poſſo dizer com muitos praticos que ſe conſegue frequentemente a cura das obſtrucções das vias lacrimaes, e creio que o A. teve

Belizard foi (quanto eu poſſo ſaber) o primeiro, que ſe lembrou de deſobſtruir as vias lacrimaes com mercurio, inventando hum tubo de vidro com hum pipo de aço, que ſe introduz em algum dos abſorventes, para que o pezo do dito mer-

---

as meſmas viſtas, pois que elle inventou a ſeringa para os meſmos fins. Mejean pertendeo aperfeiçoar o methodo de Anel, introduzindo a ſonda pelas vias lacrimaes, e recebendo a ponta deſta no conducto nafal em huma tenta cavada, para a tirar pela venta. O fim deſta operação era de paſſar huma linha enfiada no fundo da ſonda, do olho para o nariz, cuja linha ſervia para conduzir ao conducto lacrimal pela venta huma mécha, compoſta de quatro, ou ſeis fios, e untada, ou molhada em algum remedio: e como a eſta mécha ſe ataſſe huma linha, que ficava na venta, tirava-ſe a dita mécha no dia ſeguinte, para ſe ſubſtituir outra, continuando aſſim até que o conducto lacrimal ſe achaſſe deſobſtruido. Cabanis tirava a ſonda pelo nariz, introduzindo na venta huma eſpecie de eſpatula, compoſta de duas peças, que corrião huma ſobre outra deſencontradamente, e erão crivadas de buracos, para receber, e apertar em algum a ponta da dita ſonda. Porém tanto o methodo de Mejean, como as ſuas correcções, ſe devem abandonar; porque, além de enfadonho, e fallivel, tem o inconveniente de deſtruir o abſorvente lacrimal com a conti-

mercurio vivo deitado no tubo vença a obſtrucção. Eſte invento he muito util; porque, ainda que não vença a obſtrucção, com tudo fica o ſaco cheio de mercurio, o qual não ſó impede o ajuntamento, demora, e alteração das lagrimas no meſmo ſaco, mas pela ſua virtude re-

mo-

nuada fricção. Foreſt lembrou-ſe para deſembaraçar o conducto lacrimal de humas ſondas curvas, á maneira das algalias, introduzidas pela venta do modo ſeguinte. Sentado o enfermo em huma cadeira com a cabeça inclinada para trás, toma o operador a ſonda, que lhe parecer proporcionada ao conducto em groſſura, curvatura, e comprimento; e mettendo-a pela venta com a curvatura voltada para cima, buſca com a ponta o fim do conducto lacrimal por baixo, e por fóra do turbinado; e achando-o, deſcahe com o pavilhão tanto, quanto a ponta ſóbe pelo conducto acima, até ſe perceber pela parte da orbita junto ao ſaco lacrimal. Iſto feito, retira a ſonda, e com huma algalia das meſmas dimensões, e introduzida do meſmo modo, faz os ſeringatorios convenientes por meio de huma ſeringa, que Foreſt inventou, cujo pipo curto ſe ajuſta ao bocal da algalia por huma tarracha. Eſte methodo he preferivel ao de Anel com todas as correcções, para deſobſtruir o conducto lacrimal; mas he mais difficultoſo, e exige exactos conhecimentos anatomicos para ſe poder executar.

move algumas congeſtões, e cura a moleſtia algumas vezes. Alguns praticos modernos tem lançado mão da compreſsão ſobre a hernia do ſaco, a qual ſe póde fazer com a máquina inventada por Fabricio de Aquapendente, ou com chumaços, e ligadura bem ajuſtada. Eu prefiro a ligadura praticada do modo ſeguinte. Applica-ſe hum pequeno chumaço molhado em algum liquido adſtringente ſobre o ſaco, por cima deſte outros, que não ſó cubrão o olho, mas enchão o vazio, que ha entre o meſmo olho, e nariz, e todos ſuſtidos com tres, ou quatro voltas da ligadura chamada monoculo ſimples. A compreſsão não he tão efficaz como diz Aquapendente, particularmente feita com a máquina, como notão Pott, e Pellier; mas ha caſos, em que ſe deve preferir aos outros meios, como 1.° quando a compreſsão com o dedo no ſaco faz paſſar parte do humor para o nariz: 2.° quando ſe chegão a deſentupir as vias lacrimaes com a ſonda, e ſeringatorios, e tor-

não de novo a obſtruir-ſe : 3.° finalmente quando , depois de feita a operação da fiſtula lacrimal , as lagrimas cahem pela face abaixo. O gráo de aperto deve ſer tal , que não deixe lugar ao ſaco para ſe dilatar , nem o comprima de ſorte , que as lagrimas não poſsão paſſar para o nariz.

Segundo eſtado.

§. XCIX.

No ſegundo eſtado , iſto he , achando-ſe tumor , ou inchação com a pelle inflammada , e ſahindo pelos pontos lacrimaes hum humor ſemelhante a materia , ou o que os praticos chamão anchylops (XCIV) , convem 1.° ſangrar , ſe o apparato inflammatorio he grande , adietar , e ordenar os antiphlogiſticos : 2.° promover a reſolução com os topicos ſedativos , e emollientes uſados em vapores , banhos , appoſitos molhados , ou cataplaſmas. E no caſo de ſe ſeguir a ſuppuração , ajudalla com as cataplaſmas ; e logo que appa-

re-

rece abſceſſo, abrillo antes que a ulceração ataque as paredes do ſaco, e ſe ſiga a fiſtula.

Para ſe abrir eſte abſceſſo, ſe tocará ſuperficialmente com a ponta da lanceta, ou biſturi de modo, que ſe não offenda o ſaco; e aberto, ſe eſtabelecerá a ſuppuração com digeſtivos ſuaves, e a cicatrização com fios ſeccos, ou alguma agua deſeccante.

Como a cauſa do anchylops ſeja a obſtrucção do conducto lacrimal, ou elle ſe reſolva, ou ſuppure, convem, abatidos os eſtimulos, remover a obſtrucção por meio da ſonda, e ſeringatorios, como fica dito (XCVIII). (*a*)

(*a*) Eu tenho viſto muitas vezes remover-ſe a obſtrucção das vias lacrimaes ſem mais ſoccorros, do que o de fazer ſuppurar o anchylops, particularmente nas obſtrucções recentes, e que provém de cauſas, que ſe podem remover facilmente, como congeſtões agudas, eſpeſſuras de lagrimas, &c.

Terceiro eſtado.

§. C.

Se a pezar deſtas diligencias, ou por deſprezo, e máo tratamento, a moleſtia paſſar ao terceiro eſtado, iſto he, achando-ſe a pelle ulcerada, mas ſem ruptura no ſaco, e maior deſcarga de humor purulento pelos pontos lacrimaes, ou para melhor dizer exiſtindo o egylops, convem fazer ainda toda a diligencia para evitar a fiſtula, pondo em prática os meios apontados no §. antecedente; pois que a moleſtia neſte eſtado ſó differe do anchylops em ſe romper a pelle eſpontaneamente, e haver mais probabilidade de ſe declarar a fiſtula lacrimal. (*a*)

Quar-

(*a*) A maior parte dos praticos convem que ſe não deixe rebentar o abſceſſo, antes pelo contrario aconſelhão que ſe abra, e tambem o ſaco, para evitar, como diz Pott, cicatrizes deſagradaveis: mas como a experiencia tem moſtrado, que tanto no eſtado de anchylops, como de egylops, ainda muitas vezes ſe atalha a fiſtula, mediante a ſuppuração, e os meios

Quarto eſtado.

§. CI.

No quarto eſtado, iſto he, achando-ſe o ſaco roto, e a pelle ulcerada de modo, que as lagrimas entrando pelos abſorventes ſaião com a materia pela ulcera da pelle, ou, para melhor dizer, exiſtindo a fiſtula lacrimal, obſervaremos ſe eſta fiſtula he antiga, ou recente, ſimples, ou complicada. A fiſtula recente, e ſimples póde curar-ſe abrindo-ſe o ſaco, e deſobſtruindo-ſe o conducto lacrimal. Para ſe abrir o ſaco, ſenta-ſe o doente em huma cadeira defronte de boa luz, e o operador em pé, ou ſentado defronte delle, toma hum biſturi curvo, e eſtreito, que introduz pela fiſtula na cavidade do ſaco, e corta obliquamente de cima para bai-

propoſtos para deſembaraçar o conducto lacrimal, não devemos por tanto lançar logo mão de tal abertura, excepto nas obſtrucções inveteradas, e produzidas por cauſas permanentes, que ſe não poſsão remover pelos meios propoſtos (XCIX).

baixo, e de dentro para fóra parte da parede do dito ſaco, e da pelle na extensão de tres linhas.

Quando a pelle ſe acha intacta, e o ſaco dilatado, mas que pela antiguidade da obſtrucção, ou permanencia das cauſas ſe faz preciſo abrir o ſaco, principiará o operador o córte, introduzindo o biſturi na cavidade do ſaco, pouco abaixo de huma linha recta tirada da união das palpebras até o nariz, dando ao golpe a meſma direcção, e extensão, que fica dito (*a*). Iſto feito, tira o biſturi, e introduz huma tenta no ſaco, e conducto, para re-

co-

(*a*) Alguns praticos mandão fazer eſte golpe em fórma de meia lua, para ſeguir, dizem elles, a direcção das fibras do muſculo orbicular, e evitar que o olho fique arregalado: porém na curta extensão de tres até quatro linhas, que o tal golpe deve ter, ſó podemos ſeguir a direcção das ditas fibras, cortando, como acima diſſe, e não em meia lua; e ſe alguma vez ſe obſervou o olho arregalado em conſequencia deſta operação, he porque foi principiada acima do lugar, que eu aponto, e ſe cortou a prizão do dito muſculo ao nariz, chamada tendão do muſculo orbicular.

conhecer o eſtado deſtas partes. Se a tenta acha pouca, ou nenhuma difficuldade em paſſar ao nariz, então encherá brandamente o ſaco de fios, e no ſegundo, ou terceiro dia principiará a eſtabelecer a ſuppuração com hum digeſtivo brando, até que a chaga eſteja granulada, e em termos de ſe cicatrizar com os fios ſeccos fuſtidos com algum emplaſtro pegajoſo, o que com tudo não fará ſem toda a certeza de que o conducto eſtá deſobſtruido, certeza que ſe tem pela livre paſſagem das lagrimas, ſeringatorios, e ſonda, e porque a pelle ganha o ſeu eſtado natural. (*a*)

Algumas vezes acha-ſe o conducto lacrimal deſobſtruido, mas as lagrimas demorão-ſe no ſaco, onde ſe alterão, e tomão a apparencia de púz por falta do poder de contracção do dito ſaco: em taes

(*a*) Deſte modo tenho curado algumas obſtrucções, e ſeus effeitos; e julgo que a ſuavidade em taes caſos he o meio mais ſeguro de ſe conſeguir a cura, que muitas vezes ſe não conſegue por meios mais aſperos, como nota Luiz.

taes caſos cumpre recorrer á compreſsão methodica (XCVIII), molhando-ſe os chumaços em licores tonicos, para lhe reſtituirem a acção perdida.

§. CII.

Quando a obſtrucção do conducto for irremovivel por eſtes meios, o que ſe infere das cauſas, antiguidade da moleſtia, e facilidade, com que ſe entupe o dito conducto, durante o uſo dos ſeringatorios, e mais meios propoſtos, então faremos permanecer huma velinha, ou ſonda de chumbo no conducto o eſpaço de dous, tres mezes, ou mais tempo, cujos corpos ſe tirão de quando em quando, para ſe limparem, ou ſubſtituirem outros mais groſſos, que pela compreſsão mecanica alarguem o conducto ao ponto de ſe não tornar a tapar. Se no fim de dous, tres mezes, ou mais tempo (*a*), tirada a ve-

(*a*) A ſonda póde exiſtir no conducto todo o tempo, que ſe quizer, ſem fazer a menor ſujeição ao doente, cubrindo-ſe o extremo deſta com tafetá gommado.

velinha, ou ſonda, e feitos ſeringatorios adſtringentes, o canal ſe entupir de novo, paſſaremos ao ſedenho, meio, a meu ver, mais ſeguro, do que todos os outros até hoje inventados.

§. CIII.

Differentes meios ſe tem inventado para ſe paſſar o ſedenho pelo conducto lacrimal; porém o ſeguinte he o melhor, e mais ſimples. Aberto o ſaco lacrimal, e deſentupido o conducto por meio de huma tenta, toma o operador hum grão de chumbo, no qual ata huma linha comprida; e mettendo-o pelo ſaco na parte ſuperior do conducto, o conduz com a tenta á cavidade naſal, ſe elle não cahe pelo ſeu proprio pezo. Então fazendo aſſoar o enfermo, vem o grão de chumbo no lenço, e fica paſſada a linha, na qual prende hum cordão de retroz, ou algodão da groſſura, que o conducto póde admittir; e puxando a dita linha pelo nariz, fica paſſado o ſedenho, do qual to-

dos os dias vai puxando huma nova porção para dentro do conducto, molhada no remedio conveniente, para cujo fim he miſter, que o cordão ſeja bem comprido, e ſe traga enrolado ao redor da cabeça. Eſte cordão deve ſempre ſer puxado da parte do nariz, para evitar carnes baboſas no canto do olho, e perſiſtir o tempo preciſo para callejar o conducto, ou deſtruir alguns fungos, mediante os remedios, em que ſe embebe. Deſembaraçado o caminho das lagrimas, tira-ſe o cordão, continuão-ſe ſeringatorios por alguns dias, e cicatriza-ſe a chaga externa, tocando-ſe, ſe for preciſo, com o nitrato de prata.

Quando o grão de chumbo não puder paſſar do modo que fica dito, nos ſerviremos de huma agulha de chumbo, que leva a linha, e ſe tira pelo conducto naſal com huma pinça, ou tenta feita em gancho.

Co-

§. CIV.

Como a ſonda, ou ſedenho precisão de muito tempo para deſobſtruirem, e callejarem o conducto lacrimal, e algumas vezes não produzem o fim, que ſe deſeja, tem lembrado a muitos praticos amoldarem canulas ao ſaco, e conducto lacrimal, as quaes ficando para ſempre, dão lugar a fechar-ſe a fiſtula com muita promptidão. Pellier, o pai, foi o primeiro, que ſe lembrou de ſituar no caminho natural a canula, de que os antigos uſavão nos caminhos artificiaes. Para ſe ſituar a canula, abre-ſe o ſaco, como fica dito; e mettendo-ſe o conductor (*a*) no bocal

(*a*) O conductor he huma tenta com huma roſca, e huma argolinha, a qual ſe aproxima mais ou menos á extremidade da tenta, e ſerve de reparo para que a dita extremidade entre na canula ſómente o que for preciſo. As canulas são de ouro, prata, ou chumbo com huma cabeça mais groſſa, e dividida do corpo por hum peſcoço, o qual deve ſer abraçado pela parede do ſaco, para que não ſuba, ou deſça. O comprimento, e groſſura das canulas devem ſer á proporção do conducto de modo, que ajuſtem bem.

da canula, ſe introduz eſta no conducto de modo, que o peſcoço fique abraçado pela parede do ſaco. Iſto feito, tira-ſe o conductor, e fazem-ſe ſeringatorios por alguns dias, no fim dos quaes ſe cicatriza a chaga externa. Poſto que as canulas, nas quaes ſe tem feito muitas correcções, pareção conſtituir o methodo mais ſeguro, e mais prompto, como pertendem muitos praticos, todavia eu me tenho convencido de que eſte methodo he muito menos ſeguro do que o do ſedenho pelos ſeguintes motivos, 1.° pela difficuldade de acertar huma canula, que por groſſa, ou comprida não eſtimule as partes, e a natureza a não expulſe como corpo eſtranho: 2.° pela difficuldade de ſe conſervar para ſempre na meſma ſituação (*a*): 3.° finalmente porque ſe entupe frequentemente com as lagrimas, e mais humores, logo

(*a*) Quaſi ſempre tenho obſervado em todos os caſos, em que tenho uſado da canula, que, paſſados mezes, ſóbe alguma couſa, eſtimula o ſaco, e excita frequentes inflammações, que obrigão a tirallas.

go que eſtes por qualquer cauſa ganhem alguma eſpeſſura.

Da fiſtula lacrimal complicada.

§. CV.

A fiſtula lacrimal póde complicar-ſe com fungos, ou excreſcencias dentro do ſaco, e conducto lacrimal, ou com caria nos oſſos vizinhos.

§. CVI.

Se a fiſtula ſe complicar com fungos, ou excreſcencias, o que conhecemos pela viſta, e com a ſonda, he preciſo deſtruillas com os cathereticos, e empregar algum dos methodos de cura acima ditos, particularmente o ſedenho, o qual ſe póde embeber nos meſmos cathereticos, e continuar-ſe até á perfeita cura, que ſe conhece por o cordão não trazer marcas de púz em ponto algum da porção, que ſe demora nas vias lacrimaes; em cujas circumſtancias ſe tirará o ſedenho,

nho, e cicatrizará a ulcera externa como fica dito, advertindo que ſe na fiſtula ſimples ſe faz preciſo para mais ſegurança conſervar o ſedenho muito tempo, muito mais he preciſo quando ha fungos.

§. CVII.

Complicando-ſe a fiſtula com caria, temos duas indicações a encher, que são deſobſtruir as vias lacrimaes, e deſtruir a caria, a qual ſe conhece pelo cheiro, e conſiſtencia da materia, pela dor, e picadas locaes, ſeguidas de frequentes inflammações, e finalmente pelo toque, e aſperezas, que a ſonda faz perceber, achando-ſe o oſſo deſcuberto, e cariado.

Para deſobſtruir as vias lacrimaes na fiſtula complicada com caria (*a*), nenhum me-

(*a*) Os antigos não tendo conhecimento da ſtructura, e uſo das vias lacrimaes, e obſervando a difficuldade, que havia em curar as moleſtias, que as atacavão, empregavão os meios mais aſperos, que a Cirurgia lhes fornecia, como os cauſticos, e cauterios, com os quaes deſtruião algumas vezes a cavidade do ſaco; e bem que huma, ou outra vez curaſſem a fiſ-

methodo he tão ſeguro como o do ſedenho, quando pertendemos conſervar ás lagrimas os ſeus caminhos naturaes; porque

o

---

tula, nome que elles davão indiſtinctamente a qualquer eſtado da obſtrucção das vias lacrimaes, ficava o olho lacrimante. Ao paſſo que ſe forão adiantando os conhecimentos da ſtructura, e uſo das vias lacrimaes, forão os Cirurgiões uſando de meios mais methodicos; mas até o tempo de Anel limitavão-ſe eſtes meios a abrir hum caminho novo ás lagrimas do ſaco para o nariz, o que fazião com o cauterio, methodo que Dionyſio, Lecat, Cowper, e outros ſeguírão no caſo de fiſtula com caria. E como o cauterio foſſe hum meio cruel, a pezar da facilidade, com que com elle ſe deſtroe o oſſo unguis, e da canula conica, ao través da qual ſe applicava para defenſa das partes vizinhas, reſolvêrão alguns praticos fazer o novo caminho com inſtrumentos perfurantes, ſervindo-ſe das pontas, das tiſoiras, de pinças agudas, e curvas, de tentas pontagudas, e ultimamente do trocarte, o qual ſe tem adoptado como melhor, e mais proprio para fazer hum buraco igual. Feito o buraco, huns ſó tratavão de fechar a ulcera externa, deixando á natureza a cura do novo caminho, e eſperando que as exfoliações ſahiſſem pelo nariz; outros ſervião-ſe de méchas molhadas nos exfoliativos, ou velinhas mettidas no buraco do oſſo até o callejar, e depois cicatrizavão a chaga externa tocando-a com os cathereticos:

o ſedenho tem não ſó a vantagem de callejar o conducto, mas de conſervar em contacto com o oſſo cariado os remedios ex-

mas como hum, e outro methodo foſſem falliveis, ſeguio-ſe o uſo da canula, da qual Wolhouſe parece ſer o primeiro que ſe lembrou, e que Pellier, o filho, adoptou como meio mais ſeguro. O methodo de Anel, e ſuas modificações para deſentupir as vias lacrimaes ſem abertura exterior, deo lugar ao methodo de deſobſtruir o conducto lacrimal com velinhas, tentas, e canulas, ſendo Petit o primeiro que o poz em prática nos caſos da fiſtula, ou, para melhor dizer, no quarto eſtado das obſtrucções das vias lacrimaes. Hanauld, condemnando todos os methodos propoſtos, aconſelha, como ſe póde ver nas Tranſacções Filoſoficas do anno de 1795, que ſe confie a cura á paſſagem do ar, e humor lacrimal, ſem ſe applicar couſa alguma no novo conducto: mas eſta prática não merece ſer ſeguida, porque a granulação baboſa he a cauſa de ſe fechar o novo conducto, e he preciſo deſtruilla, para ſe tirar algum partido da operação. Boſche pertende curar a fiſtula, que reſiſte aos outros meios, cauterizando os pontos lacrimaes, a fim de que as lagrimas, que neſte caſo cahem pela face abaixo, não entretenhão a fiſtula, e ſeus effeitos. Para ſe não adoptar eſte methodo, quaſi ſemelhante ao dos antigos, que deſtruião o ſaco com cauſticos, ou cauterios, baſta ficar o olho lacrimante, e deſtruidos para ſempre os caminhos naturaes das lagrimas.

exfoliativos, como o balſamo catholico, tintura de myrrha, o eſpirito de vinho, &c., ſem dependencia d'outros appoſitos.

Porém não ſe podendo conſervar o caminho natural, o que ſuccede quando pela antigüidade da moleſtia, ou natureza das cauſas, como veneno venereo, diſpoſição eſcrofuloſa, exoſtoſes, polypos, conſtricção total do conducto, &c., ſe vem a deſtruir o dito caminho ao ponto de ſer impoſſivel conſervallo; então cumpre eſtabelecer hum artificial, pelo qual paſſem as lagrimas do olho para o nariz.

Para ſe fazer eſta operação, ſitua-ſe o doente ſentado em huma cadeira com a cabeça ſegura por hum ajudante, que a encoſta ao ſeu peito: então o operador abre o ſaco, ou dilata a abertura, ſe já exiſte, e deſcobre o oſſo unguis, o qual ſe acha na parte poſterior, e interna do meſmo ſaco. Iſto feito, toma hum trocarte de mediana groſſura; e applicando a ſua ponta adiante da borda da goteira deſte oſſo, cuja parte correſponde á pare-

de poſterior, e interna do ſaco, o move brandamente de roda á maneira de huma broca até penetrar o oſſo, e membrana pituitaria obliquamente de cima para baixo, e de fóra para dentro. O ſangue, que corre pela venta do meſmo lado, e o ar pela ferida, fazem conhecer, que a operação eſtá bem feita, e ſó reſta conſervar o novo caminho ás lagrimas por meio de hum ſedenho, paſſado como fica dito (CIII), e conſervado em quanto o oſſo exfolia, e o novo caminho ſe calleja, cicatrizando-ſe depois a ulcera externa com os deſeccantes, e tocando-ſe, ſe for preciſo, com os cathereticos.

Eſte methodo rariſſimas vezes falha, e he mais ſeguro do que o da canula, o qual Pellier, o filho, prefere a todos, e ſe pratica do modo ſeguinte. Aberto o ſaco, e furado o oſſo unguis, toma-ſe huma canula, ou canudinho curto, com hum bocal á maneira de hum funil, por detrás do qual fica hum peſcoço, e mette-ſe no buraço praticado no oſſo unguis, alguns

dias

dias depois da chaga digeſta, de modo que a ponta fique dentro do conducto naſal, com alguma inclinação de cima para baixo, e de fóra para dentro, a fim de não tocar nas conchas turbinadas, e dar declive paſſagem ás lagrimas. Iſto feito, lava-ſe eſta canula alguns dias com ſeringatorios, e fecha-ſe a ulcera externa, ficando a dita canula para ſempre naquelle lugar. Porém a canula tem o inconveniente, a pezar de ſer de ouro, prata, ou chumbo (metaes que mais ſe conſervão no corpo animal), de excitar algumas vezes inflammações, com as quaes ſe renova a moleſtia: pelo que alguns praticos lhe fazem a borda do bocal muito pequena, para que, fazendo-ſe repugnante á natureza, caia pelo nariz.

CAPITULO VI.

Das operações, que ſe praticão em differentes moleſtias das palpebras.

§. CVIII.

Do edema das palpebras.

AS palpebras fazem-ſe edematoſas, iſto he, ſão atacadas de huma inchação foroſa, ou por effeito da ſua debilidade particular, motivada por qualquer cauſa, que lhes faça perder o tom, ou pela debilidade geral. Na primeira circumſtancia a moleſtia he curavel por meio de applicações tonicas, e eſpirituoſas; e ſe eſtas não baſtão, faremos huma incisão ſuperficial com huma lanceta, ao comprimento da palpebra de dentro para fóra, a qual, depois de dar ſahida ao foro, ſe cicatriza com as ditas applicações tonicas. Na ſegunda circumſtancia cumpre remediar a debilidade conſtitucional, da

qual

qual o edema he hum effeito, que não céde a topicos; e ainda que ceda alguma couſa, repete de novo, como ſe vê na anaſarca, e outras hydropeſias.

Do abſceſſo das palpebras.

§. CIX.

As palpebras, aſſim como todas as partes, são ſujeitas a abſceſſos, cauſados por pancadas, inflammações, ou eriſipelas da cara, que ſeguem o proceſſo da ſuppuração, e, ſe não rebentão eſpontaneamente ajudados dos emollientes, cumpre abrirem-ſe com lanceta ao correr das palpebras, para evitar grandes cicatrizes, e curar a ulcera do modo ordinario.

Do ecchymoma.

§. CX.

A inchação das palpebras, cauſada por ſangue infiltrado na cellular, chama-ſe ecchymoma, o qual procede de pizáduras

nas

nas palpebras, ou pancadas na cabeça, e ſe cura com topicos, reſolutivos, ſangrias, e dieta. (*a*)

Do póro, ou aguia.

§. CXI.

O póro, ou aguia he huma excreſcencia, ou tumor ſemelhante a hum callo, o qual ſe ſegue algumas vezes ás ulceras, e ſe cura cortando-ſe bem rente com as pontas de huma tiſoira delicada, e cicatrizando-ſe a ferida, que fica, com aguas ſuturninas, animadas com algumas gotas de eſpirito de vinho, ou tocando-ſe com algum catheretico brando.

Do

(*a*) Alguns praticos fazem menção do emphyſema das palpebras: mas eu creio, que tem tomado o edema, ou contuſão por emphyſema; porque ſó poderia haver eſta moleſtia pela ruptura do ſaco lacrimal, e então ſeria hum effeito da fiſtula.

Do trachoma.

§. CXII.

Dá-ſe o nome de trachoma á huma collecção de borbulhas, que naſcem no interior das palpebras, ſemelhantes a farna, as quaes produzem dor, comichão, e ardor, ao ponto de virem impertinentes ophtalmias. Ha tres differentes eſpecies de trachoma, que são daſites, ficoſis, e thiloſis, as quaes ſe obſervão voltando-ſe a palpebra, e ſe curão com frequentes lavagens de infusões de plantas emolientes, ajuntando-ſe-lhes alguns grãos de ſal de chumbo, dieta, ſangrias, opio, &c., e ſe ateimão, cumpre cortarem-ſe bem rentes com as pontas de huma tiſoira delicada, lavar com agua morna, e cicatrizar com as aguas acima ditas, ou algum collirio mais deſeccante.

Do hordeolo, ou torção.

§. CXIII.

O hordeolo, ou torção he hum pequeno tumor, que apparece nas bordas das palpebras entre as peſtanas, ſemelhante a hum grão de cevada, o qual, ſendo molle, e branco no principio, ſe inflamma, e vem ordinariamente a ſuppurar. A ſua cura conſiſte 1.° em o reſolver com o emplaſtro diaquilão gommado, ou ſemelhantes: 2.° fazello ſuppurar, ſe toma a via da ſuppuração, com os meſmos emplaſtros, ou cataplaſmas emollientes: 3.° deſtruillo com algum cauſtico, ou extirpallo com o canivete, ſe ſe endurece.

Do chalazion, ou granizo.

§. CXIV.

Chama-ſe granizo hum tumor branco, redondo, e tranſparente, ſemelhante a hum grão de ſaraiva, que apparece nas pal-

palpebras, da claſſe dos encyſtados, contendo huma materia eſpeſſa. Algumas vezes ſe reſolve com os emplaſtros gommoſos; mas a ſua cura mais deciſiva conſiſte na extirpação, deſcubrindo-ſe o ſolle, e deſcarnando-ſe das partes, que o cércão, para ſe tirar inteiro, ou tocando a pelle, que o cobre, com algum cauſtico, e depois de aberto, deſtruir-lhe o ſaco com o meſmo cauſtico, e curar a chaga, que fica do modo ordinario.

Dos tumores ſcirroſos, e encyſtados.

§. CXV.

As palpebras são ſujeitas a tumores ſcirroſos, e encyſtados, os quaes não differem dos das outras partes do corpo, e exigem o meſmo methodo de cura, ſó com a differença de ſe praticar mais cedo, em razão do incommodo que causão, ainda ſendo muito pequenos: pelo que nos ſerviremos ou dos cauſticos nos encyſtados do meſmo modo, que fica dito

no granizo, ou da extirpação nos ſcirroſos, a qual ſe póde fazer ou pela parte interna das palpebras, voltando-ſe eſtas, e achando-ſe o tumor ſcirroſo, immediatamente por baixo da conjunctiva, ou cortando-ſe a pelle, que cobre o tumor, e deſcarnando-o das partes vizinhas, ſervindo-nos do eſcalpello, e do tenaculo para o puxar fóra.

Feita a extracção por dentro das palpebras, lavaremos o olho frequentes vezes com alguma agua ſaturnina, ou ſolução de pedra divina em agua deſtilada, &c. Porém ſendo a operação praticada pela parte de fóra, uniremos a ferida por primeira intenção; e ſe não aproveitar, ſeguiremos a ſegunda com os digeſtivos brandos.

Das verrugas.

§. CXVI.

As verrugas das palpebras deſtroem-ſe, ou extirpão-ſe do meſmo modo, que as das outras partes, iſto he, as que tem hum

hum pé delgado atão-ſe com hum fio de retroz encerado, e apertado ao ponto de as privar da nutrição, e cahirem ; as que tem a raiz igual ao corpo, ou o corpo maior, podem deſtruir-ſe com cauſticos, ou cauterios, ou extirpar-ſe, cortando-as bem rentes com as tiſoiras, ou canivete, e tocando as ſuas raizes com os cathereticos.

Do cancro das palpebras.

§. CXVII.

Tanto os tumores ſcirroſos, como as verrugas podem dar origem ao cancro das palpebras, particularmente deſprezando-ſe, ou irritando-ſe com applicações topicas, que não tenhão a força preciſa para deſtruir em pouco tempo toda a modificação morboſa; por cujo motivo ſe devem extirpar, ou deſtruir o mais cedo que for poſſivel : mas ſe por deſcuido, ou máo tratamento ſe declarar a chaga cancroſa, nada póde fazer tanto bem como a extirpação praticada de modo, que ſe córte

pelo são com hum eſcalpello, pegando-ſe na parte morboſa com o tenaculo (*a*). Porém ſe o mal tiver lavrado tanto, que a chaga ataque partes, que não poſsão ſer extirpadas, então recorreremos á cura palliativa do cancro (CXXXVI).

Das varizes das palpebras.

§. CXVIII.

As varizes das palpebras vem por muitas cauſas, que fazem perder a acção das tunicas das vêas, como pancadas, frequentes ophtalmias, &c.; e ſe chegão a incommodar a viſta, como he commum, privando as palpebras de huma parte dos ſeus movimentos, cumpre deſtruillas, o que ſe faz com ſangrias locaes por meio de bichas applicadas nas meſmas palpebras,

(*a*) Algumas vezes os tumores ſcirroſos, verrugas, fungos, e a chaga cancroſa tem tal extensão, que ſe faz preciſo extirpar parte, ou toda huma palpebra, ſem attendermos ao defeito, que reſulta; porque he menos attendivel o dito defeito, do que os damnos, que ſe ſeguem.

bras, e lavatorios a miudo com aguas tonicas, e ſaturninas, ou eſcarificando-as com huma lanceta, tendo antes voltado as palpebras de dentro para fóra: e depois de huma boa deſcarga, banhando-ſe com agua morna, ſe empregão as aguas ſaturninas com algumas gotas de eſpirito de vinho camphorado, para curarem as pequenas ulceras, e reſtituirem a acção ás vêas. (*a*)

Da pedra, ou arêas nas palpebras.

§. CXIX.

Os canaes excretorios das glandulas de Meubomio entupem-ſe algumas vezes com o humor, que eſtas glandulas filtrão, o qual, eſpeſſando-ſe cada vez mais, vem

a

(*a*) Alguns praticos aconſelhão a laqueação das varizes, para o que ſe ſervem de agulhas curvas, e pequenas, ou das de cabo, que levão o fio na ponta: porém as laqueações, além de comprehenderem poucas vêas, são muito doloroſas, e correm o riſco de chamarem inflammações: pelo que preferiremos as eſcarificações.

a petrificar-ſe, e a formar arêas, ou pedrinhas, que, a pezar de ſe acharem envolvidas nos ditos canaes, eſtimulão a conjunctiva, e excitão dores, e inflammações, que incommodão o paciente. Quando as frequentes lavagens com aguas acidoladas, e hum regimen diluente não aproveitão, he preciſo extrahillas, o que ſe faz voltando-ſe as palpebras, e cortando as envolturas das arêas com a ponta de huma lanceta, para as deſcubrir, e tirar, ou extirpando todo o tumor com as pontas da tiſoira, ou eſcalpello, ſeguindo-ſe depois os banhos com aguas ſaturninas, para cicatrizar as pequenas ulceras que ficão.

Do trichiaſis.

§. CXX.

Dá-ſe o nome de trichiaſis á inclinação das peſtanas para o globo do olho, inclinação que põe em contínuo contacto eſtes cabellos com a conjunctiva, reſultan-

tando eſtimulos, que chamão frequentes inflammações, nevoas, e ás vezes a cegueira. Quando eſta moleſtia conſiſte ſó na má direcção das peſtanas de modo, que offendão o globo do olho, chama-ſe phtoſis, e póde ſer cauſada por huma conformação vicioſa, com que naſcem as crianças, ou por effeito de ulcerações venereas, eſcrofuloſas, bexigoſas, eſcorbuticas, combuſtas, &c., e meſmo por effeito de cicatrizes reſultadas deſtas meſmas chagas, ou feridas das palpebras (*a*). Havendo porém duas ordens de peſtanas em cada palpebra, das quaes humas ſe inclinem para fóra, e outras para dentro, offendendo o olho, chama-ſe a moleſtia diſtichiaſis. Para ſe curar eſta moleſtia, cumpre 1.° deſtruir a diſpoſição, ou veneno conſtitucional com os remedios apropriados á natureza do mal: 2.° remediar os da-

(*a*) Alguns praticos accusão tambem a phalangoſis como cauſa do trichiaſis; mas a relaxação das palpebras não muda a direcção das peſtanas; e portanto he muito mal contada como eſpecie de trichiaſis.

damnos locaes, principiando por curar as ulceras com colirios adequados, ou deſtruir ás cicatrizes, que voltarem a borda da palpebra para dentro, por meio de alguns golpes, e conſervar a dita borda na ſua ſituação com emplaſtros pegajoſos: 3.° finalmente mudar a direcção ás peſtanas, ou arrancallas. Para ſe mudar a direcção ás peſtanas, tomaremos hum bocado de tafetá gommado, e o applicaremos ſobre a palpebra, depois de termos com huma tenta voltado as ditas peſtanas ſobre a pelle da meſma palpebra. Se por eſte meio, longo tempo empregado, não conſeguirmos mudar a direcção das peſtanas, então ſó fica o recurſo de as arrancar do modo ſeguinte. Levantada a palpebra de cima, ou abaixada a inferior, toma o operador huma tenaz, e com ella arranca os cabellos, que offenderem o olho, cada hum por ſua vez; e como he muito provavel que naſção outros, os quaes mais curtos, e groſſos devem cauſar maior eſtimulo, tocará as covinhas, que ficão com

o

o nitrato de prata, terminado em ponta muito aguda, ou com a ponta de hum palito molhada em antimonio muriato. E para que deſta operação, iſto he, tanto da extracção dos cabellos, como do toque dos cauſticos, não reſulte grande eſtimulo, que chame inflammações, a praticaremos por vezes (*a*), empregando depois as aguas ſaturninas, para ſe completar a cura.

Da phalangoſis.

§. CXXI.

Phalangoſis he huma relaxação das palpebras, particularmente da de cima, reſultando a interrupção da viſta pela impoſſibilidade de ſe abrir o olho.

O edema, a congeſtão inflammatoria, a relaxação da pelle, das palpebras,

(*a*) Eu não fallarei da agulha em braza para cauterizar os lugares das peſtanas arrancadas, nem do barbaro methodo de cortar, ou cauterizar as bordas das palpebras: porque por eſtes meios fica o olho deforme, ou a viſta perdida.

e a paralyſia do muſculo levantador, são commummente as cauſas da phalangoſis, a qual, procedendo de edema, ou congeſtão inflammatoria, ſe cura como fica dito (CVIII); e ſe procede de paralyſia, he incuravel em quanto ſe não remedea eſte mal; e ſe procede da relaxação da pelle, e não céde aos tonicos, he miſter cortar-ſe a ſubegidão, e unir a ferida por primeira intenção. Os antigos levantavão o ſobejo da pelle, atraveſſavão-no com huma agulha, e fio dobrado, repartião eſte fio, e atavão o dito ſobejo em duas porções, as quaes, cahindo em mortificação, deixavão huma leve ulcera, que cicatrizavão facilmente com remedios deſeccantes. A eſte methodo ſeguio-ſe o dos conſtrictores, que fazião o meſmo: porém huma e outra prática devem ſer banidas pelas grandes dores, que causão, e nos ſerviremos de huma pinça ordinaria, com a qual levantaremos huma préga ao correr da palpebra, e a cortaremos com hum eſcalpello, ou biſturi de modo, que, fi-

can-

cando huma ferida oval, a poſſamos unir por primeira intenção com a coſtura ſecca. Alguns praticos claſſificão eſta moleſtia como huma eſpecie de trichiaſis : porém eu já mais obſervei que a phalangoſis cauſaſſe damno ao globo do olho , á excepção de o cubrir.

Do ectropio.

§. CXXII.

O ectropio , ou inversão das palpebras conſiſte na dobrez das bordas deſtas partes de dentro para fóra de modo, que fica apparecendo alguma couſa da ſua face interna , e parte do olho deſcuberto. As ſuas cauſas são paralyſia do muſculo orbicular, cicatrizes, que franzem a pelle, reſultadas de feridas, ou chagas, de qualquer natureza que ſejão , como venereas, eſcrofuloſas, bexigoſas, combuſtas, &c., e enfartos, excreſcencias, ou inflammações da conjunctiva, que forra as meſmas palpebras.

Eſta moleſtia he mais commum na palpebra de baixo, e cura-ſe 1.° reſtituindo ao muſculo orbicular a acção perdida com as fomentações anti-eſpaſmodicas: 2.° dando á pelle a extensão preciſa por meio de applicações emollientes em vapores, banhos, ou cataplaſmas; e ſe não baſtão, fazendo alguma, ou algumas incisões ſemi-lunares na pelle, e curando-as por ſegunda intenção com as palpebras fechadas por meio de emplaſtros pegajoſos: 3.° extirpar alguma excreſcencia da conjunctiva, ou eſcarificar os ſeus enfartos, e uſar dos collirios ſaturninos com agua ardente, ou eſpirito de vinho, a fim de cicatrizar as ulceras, e reſtituir a acção perdida dos vaſos.

Da lagophtalmia, ou olho de lebre.

§. CXXIII.

A lagophtalmia he o encolhimento da palpebra ſuperior, do qual reſulta ficar o olho alguma couſa deſcuberto, ſeme-

melhante ao de lebre, ſem com tudo haver a dobrez como no ectropio. A ſua cura conſiſte em dar á palpebra a extensão, que lhe falta: pelo que lhe convem o meſmo que fica dito no ectropio; advertindo que ſe o encolhimento he mui grande, ou os muſculos ſe acharem privados das ſuas funções, e eſtas ſe não puderem reſtituir, debalde ſe empregão os meios topicos, e he melhor em taes caſos recommendar ao enfermo o uſo dos antolhos verdes, ou guardapó, para que, diminuidas as cauſas irritantes, ſe não venha a perder a tranſparencia da cornea, como he muito commum, ſe faltão eſtas cautelas.

Do anchylollepharo.

§. CXXIV.

O anchylollepharo he a união contra a natureza das palpebras, procedida de vicio de conformação, com que naſcem as crianças, ou de inflammações, e ulcerações, que não ſó colão as palpebras entre

tre ſi, mas algumas vezes com o globo do olho. Diſtingue-ſe em completo, incompleto, e complicado. O completo verifica-ſe, quando a união ſe eſtende do angulo interno ao externo, ficando o olho inviſivel. O incompleto, quando a união he ſó em parte das palpebras. E complicado, quando, além da união das palpebras entre ſi, ha tambem alguma adherencia com o globo do olho. Eſte defeito remedea-ſe ſeparando-ſe as partes unidas, para o que, ſe a união he completa, cumpre fazer hum ligeiro golpe na linha, que marca a união das palpebras no angulo, que apreſentar mais facilidade, e por eſte ſe introduzirá huma delicada tenta canula, a favor da qual ſe corta toda a união deſde hum angulo a outro angulo. Iſto feito, convem examinar ſe ha algumas adherencias com o globo do olho, para ſe cortarem com o meſmo biſturi de modo, que os golpes não intereſſem muito o globo do olho, ou a palpebra, mas que ſe fação entre eſtas duas partes. Se a

união

união das palpebras for incompleta, he mais facil a operação; porque ſe póde introduzir a ſonda ſem o primeiro golpe, que muitas vezes he arriſcado. Quando as adherencias entre as palpebras e globo do olho forem no alvo do olho, não ſe prejudica a viſta: mas ſe forem na cornea tranſparente, ha toda a probabilidade de ficar leſada a viſta em todo, ou em parte. Desfeitas as adherencias, he miſter cicatrizar as ulceras, e impedir novas uniões com repetidos banhos de aguas ſaturninas com agua ardente camphorada, e com movimentos, que ſe fazem com as palpebras ſobre o globo, paſſando de quando em quando hum eſtilete polido entre eſtas partes. Eſtes meios são preferiveis a certos corpos eſtranhos, que alguns praticos aconſelhão que ſe mettão de permeio.

Da ſcleriaſis.

§. CXXV.

Dá-ſe o nome de ſcleriaſis a huma cal-

calloſidade liza, e polida, que ſe cria na borda das palpebras, humas vezes ſem inflammação, outras inflammada, e acompanhada de dores taes, que os enfermos não podem ſupportar a luz. A ſua cura conſiſte nas applicações de topicos ſuppurantes, ou dos cathereticos, ſe tem difficuldade em ſuppurar, ou finalmente na extirpação, do meſmo modo que os outros tumores ſcirroſos.

Do eckantis.

§. CXXVI.

Dá-ſe o nome de eckantis a huma excreſcencia, ou tumor maior, ou menor, que ſe fórma na caruncula lacrimal, ou préga ſemi-lunar da conjunctiva, o qual humas vezes he molle, fungoſo, ou varicoſo, outras vezes duro, doloroſo, e côr de chumbo. Eſte tumor não ſó desfea o olho, e o torna lacrimante, impedindo a entrada das lagrimas nos abſorventes lacrimaes, mas difficulta a viſta, chama inflam-

flammações, e ás vezes degenera em cancro : pelo que cumpre remediar-se antes que faça progressos, resolvendo-se com os collirios topicos saturninos, e emolientes, sangrias topicas, &c., assim como tambem com alguns remedios geraes, como sangrias, purgantes, vesicatorios atrás das orelhas, &c. Mas se estes remedios não aproveitarem, he melhor, e mais seguro praticar-se a extirpação do modo seguinte.

Sentado o paciente em huma cadeira, hum ajudante afasta as palpebras huma da outra, e o operador, pegando na excrescencia, ou tumor com a ponta do tenaculo, a corta com as pontas de huma tisoira, ou com hum bisturi de modo, que não fique resto algum. Isto feito, emprega os collirios dessiccantes para cicatrizar a ulcera. Alguns praticos recommendão os cathereticos para destruir o eckantis ; porém estes remedios são sempre perigosos, por mais brandos que sejão.

Dos corpos eſtranhos nos olhos.

§. CXXVII.

Os olhos podem ſer irritados, e inflammados por pequenas porçõẽs de corpos eſtranhos, que cahem nos olhos, os quaes produzem eſte effeito pelo ſeu volume, e figura, como bocados de páo, de pedra, de vidro, de arêa, de terra, de ferro, de aparos de pennas, de unhas, &c., chamados argueiros; ou pela qualidade irritante, como tabaco, ſuccos, e ſaes acres, cal viva, e outros ſemelhantes.

Se os corpos eſtranhos são de natureza tal, que ſe poſsão diſſolver, ou ſer arraſtados por huma torrente de lagrimas, que o eſtimulo obriga a filtrar, a natureza faz tudo: porém ſe permanecem contra eſtes esforços, he preciſo empregar certos ſoccorros da arte, antes que venha a inflammação, a qual faz progreſſos taes, e tão rapidos, que, a pezar de todo o cuidado, ſe ſegue a perda da viſta.

Quan-

Quando os argueiros não eſtiverem cravados na conjunctiva, ou cornea tranſparente, como algumas vezes ſuccede, tirão-ſe facilmente com as proprias peſtanas, fazendo metter as da palpebra de baixo entre o globo do olho e a palpebra ſuperior, ſobrepondo eſta por cima da de baixo, e deixando-a eſtar aſſim hum certo eſpaço de tempo, para que as peſtanas ſe peguem ao argueiro, e o extraião. Se iſto não baſtar, ou alguns ſeringatorios com huma borrachinha, afaſtaremos as palpebras com os dedos da mão eſquerda, e com os da direita tomaremos a ponta de hum lenço torcida, e molhada, ou huma tenta de botão, e arraſtaremos o argueiro para fóra do olho. (*a*)

Porém achando-ſe os argueiros cravados nas membranas, he preciſo arrancallos, abalando-os com a ſonda de bo-

(*a*) Alguns praticos aconſelhão, que ſe metta huma perola, ou caſca de mariſco polida entre as palpebras, e globo do olho, a cujos corpos ſe péga o argueiro, e ſahe com elles: mas os meios, que eu proponho, são mais promptos, e mais efficazes.

tão, fazendo-a paſſar por cima do arguei-ro de huma banda para a outra, ou pe-gando-ſe-lhes com humas pinças, ou te-nazes delicadas. Se as membranas as cu-brirem de modo, que ſe lhes não poſſa pegar, he miſter deſcarnarem-ſe com a ponta da lanceta, ou agulha da catarata, o que for baſtante para ſe lhes poder pe-gar com as pinças, e fazer a extracção.

Para todos os outros corpos, que pe-la ſua pequenhez não admittirem a extrac-ção como fica dito, nos ſerviremos dos ſeringatorios de agua morna, agua e lei-te, ou aguas ſaturninas, ſegundo a natu-reza dos meſmos corpos. Poſto que, tira-dos os corpos eſtranhos, céſſe ordinaria-mente a irritação; com tudo algumas ve-zes ficão feridas, ou inflammações, que para ſe curarem he preciſo ſangrar, adie-tar, e medicar o enfermo, como diremos na ophtalmia.

CA-

CAPITULO VII.

Das moleſtias das membranas do olho.

§. CXXVIII.

Da ophtalmia.

DÁ-ſe o nome de ophtalmia á inflammação, que ataca as membranas dos olhos, e ſe diſtingue em interna, e externa. Interna, quando as membranas internas, como choroides, uvea, capſulas dos humores, e retina, são o aſſento da inflammação, a qual ſe annuncia por dor grande acompanhada de picadas, grande ſenſibilidade em todo o olho, que ſe augmenta nos movimentos deſte orgão, e finalmente pela intolerancia da menor luz; e ſe pudermos obſervar o olho, acharemos a pupilla contrahida, e a uvea avermelhada. As crianças são mais ſujeitas a eſta inflammação, ſem com tudo a haver na conjunctiva; porém o mais commum

he

he ſeguir-ſe a de dentro á de fóra. Externa, quando a conjunctiva, e albuginea são o aſſento da inflammação, a qual ſe annuncia por vermelhidão, calor, tensão, inchação, e dor, que ſe augmenta encarando-ſe com a luz, ou movendo-ſe o globo do olho. Eſtes ſymptomas são devidos á turgencia dos vaſos, os quaes, engroſſando, parecem mais numeroſos, do que no eſtado de ſaude.

§. CXXIX.

Se a turgencia dos vaſos não he grande, e a conjunctiva incha pouco, achando-ſe ao meſmo tempo a cornea alguma couſa turva, pertence á moleſtia o nome de ophtalmia falſa, ou taraxis. Porém ſe a turgencia he grande de modo, que a conjunctiva muito inchada forme hum círculo elevado ao redor da cornea, ficando eſta como no fundo de huma cova, pertence-lhe o nome de chemoſis, ou ophtalmia verdadeira, em cujo gráo não ſó a inflammação ſe eſtende pela conjunctiva, que

que forra as palpebras, e cellular vizinha, mas propaga-ſe ás partes internas do globo do olho, e combina-ſe então a ophtalmia interna com a externa.

§. CXXX.

Quando a cauſa irritante, que produz a ophtalmia, induz igualmente o eſpaſmo nos ductos excretorios das glandulas lacrimal, e de Meubomio, falta a rega do olho, e a ophtalmia he ſecca; pelo contrario he humida, ſe o eſtimulo he de natureza tal, que augmenta o filtro das ditas glandulas, irritando-as.

Cauſas.

§. CXXXI.

A cauſa proxima da ophtalmia he a meſma das outras inflammações. As remotas são 1.° violencias externas, como pancadas, feridas, &c.: 2.° corpos eſtranhos cahidos nos olhos, como poeira, terra, lama, fumo, ſuccos acres, como o

de

de cebola, &c.: 3.° luz muito forte, particularmente nos olhos pouco coſtumados a ella, calores grandes, ou do ſol, ou do fogo, como ſuccede aos que trabalhão nas forjas, &c.: 4.° certos venenos, ou diſpoſições conſtitucionaes, como o veneno venereo (*a*), a diſpoſição eſcrofuloſa, ſcorbutica, &c.: 5.° o conſenſo, que os olhos tem com certas partes, como eſtomago, utero, pelle, cerebro, &c., por cujo motivo vem muitas vezes as ophtalmias

(*a*) A ophlalmia cauſada pela irritação venerea, chamada ophtalmia venerea, póde ſer hum ſymptoma primitivo, ou conſecutivo. Primitivo, quando o veneno ſe inocula nos olhos, o que ſuccede áquelles, que imprudentemente esfregão os olhos com os dedos untados na materia da gonorrhea, ſem a cautela de os lavar, unico modo, pelo qual podemos conceber o tranſporte da gonorrhea aos olhos; porque a ophtalmia, que ſe ſegue pela ſuſpensão de huma gonorrhea, vem por effeito de conſenſo, como na ſuſpensão dos menſtruos, e nada tem de venerea, aſſim como a hernia humoral. Conſecutivo, quando o meſmo veneno, diffundido na conſtituição, ſe declara nos olhos, formando chagas, ou ſó a irritação do ſeu genero, onde he chamado ordinariamente por alguma comcauſa.

mias como ſymptoma das moleſtias, que atacão eſtas partes, a que os praticos chamão ophtalmias ſymptomaticas: 6.° a diſpoſição conſtitucional, ou local, que habilita certos ſugeitos a ſoffrerem eſta moleſtia periodicamente: 7.° finalmente certas influencias atmosfericas, que em certos tempos do anno atacão muitos ſugeitos ao meſmo tempo.

Cura.

§. CXXXII.

A cura da ophtalmia conſiſte em remover quanto for poſſivel as cauſas remotas, e diminuir o eſtimulo, e turgencia dos vaſos. Se a cauſa forem corpos eſtranhos, que poſsão ſahir com lavagens, como terra, lama, arêa, &c., uſaremos de injecções de agua morna, ou agua e leite, por meio de huma borracha, cujo pipo, afaſtadas as palpebras, não deve tocar no globo do olho. Quando porém os corpos eſtranhos forem taes, que não

faião com as lavagens, empregaremos os meios (CXXVII).

§. CXXXIII.

Muitas vezes, a pezar de se removerem as cauſas remotas, ou de se mitigar a ſua acção, continúa a congeſtão inflammatoria, que nós diſtinguiremos em aguda, e lenta. A aguda he aquella, que faz progreſſos rapidos, cauſando dores grandes nos olhos, tensão, que se eſtende ás partes vizinhas, febre, dores de cabeça, vigilias, &c.; e se remedea 1.° com ſangrias geraes no pé, ou no braço, medidas pelas forças do enfermo: 2.° com dieta tenue: 3.° com a ſoltura de ventre por meio de cliſteres, e brandos laxantes: 4.° com bebidas antiphlogiſticas: 5.° com ſangrias topicas por meio de bichas nas temporas, e nas palpebras, e particularmente por eſcarificações feitas com lanceta na conjunctiva, que forra as palpebras, e que cobre o globo do olho, muito principalmente havendo chemoſis

ſis (*a*): 6.° com a privação da luz, conſervando-ſe o enfermo em caſa eſcura: 7.° com aguas ſaturninas deitadas dentro dos olhos com hum trapo, ou eſponja, ou com hum canudinho cheio, e tapada a extremidade ſuperior com o dedo indicador, que ſe deſtapa para largar a agua dentro do olho. Entre todas eſtas aguas a melhor he a ſolução de doze grãos de ſal de chumbo, quatro, ou ſeis de ſal amoniaco em huma libra de agua diſtillada: 8.° com cataplaſmas de polpa de pe-

 ros,

(*a*) Eſcarificar as vêas da conjunctiva com a ponta da lanceta, methodo praticado no tempo de Hippocrates, he a ſangria mais proveitoſa, e menos ſujeita a inconvenientes; e por tanto omitti a prática de aſſerir com as pontas de huma pequena brócha feita de ſedas de javali, ou barbas de eſpiga de trigo, methodo que Wolhouſe encarece ſobre maneira; mas que não podemos deixar de confeſſar, que he muito mais irritante, do que o das eſcarificações. Igualmente omitti outros methodos de ſangrar os olhos, como o de paſſar agulhas curvas por baixo das vêas, para ſe cortarem com lanceta, ou tiſoira, ou com as meſmas agulhas, ſendo cortantes; porque todos eſtes methodos são muito complicados, e doloroſos.

ros, ou miolo de pão, feitas nas meſmas aguas ſaturninas, e applicadas quebradas da friura, e em quantidade tal, que não fação pezo ſobre o olho. Muitas vezes achão-ſe os olhos tão doridos, que não podem ſupportar o pezo das papas: em tal caſo uſaremos de panninhos finos molhados nas ditas aguas, ou os faremos banhar muito á miudo, quando os panninhos forem incommodos. São igualmente muito uteis repetidas emborcações de leite, e agua na cabeça, e nos olhos as ſoluções de algumas gotas de laudano em qualquer agua ligeiramente ſaturnina.

Quando eſtes remedios não baſtarem, e as dores forem muito activas, uſaremos do opio internamente, dos veſicatorios no cachaço, ou atrás das orelhas, e dos ſinapiſmos nos pés, &c.

§. CXXXIV.

Quebrada a força da inflammação, conſegue-ſe o mais das vezes huma prompta reſolução; porque as inflammações das mem-

membranas poucas vezes vão ao proceſſo da ſuppuração : mas não he raro ficarem os vaſos da conjunctiva relaxados, e continuarem por muito tempo congeſtões ſanguineas, particularmente havendo alguma diſpoſição morboſa na conſtituição, como eſcrofuloſa, eſcrobutica, &c.; as quaes ſe trataráõ com os remedios proprios conſtitucionalmente, e com topicos tonicos, como as meſmas aguas ſaturninas, ajuntando-ſe-lhes algumas gotas de agua ardente, ou eſpirito de vinho camphorado, a ſolução da pedra divina, &c.

Se a ophtalmia for acompanhada de huma deſcarga de humor ſemelhante a materia, que cole as palpebras, he preciſo não o deixar eſpeſſar, lavando o olho amiudadas vezes ; e ſe não baſta, untar as palpebras, e particularmente as ſuas bordas com qualquer pomada, como a alviſſima, á qual ſe póde ajuntar a cal de zinco, a pedra calaminar, o mercurio doce, o ſal de chumbo, &c. He neſte eſtado da ophtalmia que convem muito as de-

derivações dos humores por meio de purgantes drafticos, particularmente calomelanos, dos veficatorios atrás das orelhas, das fontes nos braços, e dos fedenhos na nuca.

Não he raro que na força maior da inflammação fe formem bolhas, as quaes rotas deixão chaguinhas, que lavrão, e profundão conſideravelmente, e muitas vezes são a cauſa da cegueira: pelo que convem muito atalhar-lhes o progreſſo, pondo em prática os meios propoſtos o mais cedo que for poſſivel. (*a*)

Se

(*a*) As aguas diſtilladas, as infusões, e os cozimentos das plantas chamadas ophtalmicas, como roſas, funcho, eufrazia, celidonia, murta, coroa de rei, &c., podem ſervir de vehiculo aos outros remedios; porém a agua diſtillada prefere a todas eſtas, porque diſſolve melhor as preparações de chumbo, de mercurio, de zinco, e de cobre. Tambem ſe uſa dos acidos, como ſumo de limão, vinagre, vitriolico, com os quaes ſe acidulão aguas para lavar os olhos; mas eſtas aguas, de que o vulgo uſa indiſtinctamente, aſſim como tambem do vitriolo branco diſſolvido em agua, ſe fazem bem a huma peſſoa, prejudicão a muitas.

Se a ophtalmia ſe complicar, ou vier por effeito do veneno venereo conſtitucional, he preciſo fazer paſſar o enfermo pelo tracto mercurial o mais breve que for poſſivel, ſem o que não ſó ſe não cura a ophtalmia, mas produz chagas, nevoas, e cicatrizes ſeguidas da cegueira, principalmente ſe tem o ſeu aſſento ſobre a cornea tranſparente.

A ophtalmia gonorrhaica, iſto he, a que procede da materia da gonorrhea inoculada nos olhos, carece para a ſua cura não ſó dos antiphlogiſticos conſtitucionaes, e locaes, que ficão ditos (CXXXIII), mas topicos mercuriaes, como o mercurio doce na doſe de oito, ou dez grãos diſſolvidos em huma libra de agua diſtillada, e ſuſpenſos com alguma gomma arabia, ou dous, ou tres grãos de ſublimado corroſivo, com ſeis, ou oito de ſal amoniaco, tudo diſſolvido em huma libra de agua diſtillada, a que ſe póde ajuntar algumas gotas de tinctura de opio, ou mucilagem de pevide de marmelo, &c.

Tam-

Tambem ſe póde uſar dos unguentos mercuriaes para untar as palpebras, particularmente ſeccando-ſe muito os olhos com as aguas acima ditas, ou pegando-ſe tenazmente huma palpebra a outra por effeito da viſcoſidade da materia.

Poſto que neſta caſta de ophtalmia decididamente venerea tenhão muitos praticos lançado mão das preparações mercuriaes internamente: com tudo são eſcuſadas; porque, a não haver veneno na conſtituição, não ſe póde abſorver dos olhos ao ponto de ſer preciſo deſtruillo com o eſpecifico.

Se depois de curada a ophtalmia, ſeja qual for a ſua cauſa, os olhos debilitados ficarem com diſpoſição para frequentes inſultos inflammatorios, nada os póde prevenir tanto como os banhos frios a todo o corpo, a quina, o ferro, a electrização, &c.

Do edema da conjunctiva.

§. CXXXV.

A relaxação dos vaſos da conjunctiva por pancadas, ophtalmias, ou outra qualquer cauſa, dá lugar a congeſtões ſoroſas, das quaes reſultão tumores maiores, ou menores, ſem vermelhidão, e dor, que não ſó incommodão a viſta, e desfeão o olho, mas que ſobreſahem conſideravelmente por entre as palpebras. Cura-ſe com lavatorios de collirios tonicos, como a infusão de macella, flor de ſabugo, agua roſada, &c., ajuntando-ſe-lhes ſal amoniaco, agua ardente, ou eſpirito de vinho camphorado, &c.: e ſe reſiſte a eſtes topicos, cumpre ſarjar, ou cortar com as pontas da tiſoira tudo o que exceder ao nivel da conjunctiva, e depois uſar dos meſmos collirios. Quando eſta moleſtia for hum effeito da deatheſis hydropica, ſó ſe melhora, melhorando-ſe a conſtituição.

Do echymoſis da conjunctiva.

§. CXXXVI.

Chama-ſe echymoſis da conjunctiva hum ajuntamento de ſangue neſta membrana; e ſe notão duas caſtas deſta moleſtia, huma, na qual o ſangue ſe acha dentro dos vaſos relaxados pelas ophtalmias, pancadas, &c.; e outra, em que o ſangue ſe infiltra na cellular, repreſentando huma poſta deſte liquido, a qual vindo ordinariamente pelas meſmas cauſas, tambem apparece ſem cauſa manifeſta, ſem dor, e ſem grandes conſequencias. Cura-ſe com ſangrias geraes, e topicas, e com collirios tonicos, não havendo dor; e havendo-a, com collirios ſedativos.

Das puſtulas da conjunctiva, ou farpões.

§. CXXXVII.

Dá-ſe o nome de puſtulas da conjunctiva aos pequenos tumores, que o vulgo cha-

chama farpões, os quaes fórmão huma cabecinha cheia de materia eſpeſſa, que deſcarregada, fica huma pequena ulcera cercada de huma congeſtão inflammatoria mais, ou menos extenſa. O ſeu aſſento he em toda a conjunctiva, mas particularmente em torno da cornea tranſparente, e algumas vezes ſobre eſta membrana. Os farpões não ſó repetem huns depois dos outros, mas apparecem muitos ao meſmo tempo. As ophtalmias, a diſpoſição eſcrofuloſa, e o veneno venereo, o bexigoſo, e toda a caſta de irritação excitada nos olhos, são as cauſas deſta moleſtia, a qual ſe cura removendo as cauſas conſtitucionaes com os remedios apropriados, diſſipando a inflammação com os collirios ſaturninos, e curando as ulceras, que ficão, com a ſolução de pedra divina.

Da phlyctena da conjunctiva.

§. CXXXVIII.

Formão-ſe algumas vezes bolhas na

conjunctiva cheas de foro, e indolentes, ás quaes ſe rompem eſpontaneamente, ou com a lanceta, e reſultão ulceras ſuperficiaes, que ſe ſeccão com as aguas ſaturninas; porém ſe a phlyctena he acompanhada de dor, ardor, e vermelhidão na circumferencia, chamada por iſto phlyctena ardente, he preciſo uſar dos antiphlogiſticos internos, e externos, e rompella com a ponta da lanceta o mais cedo que for poſſivel, para prevenir a chaga, que reſulta, a qual he ſempre de conſequencia, ſe ſe deixa lavrar.

Do pterygio, panno, ou unguis.

§. CXXXIX.

O pterygio he huma excreſcencia, que naſce ordinariamente da conjunctiva junto ao angulo interno, e ſe perlonga á maneira de aza de morcego ſobre a cornea tranſparente, impedindo mais, ou menos a viſta, ſegundo o ſeu maior, ou menor comprimento.

Ha

Ha tres differenças de panno, que são varicoso por cauſa da relaxação das vêas da conjunctiva, membranoso, formado por excreſcencias da meſma conjunctiva, e adipoſo, por cauſa da nutrição viciada deſta membrana. A cura do pterygio póde conſeguir-ſe, ſendo eſte recente, molle, e pouco eſpeſſo, com topicos adſtringentes, como aguas ſaturninas, ou vitriolicas, e com pós compoſtos de aſſucar, ſal de chumbo, e vitriolo branco, ſoprados por hum canudinho dentro do olho: porém ſe eſtes remedios combinados com hum tracto conſtitucional, accommodado ás circumſtancias do enfermo, falharem, ou o pterygio for duro, antigo, e doloroſo de modo, que faça recear a diſpoſição cancroſa, então cumpre extirpallo do modo ſeguinte.

Sentado o enfermo em huma cadeira baixa defronte de boa luz com a cabeça encoſtada ao peito de hum ajudante, que a ſegura, e levanta ao meſmo tempo a palpebra ſuperior, o operador, ſentado

de-

defronte do enfermo, péga com o tenaculo no pterygio, e com huma lanceta fixa nas tachas, ou com as pontas de huma tiſoira, corta a excreſcencia o mais rente que for poſſivel, e de modo que não fiquem reſtos, que dem lugar á repetição da moleſtia. Iſto feito, lava o olho com agua fria, ou ligeiramente vitriolica, para eſtancar o ſangue, e proſegue na cura da ulcera, que fica, com as aguas ſaturninas, ou a ſolução de pedra divina em alguma agua ophtalmica (*a*). Se a palpebra de baixo embaraçar alguma couſa a operação, hum ſegundo ajudante a abaixará quanto for preciſo.

Dos

(*a*) Alguns praticos aconſelhão, que ſe paſſe huma agulha ao través do pterygio, para que o fio, que eſta leva, forme huma aza, pela qual levanta o operador a excreſcencia, para a poder cortar: mas eſta prática faz a operação mais longa, e doloroſa, e não faz melhor preza do que o tenaculo, que póde mudar-ſe, e pegar como melhor convier.

Dos abſceſſos, e chagas da conjunctiva.

§. CXL.

Poſto que as inflammações das membranas poucas vezes ſigão o proceſſo da ſuppuração, todavia não he raro formarem-ſe na conjunctiva pequenos abſceſſos em conſequencia das ophtalmias, os quaes nós devemos abrir com a ponta da lanceta logo que os deſcubrimos, para evitar grandes chagas.

As chagas da conjunctiva reſultão não ſó dos abſceſſos abertos eſpontaneamente, ou com lanceta, e de outra qualquer operação, que ſe pratique ſobre o globo do olho, mas tambem de bexigas, ſarampo, irritação venerea, &c., as quaes ſe curão com os remedios conſtitucionaes apropriados ás cauſas, e com os collirios, ou unguentos deſeccantes, de que tenho fallado (CXXXIV).

Do onyx.

§. CXLI.

Chama-ſe onyx, ou unguis huma mancha branca, ou amarellada, ſemelhante ao principio das unhas, formada por materia entrepoſta nas laminas da ſclerotica, a qual, rompendo o reſto das laminas da dita membrana, cahe humas vezes na camara anterior, formando o hypopio, e outras ſahe para fóra, deixando huma chaguinha, que algumas vezes dá lugar ao ſtaphiloma. Eſta moleſtia he hum effeito da ophtalmia, e ſe cura do meſmo modo até apparecer materia, a qual devemos logo tirar, tocando o abſceſſo com a ponta da lanceta, ou agulha da catarata, para evitar huma chaga maior, ou a ruptura da ſclerotica. A chaga, que reſulta, cura-ſe com as aguas ſaturninas, ou com a ſolução da pedra divina, &c.

Do

Do ſtaphyloma.

§. CXLII.

Chama-ſe ſtaphyloma hum tumor maior, ou menor, ſemelhante a hum bago de uva, que tem o ſeu aſſento na cornea opaca, ou tranſparente (*a*). Diſtingue-ſe em verdadeiro, e falſo. O verdadeiro conſiſte na ſahida das membranas internas ao través de huma ruptura na cornea, cauſada por feridas, pizaduras, ou ulceração: e o falſo conſiſte na dilatação de algumas das laminas internas da cornea, quando as externas ſe deſtroem, ou relaxão por alguma das cauſas mencionadas. O volume, e figura do ſtaphyloma lhe tem feito dar differentes nomes, como myocephalo, pela ſemelhança com a cabeça de moſca; ſtaphyloma, pela repreſentação de bago de uva; maçã, pela

(*a*) Alguns ainda hoje diſtinguem eſta moleſtia em ſtaphyloma da ſclerotica, e ſtaphyloma da cornea tranſparente.

parecença com eſta fruta, ou vulgarmente murtinho; e finalmente cravo, pela dureza, e figura de cabeça de prégo.

O ſtaphyloma formado pela membrana aquoſa (*a*) deixa a pupilla no ſeu eſtado natural, e o doente póde ver, ſe a moleſtia não tem o ſeu aſſento no meio da cornea tranſparente; além diſto o tumor repreſenta huma bolha chea de agua. Quando porém o tumor for formado pelo iris, ou uvea, a pupilla perde a redondeza, o enfermo a viſta, e a côr do ſtaphyloma ſerá negra, ou da côr do iris. Se o ſtaphyloma for falſo, iſto he, formado pela dilatação das laminas da cornea, o tumor ſerá esbranquiçado, opaco, e algumas vezes cheio de deſigualdades, ou tão volumoſo, que ſahe por entre as palpebras produzindo a inverſão da inferior, e dores inſupportaveis. A cura do ſtaphyloma em geral conſegue-ſe algumas vezes, ainda que poucas, por meio de re-

me-

(*a*) Chama-ſe membrana aquoſa, a que forra as camaras, e contém o humor aquoſo.

medios internos, que emendem certos vicios, ou diſpoſições conſtitucionaes, e com topicos ſedativos, e adſtringentes, como aguas ſaturninas, vitriolicas, &c., e particularmente com ligeiros toques do nitrato de prata, ou do antimonio muriato, por meio de huma penna, ou delicado pincel, havendo a cautela de lavar immediatamente o olho com leite morno.

Se por eſte modo ſe não conſegue a reducção do ſtaphyloma, cumpre no falſo fazer algumas eſcarificações em torno delle, para deſpejo dos vaſos, e empregar então os collirios adſtringentes; e no verdadeiro reduzir o mais breve que for poſſivel o ſaco herniario, por meio de dous eſtiletes delicados.

Feita a reducção, lavaremos o olho com agua fria, ou ſaturnina, e, deitado o enfermo de coſtas, faremos huma ſuave compreſsão ſobre o olho fechado, por meio de camadas de fios finos, chumaços, e atadura, em cujo apparelho não bulliremos alguns dias, excepto ſe ſobrevierem

dores, e o molharemos com as meſmas aguas ſaturninas, as quaes ſe animão com eſpirito de vinho, ou agua ardente.

Quando a reducção for impraticavel, nenhuma dúvida póde haver em picar o ſtaphyloma com a ponta de huma lanceta, ou agulha da catarata, e tentar então a reducção: porém ſe a pezar diſto o tumor ſe não desfaz, o cortaremos com humas tiſoiras rectas, ou curvas, e cicatrizaremos a chaga, que reſulta, com os collirios deſeccantes. (*a*)

Se o ſtaphyloma falſo, ou a dilatação da cornea for tal, que affee muito o olho, e ſe não reduzir pelos meios propoſ-

(*a*) Eu não fallarei do methodo de ligar o ſtaphyloma atraveſſando-o com huma agulha, e hum fio, que repartido ata o tumor em duas porções; porque eſte methodo he doloroſo, e não aproveira tanto, como o da extirpação. Igualmente omitto fallar de certas laminas corneas, que ſe mettem entre o globo do olho, e palpebras, para reduzirem, e conterem o ſtaphyloma, mediante huma compreſsão externa, porque não correſpondem aos fins, para que ſe inventárão.

poſtos, poderemos picallo, e vaſar o humor aquoſo, para por meio da compreſsão, e ſituação de coſtas diminuirmos a dita dilatação. Reſiſtindo o ſtaphyloma a todos eſtes meios, e não querendo os enfermos viver com o olho defeituoſo, poderemos abrillo, e vaſar todos os humores, por cujo meio o globo ſe contrahe, a ulcera ſe cura, e fica lugar para huma cornea, ou globo artificial, aſſemelhado ao natural.

Da opacidade da cornea tranſparente.

§. CXLIII.

A cornea tranſparente vai naturalmente perdendo com a idade parte da ſua tranſparencia; mas tão inſenſivelmente, que no fim de huma vida dilatada apenas ſe conhece alguma differença maior em huns ſugeitos, do que em outros, e marcada por hum arco esbranquiçado em torno da meſma cornea, chamado arco ſenil, o qual limita a quantidade dos

raios,

raios, que devem entrar no olho, e por conſequencia a viſta: porém ſe além deſta ordem a cornea ſe fizer opaca, ficando côr de fumo, amarellada, avermelhada, ou denegrida, embaraçando mais, ou menos a viſta, empregaremos os meſmos remedios, que apontamos para a cura do leucoma, e particularmente a electricidade.

Do leucoma.

§. CXLIV.

O leucoma, albugo, nevoa, ou belida he huma mancha mais, ou menos esbranquiçada na cornea tranſparente, que a torna opaca, e tolhe total, ou parcialmente a viſta, ſegundo a ſua maior, ou menor extensão, e eſpeſſura.

Poſto que os AA. façáo differenças do leucoma, e lhe dem differentes nomes: com tudo he a meſma moleſtia em maior, ou menor gráo, diverſificando ſómente nas cauſas; porque humas vezes he conſequencia das cicatrizes, como ſuccede nas feridas,

das, e chagas deſta parte (*a*), outras vezes em conſequencia de congeſtões de liquidos, como nas ophtalmias, que não ſuppurão, nas pizaduras, no onyx, no farpão, &c.

A cura do leucoma, que procede de cicatrizes, he fraca, e apenas o podemos diminuir alguma couſa, diſſipando algum reſto de inflammação com as aguas ſaturninas, cortando alguns vaſos varicoſos, que exiſtão pela circumferencia, e excitando a abſorvencia da lympha congeſta, por meio de certos excitantes, que a experiencia tem abonado, como borax, pedra hume, vitriolo branco, e particular-

men-

(*a*) He da ultima indifferença na prática, que preceda, ou não algum gráo de inflammação ao leucoma; baſta ſabermos, que quanto maior for a ferida, ou chaga da cornea, mais extensão terá a nevoa, e que eſta deixa reſtos para toda a vida, como obſervamos na operação da catarata, nas chagas das bexigas, do ſarampo, da irritação venerea, &c., e que devemos prevenir, e atalhar quanto for poſſivel as inflammações dos olhos, não ſó por eſta conſequencia, mas por outras ainda peiores.

mente o mercurio doce, os quaes reduzidos a pó ſubtil, e miſturados cada hum de per ſi com aſſucar cande, tambem em pó, fórmão collirios ſeccos, que entornamos ſobre o leucoma, e ſubſtituimos huns aos outros, conforme o beneficio, que produzem.

Tambem podemos uſar dos meſmos pós em aguas ophtalmicas, ou os teſtaceos, como caſca de ovo, cal de caſcas de oſtras, &c., diſſolvidos em ſumo de limão, e particularmente do eſpirito volatil de ponta de veado, o qual tem certamente vantagens ſobre todos os remedios até hoje deſcubertos, para desfazer as nevoas. Quando o leucoma ſobreſahe ao nivel da cornea, chamado paralampſis, recommendão alguns, que ſe deſtrua com os cathereticos, como nitrato de prata, ou antimonio muriato debaixo dos preceitos apontados no ſtaphyloma; e outros, que ſe extirpe, cortando-o rente da cornea, com tiſoira, ou eſcalpello, ſeguro o olho com o ſpeculo. Eſte ultimo metho-

thodo deve ſempre preferir-ſe ao primeiro; mas hum, e outro ſó ſervem para tornar o globo do olho menos defeituoſo; porque já mais ſe póde reſtituir á cornea a ſua antiga tranſparencia (*a*). Eſte tratamento topico deve ſer acompanhado dos remedios conſtitucionaes, que pedirem as circumſtancias, em que ſe achar o enfermo, ſendo muito proveitoſos os purgantes, os calomelanos, as fontes, ou ſedenhos, &c. O leucoma, que não ſobreſahe ao nivel da cornea, chamado nephelio, he mais facil gaſtar-ſe com a electri-

(*a*) Pellier, o filho, recommenda huma cornea artificial feita de vidro, á maneira da cornea natural com hum caixilho de prata, o qual, além de ter as exactas dimensões da cornea extrahida, tem huma goteira em roda, deſtinada a receber a borda da ſclerotica. Eu me não demorarei em deſcrever o methodo de cortar a cornea natural, e de a ſubſtituir com a artificial; porque nada ha tão quimerico, como perſuadir-ſe o A. de que em huma parte tão ſenſivel, como o olho, ſe poſſa engaſtar hum vidro, e conſervar-ſe ſem a viſta ſe perder, e o olho ſe vaſar, depois de faltar a continuação da cornea, que ſuſtem os humores.

zação, e com os topicos, e remedios conſtitucionaes já propoſtos. E ſe não aproveitão, podem levantar-ſe as laminas da cornea, que ſe acharem opacas, ſendo muito externas, com a ponta de huma lanceta, ou canivete da catarata, e cortarem-ſe com as pontas de huma tiſoira delicada, empregando depois os collirios ſaturninos, ou a ſolução da pedra divina, para curar a ulcera, que fica, muito particularmente ſendo o leucoma materia eſpeſſada, e entrepoſta nas laminas da cornea, como ſuccede algumas vezes no onyx. Em quanto ás puſtulas phlictenas, e abſceſſos da cornea, dos quaes reſulta tambem o leucoma, devemos anticipar quanto for poſſivel o tratamento, que fica dito neſtas moleſtias, atacando a conjunctiva, para que ſe não ſigão grandes cicatrizes, que impidão conſideravelmente a viſta.

Das

Das excreſcencias ſobre a cornea tranſparente.

§. CXLV.

As excreſcencias, que ſobrevem á cornea tranſparente, ou ſejão procedidas da granulação baboſa das ulceras, ou da congeſtão dos liquidos nos vaſos, tolhem mais, ou menos a viſta, ſegundo o ſeu volume, e affeão o olho conſideravelmente. Eſtas excreſcencias podem gaſtar-ſe com os cathereticos, laquear-ſe por meio de fios, ou extirpar-ſe com o canivete, ou lanceta. Eſte ultimo meio deve ſer preferido como mais ſeguro, e menos doloroſo, havendo-nos como fica dito nas excreſcencias da conjunctiva.

Das fiſtulas da cornea.

§. CXLVI.

Succede algumas vezes ficar a cornea atraveſſada de hum buraquinho depois de huma ferida, ou de huma chaga, e de-

pois da operação da catarata, chamada fiſtula da cornea, a qual dá lugar ao abatimento, e rugas deſta membrana, ao derramamento do humor aquoſo, e desfiguração do iris, e por conſequencia á perda de viſta.

Cura-ſe 1.° emendando algumas diſpoſições, ou vicios conſtitucionaes com os remedios apropriados: 2.° tocando o buraquinho fiſtuloſo com a ponta de hum palito molhada na ſolução do nitrato de prata, ou antimonio muriato, ſem com tudo ſe uſar do leite, ou outro qualquer liquido, que deſtrua a eſcara, a qual he o unico meio, pelo qual ſe póde vir a curar a fiſtula, como ſuccede na ruptura do conducto ſalivar. A cornea muito achatada produz algum gráo de presbyopia, iſto he, ver melhor ao longe, do que ao perto, defeito que ſe emenda com as lentes convexas no gráo, que convier. E a ſua demaziada convexidade produz ao contrario algum gráo de myopia, iſto he, ver melhor ao perto, do que ao longe, defei-

feito que ſe emenda com os vidros concavos, tambem no gráo, que convier.

Do hypopio.

§. CXLVII.

Dá-ſe o nome de hypopio a hum ajuntamento de pús nas camaras do olho, particularmente na anterior. Eſte pús he ordinariamente (*a*) o reſultado da ſuppuração da choroides, e uvea, ou da ſclero-

ti-

(*a*) Eu digo ordinariamente, porque o derramamento de ſangue nas camaras, em conſequencia de relaxação de ſolidos, pancadas, feridas, ou ruptura dos vaſos da choroides, e uvea, chamado hypoema, deixa hum reſiduo apparentemente pús, que cauſa os meſmos effeitos, que o hypopio verdadeiro, cujo hypoema exige, ſe ſe não abſorve o ſangue, a abertura da cornea. Tambem ſe obſerva algumas vezes huma depoſição de ſoro, e lympha coagulavel nas camaras, logo que principião as inflammações, ſem haver comtudo ſuppuração; mas eſta depoſição, chamada hypogala, poſto que apparentemente purulenta, não he o verdadeiro hypopio, mas carece da meſma operação, ſe ſe não abſorve a lympha, mediante o uſo dos excitantes.

tica em conſequencia das inflammações deſtas partes; e por tanto accuſa-ſe como cauſas do hypopio tudo o que póde produzir as ditas inflammações, como corpos eſtranhos, pancadas, o veneno venereo, bexigoſo, &c. Nós conhecemos, que a materia ſe acha na camara anterior, e miſturada com o humor aquoſo, quando não podemos deſcubrir a pupilla, e o enfermo não vê, ou vê muito pouco. Todavia a materia póde achar-ſe na parte mais baixa da camara anterior, e deixar livre a pupilla: em tal caſo póde confundir-ſe com o onyx viſto direitamente; porém ſe olhamos de ilharga, deſcubrimos a cornea livre, e a materia na camara anterior.

A cura do hypopio conſiſte em prevenir quanto for poſſivel a continuação da inflammação, ſegundo as ſuas cauſas, como fica dito na ophtalmia, promover a abſorvencia da materia com os ligeiros excitantes topicos em aguas, ou pós, e com derivantes conſtitucionaes, como purgantes, diureticos, veſicatorios, fontes, ſe-

ſedenhos, &c. ; e ſe não baſtão , dar ſahida á materia por huma abertura na cornea , antes que a dita materia deſtrua as partes, que toca.

Para ſe praticar eſta abertura, ſitua-ſe o enfermo como para a operação da catarata , e o operador com o canivete, com que ſe faz eſta operação , abre a parte mais baixa da cornea tranſparente na extensão preciſa para ſahir a materia arraſtada pelo humor aquoſo; depois do que, faz muitos lavatorios com agua morna, ou infusão de flor de malva , por alguns dias; e quando já não haja materia, fará uſo dos collirios deſeccantes para cicatrizar a ulcera. (*a*)

Da

(*a*) Tem-ſe inventado muitos inſtrumentos para eſta inſignificante operação , como a agulha de Wolhouſe , o ophtalmotomo de Pellier, &c. : porém o canivete da catarata poupa todos eſtes inſtrumentos, os quaes não tem vantagem alguma ſobre elle.

Da mydriaſis.

§. CXLVIII.

Chama-ſe mydriaſis huma dilataçaõ extraordinaria da pupilla, da qual reſulta a viſta confuſa, ou nyctalopia, iſto he, ver-ſe melhor de noite, ou com pouca luz, do que de dia, ou com muita luz, em razaõ da grande quantidade de raios, que entraõ no olho, e fazem a pintura do objecto confuſa. Eſta moleſtia procede de muitas cauſas, como gota ſerena, hydrocephalo, e toda a caſta de compreſsaõ no cerebro, paralyſia, lombrigas, hyſteriſmos, convulsões, e particular diſpoſiçaõ do iris, e opacidade dos humores. Conhece-ſe facilmente pela dilataçaõ da pupilla, que ſe não contrahe a pezar de a expormos a grande luz, e pela maior, ou menor perda de viſta. A ſua cura conſiſte em remover as cauſas, e reſtituir a mobilidade ao iris, ſe eſte não eſtiver adherente á cornea, ou capſula do vitreo, o

que

que ſe conſegue algumas vezes com brandos, e repetidos emeticos, veſicatorios, arnica, quina, ferro, mercurio, e aguas thermaes, &c.; e localmente antolhos, com pequenos buracos, que regulem a quantidade dos raios, com que o olho póde, meio muito efficaz, quando o defeito eſtá ſó na pupilla.

Da phtiſis.

§. CXLIX.

Dá-ſe o nome de phtiſis ao aperto, ou contracção demaziada da pupilla, reſultando a diminuição de viſta, chamada hemeralopia, iſto he, ver melhor de dia, ou com muita luz, do que de noite, ou com pouca luz.

Se a pupilla ſe tapa inteiramente por moleſtia, ou vicio de conformação, chama-ſe eſte defeito ſynizeſis. A primeira conhece-ſe, porque a pupilla ſe não dilata em lugares eſcuros, ou com pouca luz;

e a ſegunda, porque não deſcubrimos no lugar da meſma pupilla abertura, ou buraco algum, e o doente perde inteiramente a viſta. Quando eſta moleſtia, que depende ou de congeſtões, debilidade, ou paralyſia do iris, não céde aos emeticos, purgantes, veſicatorios, arnica, quina, ferro, e particularmente á electricidade, he preciſo raſgar o iris, ou dilatar a pupilla. Para ſe fazer eſta operação, ſitua-ſe o enfermo, e abre-ſe a cornea como na operação da catarata: iſto feito, toma-ſe a faca curva ocular, e com ella ſe corta o iris para cima na extensão de duas, ou tres linhas, mettendo-ſe a ponta da faca com o córte voltado para fóra entre o iris, e capſula do cryſtallino, proſeguindo no reſto da cura como ſe ſe tiveſſe feito a operação da catarata. Se quando ſe fere o iris, corre demaziado ſangue, he preciſo eſtancallo com algumas gotas de agua fria deitadas na camara anterior por meio da ſeringa de Anel, e não ſituar o alçapão da cornea, em quanto durar a hemor-

rha-

rhagia (*a*). Se a phtiſis ſe complicar com adherencias á cornea, ou capſula do cryſtallino, conſtituindo o que ſe chama ſynechia, ou ſe houver gota ſerena, de nada ſerve a operação; e por tanto não ſe deve emprehender. Na ſynizeſis como não ha pupilla, pela qual ſe metta a ponta da faca, penetraremos a uvea com toda a cautela, para não offendermos a capſula do cryſtallino, hum pouco mais abaixo do lugar da pupilla.

(*a*) Cheſelden cortava o iris com huma faca comprida, e muito eſtreita, ſemelhante á agulha de abater a catarata, paſſada á camara poſterior, como naquella operação: porém como a ferida tranſverſal, que a dita agulha faz na uvea, quando ſe retira, une mui facilmente, e deixa a operação inutil, he melhor abrir a camara anterior, e cortar a uvea verticalmente. Para eſte córte ſe tem tambem uſado das tiſoiras, como aconſelha Janin: mas a faca curva ocular prefere a todos quantos inſtrumentos ſe tem empregado; porque corta o iris de dentro para fóra, e a ſua curvatura he mui propria para eſte fim, em razão de não offender as partes vizinhas.

Da amauroſis.

§. CL.

Dá-ſe o nome de amauroſis, ou gota ſerena a huma cegueira, na qual ſe não percebe defeito algum na organização do olho: e póde ſer perfeita, ou imperfeita. Perfeita, quando o enfermo não diſtingue a luz das trévas, em cujo eſtado os olhos ſe conſervão muito abertos, as pupillas ordinariamente muito dilatadas, e algumas vezes no eſtado natural, ou contrahidas; mas de qualquer modo que exiſtão, não tem a menor mobilidade, a pezar da luz fraca, ou forte, que fira o olho. A imperfeita he, quando o enfermo conſerva alguma viſta, em cujo eſtado as pupillas dilatadas, contrahidas, ou no eſtado natural, tem algum movimento, mas muito pouco ſenſivel.

A cauſa proxima deſta moleſtia conſiſte no eſtado inirritavel do nervo optico, e retina, pelo qual ficão eſtas partes pri-

privadas das ſuas funções. Se a falta de irritabilidade ataca toda a retina, ou nervo optico, ſegue-ſe a amauroſis perfeita; e ſe ataca ſó alguns pontos, ſegue-ſe a imperfeita, na qual os enfermos vêm manchas de differentes côres, e figuras diante dos olhos, que mudão de lugar conforme os movimentos dos olhos. Poucas vezes deixa eſte mal de accommetter ambos os olhos. As cauſas remotas, que são as que podem fazer perder a irritabilidade ao nervo optico, e retina, vem a ſer varizes, inflammações, derramamentos de ſangue, ou pancadas nos olhos, e cabeça de modo, que naquelles ſe deſorganize a retina, e neſta o cerebro, ou origem dos ditos nervos. O hydrocephalo, a apoplexia, indigeſtões, lombrigas, ſuppreſsões de menſtruos, ou de ſuor por algum golpe de frio, leſões, ou offenſas de nervos, que ſympathizem com o olho, como picadas, ou pizaduras, affecções hyſtericas, &c., são frequentes cauſas da amauroſis. Ora ſe eſtas cauſas produzem hum

ef-

effeio permanente, ou exiſtem aturadamente, vem a gota ſerena a ſer incuravel; porém ſe ſe podem remover, aſſim como tambem o effeito, póde curar-ſe a amauroſis. Tambem ſe obſerva algumas vezes a cura eſpontanea, e a repetição em periodos certos, particularmente nas mulheres hyſtericas.

Os remedios, que algumas vez tem aproveitado, principalmente na amauroſis imperfeita, ou que vem por cauſas removiveis, são 1.° ſangrias geraes, e topicas nas jugulares, ou por bichas atrás das orelhas, ou nas temporas, ſe ha demaziada plethora: 2.° emeticos repetidos, e purgantes laxantes, ou draſticos, ſegundo a cauſa: 3.° aturado uſo de calomelanos, e opio em pequenas doſes: 4.° o trato mercurial, ſe ha veneno venereo na conſtituição: 5.° os tonicos, como quina, arnica, ferro, banhos frios, e outros: 6.° finalmente a electricidade uſada methodicamente, e as aguas thermaes, ſe a irritabilidade, e ſenſibilidade dos nervos em

ge-

geral for grande, e a amauroſis eſpaſmodica.

CAPITULO VIII.

Das moleſtias dos humores dos olhos.

§. CLI.

Da hydro-phtalmia.

A Hydro-phtalmia, ou hydropeſia do olho conſiſte no augmento do humor aquoſo exhalado de mais, ou abſorvido de menos, pelas meſmas cauſas das outras hydropeſias, mas particularmente pelas aturadas, e rebeldes ophtalmias, e he huma moleſtia baſtantemente rara. Conhece-ſe pelo augmento do globo do olho, elevação da cornea, profundidade do iris, dilatação, e immobilidade da pupilla, dores ſurdas no centro do olho, e lado correſpondente da cabeça, as quaes augmentão no volver dos olhos, perda de viſta maior, ou menor, ſegundo a quanti-

tidade do liquido accumulado, perda de tranſparencia, e finalmente a ſahida do globo pela orbita fóra, afaſtando as palpebras ao ponto de o não poderem cubrir. O augmento de volume do humor vitreo, a que ſe dá o nome de buphtalmia, tem ſido chamado por alguns hydro-phtalmia: e poſto que huma e outra moleſtia produzão no olho os meſmos effeitos, e exijão a meſma cura, com tudo na buphtalmia acha-ſe o iris mais dilatado, e proximo á cornea, o humor vitreo faz huma roſca ao redor do cryſtallino, a qual o aſſombra, e as dores são mais activas. Eſta moleſtia tem cedido algumas vezes, ainda que poucas, ao uſo dos remedios conſtitucionaes, como purgantes, aperientes, veſicatorios, ſedenhos, &c., e particularmente á electricidade: mas ſe eſtes remedios são applicados ſem effeito, he preciſo recorrer a paracenteſis do olho, cuja operação conſiſte em abrir a cornea tranſparente, como na operação da catarata, ſó com a differença de que o córte

da

da dita cornea não preciſa ſer tão grande. Evacuado todo o humor, e ſituado o alçapão da cornea no ſeu lugar, fecha-ſe o olho, comprime-ſe alguma couſa com hum chumaço, e algumas voltas de atadura, cujo appoſito ſe molha de quando em quando com agua ſaturnina, animada com algumas gotas de agua ardente. A paracenteſis do olho tem lugar na hydrophtalmia, na buphtalmia, na amblyopia por cauſa do humor aquoſo turvo, e finalmente no glaucoma (*a*), moleſtia que conſiſte

(*a*) Nós vemos perderem-ſe grandes porções do humor vitreo, que ſuppridas pelo aquoſo, conſerva a figura, e volume do globo do olho; e ſe o glaucoma ſe não complicar com outra moleſtia, nenhuma dúvida póde haver em evacuar huma grande parte, ou todo o humor vitreo, na eſperança de reſtituir alguma viſta ao enfermo, particularmente atacando a moleſtia ambos os olhos, e havendo a cegueira completa. Não ſabemos que os antigos uſaſſem da paracenteſis do olho. O primeiro, que fallou deſta operação, foi Weſen, depois Nuck, e Wolhouſe, que a praticava com hum trocarte introduzido no olho, no lugar, onde coſtumavão metter a agulha da catarata. Porém ainda que com o trocarte pareça a operação mais ſimples;

na opacidade do humor vitreo, tornando-ſe azul-celeſte, ou verde-mar, cores, que privão mais, ou menos a viſta, e ſe deixão ver em torno do humor cryſtallino, por ſe achar a pupilla muito dilatada, ou diminuindo-ſe a luz da caſa. Tem-ſe aconſelhado muitos remedios para eſta moleſtia, como cicuta, calomelanos, arnica, quina, ferro, e outros, porém ſem effeito; porque ſe a electricidade não aproveita, he incuravel.

Da catarata.

§. CLII.

Chama-ſe catarata o corpo cryſtallino opaco, impedindo a entrada dos raios viſuaes no centro do olho. (*a*)

Cau-

---

com tudo os humores eſpeſſos não cabem pela canula, além de ſer muito mais doloroſa, motivos que obrigárão os praticos modernos a lançar mão da incisão na cornea tranſparente.

(*a*) Eu chamo corpo cryſtallino toda a lente compoſta de humor, e membranas, cujas partes capazes de ſe fazerem opacas, cada huma de per ſi, ou todas

Cauſas.

§. CLIII.

As cauſas da catarata são internas, e externas. As internas, pouco conhecidas, tem ſido o objecto de muitos diſcurſos; porém todos diſtituidos de fundamento. He da natureza do humor cryſtallino perder com a idade a ſua tranſparencia, pela obſtrucção dos ſeus vaſos, ou pela eſpeſſura da lympha, que o compõe; por cujo motivo obſervamos eſte humor mais

juntas, podem ſer o aſſento da catarata. He bem difficultoſo ſaber-ſe onde principia a opacidade, ſe nas membranas, ou no humor (o que pouco importa); porque os meios, que empregamos para remediar eſta moleſtia, são os meſmos, ſeja qual for o aſſento da catarata. Os antigos não conhecêrão em que conſiſtia eſta moleſtia, e julgárão que era huma membrana formada no humor aquoſo por detrás do iris, erro que vogou até 1707, tempo em que Mery, Briſſeau, Heiſter, e outros confirmárão o que tinhão dito Laſnier, Borel, Blegny, e outros, iſto he, que a catarata era o reſultado da mudança de côr, e opacidade do humor cryſtallino.

conſiſtente, opaco, e amarellado na velhice, reſultando huma diminuição conſideravel na viſta. E por tanto tudo o que for capaz de augmentar a eſpeſſura tanto do humor, como dos ſeptos membranoſos, que o contém alojado em eſpaços, ſerá a cauſa interna da catarata, e eu ſupponho que a ſtructura, ou diſpoſição particular do meſmo cryſtallino, para ſe eſpeſſar, ou diſſolver (*a*), são as cauſas chamadas internas, em que alguns venenos, ou diſpoſições morboſas conſtitucionaes podem ter alguma influencia.

As externas são igualmente tudo o que

(*a*) Logo que o humor cryſtallino ſe altera qualquer couſa na ſua ſtructura, ſeja endurecendo-ſe, ſeja amollecendo, perde a tranſparencia, impede a viſta, e reſulta a catarata ſolida, ou liquida. Da ſua alteração não ſó ſe ſegue a differença de conſiſtencia, mas tambem de côr; por cujo motivo obſervamos cataratas brancas como leite, verdoengas, azuladas, cinzentas, amarellas, denegridas, ou totalmente negras, côr de perola, &c., humas vezes adherentes, iſto he, fixas no ſeu lugar, outras vezes fluctuantes, iſto he, movendo-ſe a hum, e outro lado, ou ſahindo do ſeu lugar para a camara anterior.

que póde alterar a ſtructura do cryſtallino, como ophtalmias, pancadas, e feridas nos olhos, ou cabeça, muita força de luz, ſeja do ſol, ou do fogo, aſſiduas applicações da viſta, particularmente a objectos pequenos, e brilhantes, e finalmente o uſo imprudente de topicos irritantes para curar outras moleſtias dos olhos. As relações intimas, que ha entre os dous olhos, faz que poucas vezes deixe hum de ſoffrer o mal, que padece o outro, particularmente a catarata, excepto vindo por injurias externas.

Sinaes.

§. CLIV.

Quando a catarata principia, iſto he, quando o corpo cryſtallino começa a fazer-ſe opaco, os enfermos principião a ver como ao través de fumo, ou nevoeiro, ſe a opacidade ataca uniformemente o corpo cryſtallino; e deſcobrem no ar cabellos, pernas de aranhas, moſcas, ou

cou-

couſas ſemelhantes, ſe o mal começa em differentes pontos. Ao paſſo que a opacidade augmenta, vai faltando a viſta até o ponto de diſtinguirem ſó a luz das tréVas, não ſe complicando a catarata com outras moleſtias. Se obſervamos os olhos das peſſoas, que tem cataratas, achamos que o corpo cryſtallino em lugar de tranſparente, como deve ſer, ſe acha turvo, e moſtrando alguma, ou algumas das cores acima ditas em maior, ou menor gráo, ſegundo a maior, ou menor opacidade, que tiver adquirido. Para diſtinguirmos melhor o eſtado do corpo cryſtallino, e nos decidirmos ſe a catarata he o unico impedimento da viſta, cumpre fechar o enfermo por algum tempo em caſa eſcura, e fazella clara pouco a pouco, ou de repente; porque achando-ſe a pupilla muito dilatada, nos deixa ver, antes de ſe contrahir, a ſua mobilidade, toda a circumferencia do cryſtallino, e o eſtado do humor vitreo. A mobilidade da pupilla, junta com o conhecimento, que o enfermo

tem

tem da luz, e das trévas, moſtrão que a catarata ſe não complica com gota ſerena, glaucoma, ou outra moleſtia, que impida a viſta. O cryſtallino deſcuberto em toda a ſua extensão deixa-nos conhecer melhor a natureza da catarata, e ſuas circumſtancias, iſto he, ſe todo o corpo cryſtallino eſtá opaco, ſe a opacidade he igual, ſe a catarata he côr de perola, eſverdenhada, azulada, amarellada, denegrida, ou negra, avermelhada, branca, côr de leite, ſuperficie liza, e reſplandecente, ou deſigual, e finalmente ſe vacilla, ou eſtá adherente.

Prognoſtico.

§. CLV.

Se o iris das peſſoas, que ſoffrem a catarata, goza dos movimentos livres de dilatação, e contracção, ſe a cornea não tem manchas, ou nevoas, ſe o humor vitreo, e toda a mais organização do olho ſe achão no eſtado natural, e o enfermo

diſ-

diſtingue a luz das trévas, póde fazer-ſe a extracção da catarata com toda a probabilidade de bom ſucceſſo. Eſta probabilidade ſe muda em huma quaſi certeza, ſe a conſtituição he ſadia, ſe a idade não he muito avançada, e finalmente ſe a catarata for ſolida (*a*). O ſucceſſo da operação ſerá duvidoſo, ſe o iris gozar de poucos movimentos, a pupilla ſe achar muito contrahida, ou muito dilatada, ſe o doente diſtinguir mal a luz das trévas, ſe a conſtituição não for ſadia, ſe os olhos forem ſujeitos a frequentes ophtalmias, e o enfermo a dores de cabeça, ſe exiſtir o ar-

(*a*) As cataratas, côr de perola, cinzentas, eſverdenhadas, ou azuladas, e denegridas, são ordinariamente ſolidas; as brancas, amarellas, avermelhadas, totalmente verdes, ou negras, são commummente liquidas: eu digo commummente, porque repetidas vezes ſahe o contrario do que ſe penſa, e ſó ha mais certeza em as brancas ſerem liquidas, e por iſſo chamadas lactoſas, e as côr de perola ſolidas, o que alguns pertendem confirmar pela ſuperficie mais achatada, igual, e pouco brilhante, aſſim como tambem tendo-ſe a catarata formado lentamente, ou no eſpaço de muito tempo.

arco ſenil, pela probabilidade de vir o leucoma á ſecção da cornea, e finalmente ſe a catarata for molle, liquida, adherente, ou complicada com opacidade na capſula cryſtallina. A extracção ſerá ſem utilidade alguma, ſe a catarata ſe complicar com gota ſerena, indicada pela midriaſis, com o glaucoma, leucoma, defronte da pupilla, hidrophtalmia, magreza do olho, ou muita diſpoſição para as inflammações dos olhos.

Cura.

§. CLVI.

A catarata confirmada ſó deixa ver o enfermo, extrahindo-ſe, ou deprimindo-ſe, e poucas vezes ſe tem reſtituido a tranſparencia ao corpo cryſtallino, ainda muito no principio da opacidade. Todavia como temos alguns exemplos diſto, não devemos privar os enfermos de hum recurſo, que aproveita huma, ou outra vez. As ſangrias, ſe a plethora as pede, os purgantes, particularmente os draſticos,

como jalapa, calomelanos, e outros, as fontes nos braços, os ſedenhos na nuca, e principalmente a electricidade, são os remedios mais efficazes, e abonados pela experiencia. (*a*)

Da depreſsão.

§. CLVII.

A depreſsão he huma operação, por meio da qual ſe desloca o corpo cryſtallino do ſeu lugar para o fundo do olho. (*b*)

Pa-

(*a*) Eu não fallarei de muitos topicos recommendados pelos praticos, aſſim como dos differentes modos de ſe applicarem, porque os julgo inuteis; igualmente o são os extractos de cicuta, de meimendro, e outros. O mercurio he proveitoſo em certa doſe, mas, ſendo de mais, tem o riſco de liquidar a catarata.

(*b*) A depreſsão he huma operação antiquiſſima, ſegundo Celſo, e, ſegundo Alpino, parece ter começado no Egypto, pois que os habitantes daquelle paiz são muito ſujeitos a eſta moleſtia. As idéas falſas de huma membrana creada por detrás do iris, em que fazião conſiſtir a catarata, juntas com os da deslocação eſpontanea do cryſtallino, deixando livre a pu-

Para ſe praticar a depreſsão, ſitua-ſe o enfermo ſentado em huma cadeira defronte de huma janela de modo, que a luz venha em linha recta á palma da mão, que péga na agulha. Hum ajudante, ſituado por detrás do paciente, lhe ſegura a cabeça encoſtada ao ſeu peito, pegando na ponta da barba com huma das mãos, em quanto com o dedo indicador da outra, que deſcança na téſta, levanta a palpebra ſuperior. Iſto feito, aſſenta-ſe o operador defronte do enfermo em huma cadeira hum pouco mais alta; e abaixando

pilla, derão talvez origem a eſta operação, a qual tem vogado todo o tempo, em que ſe ignorou em que conſiſtia a catarata. Os depreſſores exigião na catarata certas condições, para ſerem bem ſuccedidos, como achar-ſe madura, iſto he, com baſtante conſiſtencia para não ſer laccerada pela agulha, o que elles deduzião da figura, e côr, que nós queremos que tenha a catarata ſolida: exigião ſugeitos ſadios, preparos eſcrupuloſos para purificar a conſtituição, e eſtação, e dias favoraveis: a fóra deſtas condições, davão os enfermos por irremediaveis; e com razão, porque tudo era preciſo para eſta operação aproveitar huma ou outra vez.

a palpebra inferior com o dedo indicador da mão direita, ſendo a operação no olho direito, e *vice verſa*, encoſta o mediano á parte interna do globo, para o fazer hum pouco firme; então péga com a eſquerda na agulha (*a*) como em huma penna para eſcrever, e, apoiando os dous ultimos dedos na tempora perto do angulo externo das palpebras, applica a ponta da agulha com os córtes para cima, e para baixo na ſclerotica hum pouco abaixo do diametro tranſverſo da cornea, e linha e meia afaſtada do limbo da meſma cornea (*b*),

e,

(*a*) As agulhas para abater a catarata tem variado muito em figura, ſegundo o capricho dos operadores; porque huns uſárão das redondas, e agudas, outros das figuradas como lança, humas rectas, outras curvas, e outras finalmente deſcrevendo angulos rectos, para ſe operar com a mão direita no olho direito, fazendo-ſe a penetração no canto interno: porém as melhores, e as mais geralmente recebidas são as de Briſſeau, e Palluccy, as quaes são de figura de lança, e de mediana largura.

(*b*) A reſpeito do lugar, em que ſe ha de metter a agulha, tem tambem havido opiniões, querendo huns que foſſe mais perto da cornea, outros mais lon-

e, imprimindo-lhe alguma força, a faz entrar no centro do olho em huma direcção tranſverſa, até apparecer a ponta na parte mais alta da pupilla, ſem offender o iris. Feito iſto, volta as faces da agulha huma para cima, outra para baixo, governando-ſe pelas marcas do cabo, que correſpondem ás ditas faces, ao qual dá huma meia volta entre os dedos; e pondo a lança da agulha ſobre a borda ſuperior do cryſtallino, deprime eſte corpo brandamente para o centro, e fundo do globo, levantando alguma couſa a mão do cabo, até a pupilla ficar de todo livre (*a*). Quando o corpo cryſtallino não

ſó-

---

ge: porém o lugar, que eu aponto, he o melhor, para ſe não offender o círculo ciliar, ou a aponevroſe do muſculo abductor.

(*a*) Se ao applicar a agulha ſobre o cryſtallino, eſte corpo ſe dividir em bocados, deve o operador deprimillos huns depois dos outros, até deixar a pupilla deſembaraçada; e ſe a catarata for liquida, ou ſe ferir algum vaſo ſanguineo, que encha as camaras de ſangue, turvando-ſe o humor aquoſo, não proſeguirá, antes tirará a agulha, porque não póde ver para acabar a operação.

ſôbe, paſſados alguns inſtantes, torna o operador a ſituar a agulha como quando entrára, para a tirar do meſmo modo, que a mettêra; e então, ſoltas as palpebras, e fechado o olho, applica ſobre elle alguns chumaços, ou camadas de fios, molhados em agua roſada, animada com agua ardente, ſuſtidos com algumas voltas de atadura, ordena a dieta, quietação, e mais remedios preciſos, ſegundo as indicações, que houver para encher. (*a*)

Da extracção da catarata.

§. CLVIII.

A extracção da catarata he huma ope-

(*a*) Ferrein, Petit, Taylor, La Faye, e outros levavão a agulha á parte mais baixa do cryſtallino, cortavão a capſula deſte humor, e depois proſeguião no abatimento como fica dito, e iſto (dizião elles) para que o cryſtallino não ſubiſſe mais: porém eu acho, que aſſim com a capſula, como ſem ella, tem a meſma probabilidade de ſubir com o tempo, e vir a tapar a viſta. Além diſto póde a capſula achar-ſe opaca, e impedir a viſta, a pezar de ſe abater o cryſtallino.

operação, por meio da qual ſe extrahe do olho o humor cryſtallino opaco, ou a ſua capſula, mediante huma abertura praticada na cornea tranſparente. (*a*)

Achan-

(*a*) Mery foi o primeiro, que fallou deſta operação em 1707, poſto que Albucaſis tiveſſe propoſto, que ſe fizeſſe huma punção no olho com huma agulha concava, para por eſta ſe chupar o humor aquoſo, e com elle a catarata, que ſe julgava huma membrana, e por tanto facil em ſahir com o dito humor. No tempo de Avicenna alguns abrião a parte inferior do olho para tirarem a catarata, mas não ſe ſabe como: he muito provavel, que foſſe pouco mais, ou menos como hoje ſe pratica. Em 1708 praticou Petit a extracção, atraveſſando a cornea por baixo da pupilla com huma agulha cavada á maneira de ſonda, e cortando o meio círculo inferior com huma lanceta conduzida no rego da agulha. Iſto feito, tirou a catarata com huma eſpecie de colherinha, e então ſe conheceo que o humor cryſtallino era o verdadeiro aſſento da catarata. Não obſtante eſtes conhecimentos, tornou a extracção a ficar em eſquecimento até 1745, tempo em que Daviel, praticando a depreſsão, lhe eſcapou a catarata para a camara anterior feita em bocados, o que o obrigou a praticar o córte da cornea como fizera Petit, mettendo huma agulha ſemicurva na parte inferior deſta membrana, e augmentando a ſecção com as pontas de huma tiſoira, para dar ſahi-

§. CLIX.

Achando-ſe o enfermo, e o olho em eſtado de convir a operação, como fica no-

---

da aos fragmentos da catarata, e a algum ſangue, que ſe achavão na camara anterior. E poſto que Daviel interrompeſſe a prática deſta operação por algum tempo; com tudo até o anno de 1752 tinha feito duzentas e ſeis operações, das quaes aproveitárão cento e oitenta e duas, a pezar dos inſtrumentos não ſerem os mais proprios, os quaes conſiſtião em huma agulha cortante ſemicurva, com que fazia a primeira abertura na cornea, outra romba mais larga, e cortante, com que augmentava a dita abertura, dous pares de tiſoiras curvas, com que cortava o reſto da cornea até completar o meio círculo, huma pequena eſpatula de ouro, prata, ou aço para levantar o alçapão, huma agulha á maneira de lança para cortar a capſula do cryſtallino, huma pequena colhér de ouro para tirar os fragmentos do cryſtallino, ſe eſte ſe desfazia, finalmente humas delicadas pinças para extrahir alguma porção membranoſa, que ſe apreſentaſſe. He bem para admirar, que com tantos, e tão imperfeitos inſtrumentos lhe ſahiſſem boas tantas operações, o que obrigou os praticos a ſimplificarem os inſtrumentos, e a buſcarem o melhor methodo de praticar eſta operação, como hoje vemos. Garengeot ſervio-ſe de huma lanceta fixa nas tachas, e de huma tiſoira recta para

notado (CLV), cumpre preparallo com ſangrias, ſe ha plethora, purgantes, ou emeticos, ſe ha vicio de primeiras vias, ou combater alguma diſpoſição morboſa,

o ſegmento da cornea. La Faye limitou os inſtrumentos a hum canivete menos largo do que o de Wenzel, plano pela face anterior, o que obrigava a haver hum para cada olho, com o qual cortava a cornea, e hum cyſtotomo á maneira do pharyngotomo, mas accommodado á delicadeza do lugar, para cortar a capſula do cryſtallino. Poyet atraveſſava a cornea com hum canivete direito da largura de duas linhas, e com hum buraco na ponta, que levava hum fio para formar huma aza, pela qual ſegurava o olho em quanto cortava o reſto do meio círculo. Eſta invenção de nada ſervio; porque depois do inſtrumento, qualquer que for, atraveſſar a cornea, he facil acabar a ſecção ſem alguma ſegurança. Sharp fazia a operação com hum ſó inſtrumento, e era hum canivete ſemicurvo, que engroſſava ſempre deſde a ponta até á baſe, para impedir a ſahida do humor aquoſo; e ſe, feita a ſecção da cornea, o cryſtallino não ſahia, mettia a ponta do meſmo canivete na catarata, e a tirava fóra. Eſte pratico, notando que a mobilidade do olho era hum grande eſtorvo para a operação, aconſelha o ſpeculo; mas que ſe tire, feito o córte da cornea, para evitar a ſahida do humor vitreo. Berrenger fazia levantar a palpebra ſuperior com hum gancho de duas pontas rom-

e algum veneno com os remedios apropriados : afóra eſtas circumſtancias, baſta adietar o enfermo ſeis, ou oito dias, fazer-lhe tomar alguns pediluvios, e algu-

bas, e com outro de duas agudas enganchava a conjunctiva, para firmar o globo do olho, em quanto com hum canivete, mais largo que o de Wenzel, e convexo pelo córte inferior, fazia a ſecção da cornea, acabando por cortar a capſula do cryſtallino com a agulha de Daviel, pegando no alçapão da cornea com huma pinça á maneira de alicate. Tem-ſe inventado muitos outros inſtrumentos, e methodos, como ſe póde ver no Curſo de Operaçõeſ ſobre a cirurgia dos olhos por Pellier; porém todos menos ſimples, que o de Wenzel, o qual eu adopto, addicionando-lhe algumas couſas, que me parecêrão preciſas em certos caſos, e para os Cirurgiões, que não tem tanta certeza como o meſmo Wenzel. Como a mobilidade do olho he muito grande em algumas peſſoas, e nem todos os praticos tem deſtreza para operarem ſem algum inſtrumento, que ſegure o globo do olho, tem-ſe inventado muitos inſtrumentos para eſte fim, como 1.° o ſpeculo inventado por Petit, e correcto por Lecat, cujo inſtrumento conſiſte em hum annel com duas ſuperficies chatas, e muito polidas, a de dentro concava, e ajuſtada de tal modo ás dimenſões do globo, que, applicado o ſpeculo, ſobreſahe toda a cornea, para ſe poder atraveſſar com o canivete. Do dito annel ſahe

gumas mézinhas; e deſtinado o dia, que deve ſer claro, e em eſtação temperada, e melhor ainda no inverno, ſe praticará a

huma aſtea direita, ou curva, e mais, ou menos comprida, encavada em hum cabo de differentes dimensões, e figuras, ſegundo o capricho dos oculiſtas. Eſte inſtrumento, a pezar das correcções, e emendas por Muler, Monro, e outros, he o mais arriſcado, que ſe tem inventado; porque da ſua compreſsão ſobre o globo reſulta o mais das vezes ſahir a catarata, e humor vitreo apenas ſe acaba a ſecção da cornea: pelo que ſe póde chamar com mais propriedade vaſa-olhos, do que *ſpeculum oculi*: 2.° o dobre-gancho de Berrenger, o qual engancha a conjunctiva; mas tem o defeito de picar o olho em duas partes, cujas picadas chamão inflammações, que inutilizão a operação: 3.° a tenaz de Guerin, a qual ſegura o globo, e corta a cornea; mas difficultoſamente póde aproveitar, e por iſſo ninguem ſeguio o methodo deſte A.: 4.° a pinça de Pope, menos efficaz ainda do que a tenaz de Guerin: 5.° o fio de Poyet, de que fallei, e moſtrei a inutilidade: 6.° a aſtea de Pamard, cujo inſtrumento he o melhor para ſegurar o olho, e conſiſte em hum eſtilete de ferro do comprimento de duas pollegadas e meia, curvo no ſeu meio, terminado em ponta mais, ou menos aguda com duas pequenas folhas, ou azas a diſtancia de meia linha, e encavado em hum cabo de quatro pollegadas de comprido: 7.° a

operação do modo ſeguinte. Sentado o enfermo em huma cadeira defronte de huma janella, mas de modo que a luz caia

---

meia lua dentada de Pellier, mui ſemelhante á aſtea de Pamard, a qual, tendo muitos dentes, e ſervindo como eu digo que ſe deve uſar da aſtea, augmenta o eſtimulo tantas vezes, quantos são os dentes da meia lua, os quaes não firmão melhor o globo do olho, do que o unico bico, ou ponta da aſtea: 8.° o didal de Rompelt, e vem a ſer a extremidade da aſtea de Pamard, da extensão de pouco mais de huma pollegada, fixa no meio do fundo de hum didal, que, mettido no dedo annular, ou mediano, ſegura o globo do olho, bem como a aſtea. A pezar de Wenzel preferir eſte inſtrumento a todos os outros, ſe houver de ſer preciſo; com tudo he mais complicado, por ſer neceſſario que o operador tenha preſentes tres objectos, que são ſegurar o globo com o dedo annular, ou mediano, abaixar a palpebra inferior com o indicador, e fazer a ſecção da cornea, defeitos que ſe notão igualmente no ophtalmoſtat de Demours, o qual ſó differe do didal de Rompelt em ter em lugar do bocado da aſtea hum pequeno gancho, que engancha a conjunctiva ſobre a cornea, e em lugar de didal huma tenaz, feita de huma lamina concava, que dobrada abraça as partes lateraes do dedo mediano na extensão de dezoito linhas. Eu não fallarei dos mais ophtalmoſtatos inventados por muitos oculiſtas, por-

caia obliquamente do angulo externo para o interno (*a*), e tapado o olho, que ſe não opéra, com hum chumaço, ſuſtido por meio de huma venda, hum ajudante, ſituado por detrás, ſegura a cabeça, encoſtada ao ſeu peito, com huma das mãos, e com o dedo indicador da outra levanta a palpebra ſuperior, aproximando o tarſo á borda orbitaria. Iſto feito, ſenta-ſe o operador defronte do paciente em huma cadeira mais elevada, e põe o pé correſpondente ao olho, que ſe ha de operar, em cima do aſſento da cadeira do enfermo, para o joelho ſervir de apoio ao cotovelo, e abaixando com os dedos indicador, e mediano, hum pouco afaſtados hum do outro, a palpebra inferior, toma na mão, com que ha de operar, iſto he,

na

---

que os julgo todos perigoſos, e ſó adopto a aſtea de Pamard, quando for preciſo ſegurar o globo do olho por algum dos motivos particulares, que ficão apontados.

(*a*) Porque deſte modo buſcando o olho ſempre a luz, inclina-ſe mais para o angulo externo, e he mais facil o córte da cornea.

na direita, operando no olho eſquerdo, e *vice verſa*, o canivete (*a*), como ſe pegára em huma penna para eſcrever. Então deſcançando o cotovelo ſobre o joelho, firma a mão do canivete com os dous ultimos dedos apoiados na parte externa da orbita, tendo o canivete em huma direcção obliqua de cima para baixo, e de fóra para dentro. Neſta ſituação eſpera que o olho ſe volte alguma couſa para o angulo externo, e ceſſem os movimentos convulſivos, excitados pelo temor, e mette a ponta do canivete na parte ſuperior, e ex-

(*a*) O canivete da catarata, que eu adopto como melhor, he de Wenzel, o pai, commummente chamado de Richter, por ſer o primeiro, que o deſcreveo, mas não o ſeu inventor, como moſtra Wenzel, o filho. Eſte inſtrumento, chamado ceratotomo, he huma eſpecie de lanceta com dezoito linhas de comprido, e tres na ſua maior largura, encavado em hum cabo do comprimento de ſinco pollegadas: as faces do ferro são ligeiramente convexas, e vão alargando deſde a ponta até á baſe: a margem de cima he cortante até tres linhas diſtantes da ponta, e a de baixo, ligeiramente convexa no ſeu meio, he cortante até perto da baſe.

externa da cornea, a hum quarto de linha afaſtado da ſclerotica, e o vai dirigindo na meſma direcção até a ponta ſahir na meſma diſtancia da dita ſclerotica, no ponto diametralmente oppoſto, iſto he, na parte inferior, e interna da cornea tranſparente. Atraveſſada a cornea, pára com o canivete, e eſpera que o olho pelos ſeus movimentos ſeja o que acabe o córte; mas ſe niſto houver alguma difficuldade, metterá a unha do dedo mediano, que ſegura a palpebra, entre a ſclerotica e a ponta do canivete, para que imprimindo neſte alguma força, acabe o córte muito devagar, e com muita ſuavidade. (*a*)

§. CLX.

Feita a ſecção da cornea, ſoltão-ſe as palpebras, e conſerva-ſe o olho fechado por algum eſpaço de tempo, para ceſſar

(*a*) Quaſi todos os oculiſtas, particularmente os faltimbancos, fazem a ſecção da cornea muito depreſſa, julgando que a brevidade neſta operação he a maior perfeição: porém eu acho que quanto mais devagar ſe fizer, melhor ſerá o exito.

ſar o eſtimulo. E abaixando-ſe a palpebra inferior, ſe fazem ligeiras, e aturadas compreſsões na parte inferior do globo com as coſtas da colhér, para fazer ſahir a catarata; mas ſe eſtas são baldadas, cumpre cortar-ſe a capſula do cryſtallino com a ponta da faca curva ocular, mettida com o dorſo voltado para o angulo interno, até chegar defronte da pupilla; e então dirigindo a ponta ao cryſtallino, e ficando o dorſo contra o alçapão da cornea, divide a dita capſula de cima abaixo, ſem tocar no iris, ſeguindo-ſe a iſto retirar a faca, e fazer brandas compreſsões, como acima, para ſahir a catarata (*a*).

Se

(*a*) Wenzel, e muitos outros oculiſtas mettem o canivete na cornea; e quando a ponta chega defronte da pupilla, vão com ella ferir a capſula do cryſtallino; e recuando hum pouco o inſtrumento, até o pôr na meſma direcção, em que entrára, proſeguem na ſecção da cornea: porém eſta delicadeza em poucas máos ſahirá bem, porque ſe póde ferir a uvea, e deitar ſangue, que impida a operação, além de ſe poder vaſar o humor aquoſo, e rugar-ſe a cornea, quando ſe recua o canivete.

Se quando o canivete vai paſſando pela camara anterior, a uvea o vier embrulhar, o que he muito facil, particularmente tendo-ſe entornado alguma porção do humor aquoſo, o operador com a polpa do dedo mediano, que ſegurava a palpebra inferior, fará ligeiras fricções ſobre a cornea, até que a uvea ganhe a ſua ſituação natural, e ſe retire.

§. CLXI.

Como a exceſſiva mobilidade do olho póde embaraçar os Cirurgiões pouco praticos neſta operação, com prejuizo dos miſeraveis enfermos, ſou obrigado a aconſelhar-lhes o melhor ophtalmoſtat de quantos ſe tem inventado, o qual he a aſtea de Pamard, que o operador tomará na mão, com que deverá abaixar a palpebra inferior, o que neſte caſo faz hum ſegundo ajudante; e applicando a curvatura da aſtea na raiz do nariz, encoſta a ſua ponta na parte inferior, e interna do globo do olho a duas linhas diſtantes da cornea

tranſparente, cuja ponta, não muito aguda, deve ſegurar a conjunctiva, obrigando eſta membrana a formar huma eſpecie de prega, e não cravando-ſe na eſpeſſura da cornea, como aconſelhão todos os praticos (*a*). Tambem ſe póde entregar a aſtea a hum ajudante para a ſegurar em quanto o operador faz a ſecção da cornea: mas huma tal prática he arriſcada; porque não póde o operador regular a força, que ha de imprimir no canivete, contra a que o ajudante lhe oppõe, reſultando muitas vezes eſcapar o olho, ou entornar-ſe o humor aquoſo, além de ſe poder vaſar o olho, ſe o dito ajudante o comprime demaziadamente.

§. CLXII.

Quando a catarata não ſahe, a pezar de

(*a*) He deſte modo que a aſtea de Pamard cauſa menos damnos, e de modo algum ſe deve applicar a ſua ponta na cornea tranſparente, como aconſelha o ſeu inventor, e outros muitos; porque, além de não poder ſegurar o olho por meio da prega, póde ſer a cauſa de hum leucoma, que faça *inutil* a operação.

de ſe ter fendido a capſula, e de ſe fazerem as brandas compreſsões, não ſe deve ateimar, porque póde ſahir alguma porção do humor vitreo, e ficar a catarata; antes em lugar das ditas compreſsões metteremos o gancho de Wenzel ao través da pupilla, e com elle enganchando o cryſtallino, o tiraremos fóra. Se ainda aſſim offerecer alguma reſiſtencia, cumpre pegar-ſe-lhe com o gancho em cima, ou em baixo, e fazello andar de roda até o abalar, para ſe tirar como fica dito.

Havendo porém adherencias entre a capſula do cryſtallino e o iris, o que ſe conhece pela immobilidade do meſmo iris, a pezar do enfermo diſtinguir a luz das trévas, he preciſo deſtruillas, mettendo-ſe a colhér entre eſtas partes, para as deſpegar, e abalar o cryſtallino: e ſe não baſtar, as cortaremos com a ponta da faca curva, e paſſaremos a fazer as brandas compreſsões.

Se o cryſtallino ſe achar deſtacado, ou vacillante de modo, que ſe ache de-

primido, e parte da pupilla livre, em lugar das compreſsões, com as quaes ſe póde fazer ſahir o humor vitreo, lhe pegaremos logo com o gancho, para o extrahir. Sendo a catarata lacteſa, derrama-ſe nas camaras, apenas ſe fere a capſula do cryſtallino, e então as brandas compreſsões baſtão para fazer ſahir o reſto. Quando a catarata for em parte ſolida, e em parte liquida, ou toda molle, ordinariamente não ſahe inteira, e he preciſo tiralla por porções com a colhér. Algumas vezes acha-ſe o cryſtallino nadando em hum humor contido na ſua capſula, o qual opaco, conſtitue huma eſpecie de catarata, chamada do humor de Morgagny (*a*),

a

(*a*) Alguns Anatomicos duvidão da exiſtencia do humor de Morgagny, no eſtado são deſtas partes, reputando-o como huma excreção morboſa, e eu ſeu deſta opinião; mas como na prática da operação da catarata nada importa que eſta queſtão ſe dicida, não referirei aqui as provas, e ſó direi que a opacidade do corpo cryſtallino conſiſte algumas vezes em hum humor, que exiſte entre a capſula, e o humor cryſtallino.

a qual ſe póde algumas vezes preſumir, ſe a catarata he deſigualmente branca, ſe a capſula enche a camara poſterior, e ſe fórma huma eſpecie de bolſo na pupilla, acompanhado de mui pouco movimento do iris. A pezar de ſahir o humor de Morgagny, apenas ſe abre a capſula, e ficar a pupilla eſcura, e o enfermo ver, não ſe achando o humor cryſtallino opaco: com tudo devemos extrahillo; porque, rota a capſula, póde ſahir para a camara anterior, e impedir a viſta, e união da cornea, e com muita maior razão, achando-ſe alguma couſa opaco.

Não he raro achar-ſe a catarata alguma couſa offificada, ou petrificada, e não ſahir com as compreſsões, e ruptura da capſula: em taes caſos cumpre metter a ponta da faca curva na pupilla, e cortar circularmente as adherencias do corpo cryſtallino, para o deſtacar, e abalar de modo, que poſſa ſahir com as compreſsões, ou puchado pelo gancho. Se quando ſe extrahe o cryſtallino, convertido em

ca-

catarata, fica a capſula, ſeja a anterior, ſeja a poſterior, ou ambas opacas, o que conſtitue a catarata compoſta, he preciſo tirallas com o gancho, puchando-as ſuavemente para todos os lados até as deſpegar; e ſe não baſtarem eſtas diligencias, ſe cortaráõ circularmente com a ponta da faca curva de modo, que ſe não offenda o iris.

As cataratas, que não ſahem logo com as brandas compreſsões, e exigem o uſo da colhér, ou do gancho, fazem a operação mais complicada, e o ſucceſſo mais duvidoſo, não ſó porque as partes do olho ſe fatigão mais com o metter, e tirar dos inſtrumentos, e por tanto ficão mais diſpoſtas a inflammar-ſe, mas porque he raro que ſe não vaſe alguma porção do humor vitreo. Todavia bem que eſte ultimo acontecimento dê alguma imperfeição á operação; com tudo, ſe ſe não vaſa todo o vitreo, o humor aquoſo, que ſe regenera com muita brevidade, ſuppre a ſua falta, e os operados ficão vendo, ſe

al-

algum outro accidente lhes não tolhe eſta fortuna. (*a*)

Complicando-ſe a catarata com a contracção da pupilla, poucos praticos ſe atrevem a praticar a operação; com tudo não ſe deve privar o enfermo da poſſibilidade de ver, ſe o reſto do olho ſe acha em bom eſtado: e para que o córte horizontal, vertical, ou em cruz, ſe não tornem a unir, cumpre logo que o canivete entra na camara anterior, dirigir a ſua ponta ao iris, e levantar-lhe hum alçapão ſe-

(*a*) Hum acontecimento, que ás vezes tem lugar na operação da catarata, particularmente comprimindo-ſe muito o olho com os ophtalmoſtats, ou com a colhér depois da ſecção da cornea, he deſpegar-ſe o iris em alguma parte da ſua circumferencia, e ſahir o cryſtallino mais facilmente pela abertura, que reſulta. Quando iſto ſuccede, contrahe-ſe a pupilla totalmente; mas o operado fica vendo pela ruptura do iris, a qual he ordinariamente na parte inferior, e externa. Neſte caſo deve o operador alliviar as compreſsões, para evitar a ſahida do humor vitreo, e coneertar o iris com a colhér de modo, que o operado fique vendo pela nova abertura, que ſe aſſemelha á pupilla de gato.

ſemelhante em figura ao da cornea, e depois proſeguir na ſecção da dita cornea do modo ordinario. Se o alçapão do iris ficar prezo pela parte ſuperior, he miſter acabar de o cortar com huma tiſoira ao través da abertura da cornea (*a*); e no caſo de correr algum ſangue, ſe eſtancará com agua fria injectada com a ſeringa de Anel.

§. CLXIII.

Extrahida a catarata, concerta o operador o iris, e cornea com a colhér, ſólta as palpebras, volta o operado contra a luz, e lhe moſtra algumas couſas, para ſe certificar ſe a operação eſtá bem feita (*b*). Achando-ſe neſte eſtado, applica ſo-

(*a*) Neſte modo de operar leva-ſe fóra hum bocado do iris, circumſtancia muito intereſſante, porque as ſimples divisões vertical, ou horizontal unem-ſe com muita facilidade, e fica a operação inutil.

(*b*) Eſta averiguação he da ultima neceſſidade; porque acontece muitas vezes parecer a pupilla limpa, não o eſtando, e ſer ainda preciſo tirarem-ſe alguns fragmentos do humor, ou das membranas, que embaraçavão a viſta.

ſobre o olho huma camadinha de fios ſeccos, e hum chumaço de panno fino, ſuſtido com algumas voltas de atadura, que nada comprimão o globo do olho. Iſto feito, deita-ſe o enfermo na cama de coſtas, com a cabeça hum pouco elevada, e em caſa eſcura; ordena-ſe-lhe a dieta tenue, bebidas antiphlogiſticas, e alguma preparação opiada. Eſte appoſito levanta-ſe todos os dias para ſe renovar, e limpar algum humor, que ſe ajunta no angulo interno. Deſte modo ſe continúa por oito, ou dez dias, no fim dos quaes ſe deſcobre o olho, e ſe vai acoſtumando pouco a pouco á luz, até que o operado poſſa entrar no ſeu modo de vida, uſando das lunetas convexas.

Se a operação for ſeguida de dores, que annunciem inflammação, ſe ſangrará o enfermo no pé as vezes preciſas, e ſe lhe fará obſervar huma rigoroſa dieta, ordenando-ſe-lhe ao meſmo tempo os antiphlogiſticos, cliſteres, ou brandos laxantes, e topicamente bichas na circumfe-

rencia do olho, e as preparações ſaturninas, nas quaes ſe molhão os appoſitos, havendo a cautela de mover a palpebra inferior em todas as curas, para evitar que eſta levante o alçapão, o que algumas vezes acontece, reſultando a fiſtula da cornea, ou o ſtaphyloma. Muitas vezes ſegue-ſe hum derramamento de lympha, ou de materia nas camaras, ſe tem precedido inflammação, o qual dá lugar ao hypopio, ou empyeſis (aſſim ſe chama o ajuntamento de materia na camara poſterior), para cujos derramamentos empregaremos os meios propoſtos na cura do hypopio.

§. CLXIV.

Havendo catarata em ambos os olhos, ſó faremos a operação em hum; porque ſobrevindo inflammações, ou outros accidentes, que arruinem hum olho, he raro não ſe propagarem ao outro, achando-ſe tambem operado, e perderem-ſe todas as eſperanças do paciente.

Das

Das cataratas ſecundarias.

§. CLXV.

Succede algumas vezes, depois da operação da catarata, apparecerem certos corpos opacos na pupilla, que impedem mais, ou menos a viſta, ſegundo o ſeu volume. Eſtes corpos podem ſer 1.° reſtos da capſula tornada opaca, a que ſe dá o nome de catarata ſecundaria capſular: 2.° fragmentos do humor cryſtallino, chamada humoral: 3.° lympha eſpeſſa, chamada catarata mucoſa, ou lymphatica. Eſtas eſpecies de catarata remedeão-ſe tornando a fazer huma nova ſecção na cornea, depois do olho são, e uſando do gancho, ou colhér, como fica dito, ſegundo a natureza da catarata.

Em quanto ao ſtaphyloma, e fiſtula da cornea, que ſe podem ſeguir depois da operação da catarata, nos haveremos como diſſe tratando deſtas moleſtias.

Do lugar mais proprio para a ſecção da cornea.

§. CLXVI.

Deſde que ſe inventou a operação da catarata por extracção, todos os oculiſtas tem feito a ſecção da cornea horizontalmente, iſto he, ficando a parte mais convexa do alçapão para baixo. Wenzel foi, quanto eu poſſo ſaber, o primeiro que praticou a ſecção obliquamente de cima para baixo, e de fóra para dentro, ficando o apice do alçapão para fóra, e para baixo. A ſecção feita deſte modo tem as ſeguintes vantagens ſobre a horizontal, 1.ª não ſe picar com a ponta do canivete a caruncula lacrimal, a vêa angular, e o nariz: 2.ª não ſe entornar tão facilmente o humor aquoſo, em quanto ſe faz o córte, e por conſequencia haver menos riſco do iris ſe apreſentar ao canivete: 3.ª poder-ſe fazer maior abertura para a ſahida do cryſtallino: 4.ª ficar a ma-

maior parte da incisão debaixo da palpebra ſuperior, a qual obriga o alçapão a conſervar-ſe no ſeu lugar, reſultando huma união mais prompta, e menos riſco de fiſtula, e ſtaphyloma: 5.ª finalmente ſer menos franca a effusão do humor vitreo. Todavia algumas vezes acha-ſe a cornea com cicatrizes, ou nevoas na parte inferior, ou tão pequena, e o olho tão encovado, que ſe não póde fazer a ſecção obliqua, ou horizontal com a capacidade ſufficiente para ſahir o cryſtallino; e neſtes caſos ſe fará para cima de modo, que o apice do alçapão fique na parte mais alta da cornea tranſparente: para o que ſituado o enfermo, ajudante, e operador do meſmo modo, baſta ſó voltar o córte do canivete para cima, e dirigir para alli as poucas forças, com as quaes ſe faz a ſecção do modo ordinario (*a*). Poſto que

á

(*a*) O primeiro, que fallou deſta ſecção para cima, foi Pellier, e depois Wenzel, o qual a confirma por quatro obſervações favoraveis, e he para admirar que Bell não tenha noticia deſtas obſervações, que ſe achão

á primeira viſta pareça que a ſecção por cima tem algumas vantagens ; com tudo ſó nos caſos propoſtos a devemos praticar em razão da difficuldade , que ha , em metter os inſtrumentos na pupilla com o alçapão cuberto quaſi todo pela palpebra ſuperior.

Da

---

na melhor Obra , que talvez ſe tem eſcrito ſobre a catarata, quando nos diz que, ſegundo as ſuas experiencias nos animaes , julga provavel , que a ſecção para cima correſponderá melhor em todo o ſentido, do que as outras até aqui propoſtas; mas que, não a tendo praticado no corpo humano , não póde fallar decididamente ſobre ella , e ſómente a propõe como huma inſinuação para a futura obſervação. O meſmo Author, achando que o cryſtallino tem muita difficuldade em ſahir pela pupilla , e que a dilatação deſte orificio, ou a ſua laceração he a cauſa dos graves accidentes, que ſe ſeguem muitas vezes a eſta operação, propõe que ſe faça a ſecção na ſclerotica, mettendo-ſe a ponta do canivete na parte ſuperior do olho , por detrás da cornea tranſparente , a decima parte de huma pollegada. Eſta operação , que vem a ſer huma combinação da depreſsão, e extracção, he hum penſamento de Bell ; mas até hoje ninguem praticou tal operação , excepto o meſmo Bell nos animaes. O que ella poderá ſer , deverá calcular-ſe pelos reſultados da depreſsão augmentada humas poucas de vezes.

Da comparação da depreſsão, e extracção.

§. CLXVII.

Os ſectarios da depreſsão allegão contra a extracção os ſtaphylomas, as dores, a ſahida do corpo vitreo, a irregularidade da pupilla, a cicatriz da cornea, que impede a viſta, a contracção da pupilla, o córte do iris, as cataratas ſecundarias, e as inflammações. He verdade que a tudo iſto he ſujeita a extracção; mas eſta operação he praticavel em toda a eſpecie de catarata, e póde aproveitar quaſi ſempre, como a experiencia tem moſtrado, quando he feita debaixo dos preceitos, e pelo methodo, que eu adopto, iſto he, fazendo-ſe a ſecção obliqua de cima para baixo, por cujo methodo ſe evita o ſtaphyloma, a fiſtula, e a ſahida do corpo vitreo, do qual ainda que ſe entorne alguma parte, não faz falta, porque o ſuppre o humor aquoſo. E quanto aos defeitos do iris, tenho moſtrado que,

qua-

quaeſquer que elles ſejão, ſe remedeão mui bem, ſem que o enfermo perca a viſta. Pelo que reſpeita á dor, e inflammação, eſtou perſuadido com todos os praticos, que huma e outra operação póde ſer ſeguida deſtes ſymptomas; mas a depreſsão mais, porque nella ſe ferem partes muito mais ſenſiveis. O leucoma, ou cicatriz não impede a viſta, fazendo-ſe a operação como fica dito. As cataratas ſecundarias podem vir igualmente depois da extracção, e da depreſsão, e depois deſta ultima mais; porque o cryſtallino, que fica no olho, muitas vezes ſóbe, e vem atraveſſar-ſe por detrás da pupilla, ou na camara anterior, e impede a viſta.

O que porém dá toda a preferencia á extracção, he o maior numero de vezes, que eſta operação produz o fim de reſtituir a viſta aos enfermos, fim, do qual hoje ninguem duvída, confirmado pela obſervação, e ſeguintes defeitos da depreſsão, 1.° poder a catarata ſubir depois de abatida, e ficar a operação inutil, ou pe-

pelo menos ſer preciſo repetir-ſe : 2.° achar-ſe a catarata molle, ou liquida, e, rota a capſula, eſpalhar-ſe pelo humor aquoſo, deixando o enfermo cego como d'antes : e poſto que Pott, e outros aſſeverem, que o dito humor he abſorvido, e o cryſtallino, ou ſeus fragmentos ſe desfazem ; com tudo eſtes milagres, que ſuccedem mui poucas vezes, devem fazer abrir mão deſta operação. Os antigos, que não conhecião outra, ſó a aconſelhavão quando a catarata era ſolida, ao que elles chamavão madura, e as que ſe não achavão neſta circumſtancia erão irremediaveis: 3.° finalmente achar-ſe a capſula anterior, ou poſterior opaca, a qual he impoſſivel deprimir-ſe com a agulha, a pezar de toda a diligencia, como recommenda Bell ; e por tanto em taes caſos de nada vale a operação.

CAPITULO IX.

Das moleſtias de todo o globo do olho em geral.

§. CLXVIII.

Do ſtrabiſmo.

O Strabiſmo he a inclinação do globo do olho para dentro, ou para fóra, para cima, ou para baixo, fugindo da direcção recta, em que deve eſtar com o objecto. As peſſoas, nas quaes ſe conhece eſta diſpoſição, ſe chamão veſgas, ou tortas, e o podem ſer de hum olho, ou de ambos ao meſmo tempo. As cauſas deſta moleſtia são, 1.° o coſtume, em que põe as crianças, de mammarem, ou jazerem no berço de modo, que a luz lhe venha aos olhos com obliquidade: 2.° paralyſia, ou eſpaſmo de algum dos quatro muſculos rectos do olho: 3.° a epilepſia, na qual os olhos participão das contracções,

e

e eſpaſmos, que atacão todo o corpo, e muitas vezes ficão os olhos enveſgados depois de ceſſarem os paroxiſmos, particularmente nas crianças: 4.° tumores entre o globo do olho e a orbita, que o fazem afaſtar da ſua propria ſituação: 5.° finalmente a debilidade, ou fraqueza de viſta em algum dos olhos, por effeito da qual o enfermo buſca eſconder o olho fraco debaixo da ſombra do nariz, para que a viſta do outro não ſeja confuſa. (*a*)

Quando o ſtrabiſmo vem em conſequencia de máo coſtume, póde remediarſe, 1.° obrigando a criança a outra ſitua-

(*a*) Tem-ſe penſado, que a impreſsão dos objectos na raça humana, feita ao meſmo tempo em ambos os olhos, apreſentava ao ſenſorio commum huma ſó imagem, e tem-ſe trabalhado muito em explicar eſte phenomeno. Porém hoje he materia de facto, provada por muitas obſervações, que a pezar de ambos os olhos ſe dirigirem a hum objecto, ſó por hum delles he tranſmittida ao ſenſorio a ſua imagem, e que os olhos ſe revezão hum ao outro tão rapidamente, que ſe não póde notar interrupção entre o ſeu exercicio, recebendo-ſe no dito ſenſorio a impreſsão daquelle olho, que ſe ageita mais com o objecto.

ção, na qual ambos os olhos gozem de igual luz: 2.° fazendo-a olhar attentamente para hum eſpelho algumas horas do dia: 3.° pôr-lhe antolhos com huns pequenos buracos no meio, pelos quaes entre a luz, que deve enfiar as pupillas: 4.° finalmente tapar-lhe hum olho, e pôr-lhe hum final na parte oppoſta á inclinação, para obrigar o olho veſgo, buſcando o dito final, a fazer movimentos contrarios aos do coſtume. Porém ſe o ſtrabiſmo depender de fraqueza em algum dos olhos, cumpre tapar-ſe o olho são, para o enfraquecer por falta da luz, e deixar o fraco incumbido de todo o trabalho, para ſe fortalecer. Deſte modo ſe equilibrão, e perde-ſe ordinariamente o geito.

O ſtrabiſmo, que vem por paralyſia, ou eſpaſmo dos muſculos do olho, póde remediar-ſe com vapores, e fumentações tonicas, e anti-eſpaſmodicas, e com a electricidade: conſtitucionalmente com tonicos, como quina, ferro, emeticos, arnica, veſicatorios, &c. O que for cauſado

por

por tumores, he preciſo reſolvellos, fazellos ſuppurar, ou extirpallos, ſegundo a ſua natureza. Porém ſe o ſtrabiſmo for effeito de affecções nervoſas, ou moleſtias com o ſeu aſſento em outras partes, como lombrigas, hyſteriſmos, hydro-cephalo, &c., não ſe póde curar ſem ſe remediarem as ditas moleſtias.

Da myopia.

§. CLXIX.

A myopia, ou viſta curta, he huma moleſtia, que priva os ſugeitos de verem os objectos diſtantes, e muitas vezes he tal, que ſó os podem deſcubrir bem na diſtancia de tres até vinte pollegadas. As cauſas da myopia são, 1.° a demaziada convexidade do globo do olho, e particularmente do cryſtallino, da qual reſulta ajuntarem-ſe os raios viſuaes antes da retina. A conformação vicioſa, e aſſiduas applicações, podem ſer a cauſa da dita convexidade: 2.° as maiores diſtancias,

que

que ha entre a cornea e cryſtallino, e entre eſte e a retina, cauſadas por muitas moleſtias, que podem atacar eſtas partes, e reduzillas ás meſmas circumſtancias, iſte he, afaſtallas, ou tornallas mais convexas, como enfartos, hydrophtalmias, buphtalmias, &c. A myopia cauſada por conformação vicioſa, como acontece em algumas crianças, por aſſidua applicação, não ſe remedea, mas emenda-ſe com as lentes concavas, proporcionadas ao gráo da myopia: porém a que procede das moleſtias, que diſſe, ſó ſe póde remediar curando-ſe as ditas moleſtias.

Da presbyopia.

§. CLXX.

A presbyopia, ou ver ao longe, he hum defeito da viſta, que depende do eſtado mais achatado do globo do olho, ou de alguma das ſuas partes, como cornea, e cryſtallino, ou tambem da menor denſidade dos humores, e da maior proximi-

da-

dade do cryſtallino á cornea, ou retina, reſultando o não ſe ajuntarem os raios viſuaes, para formarem o foco ſobre a meſma retina. A má conformação do olho, e a velhice, são as cauſas mais triviaes deſte defeito, e em geral tudo o que produzir a magreza do olho, ou liquidação dos humores. A presbyopia por cauſa da idade, ou vicio de conformação, na qual ſe não deſcobrem perfeitamente os objectos na proximidade de dous, ou tres pés, remedea-ſe com as lentes convexas naquelle gráo, que convier ao eſtado do olho; e a que depender do eſtado morboſo, exige os remedios apropriados á moleſtia, ou moleſtias, que lhe ſervem de cauſa.

Da deslocação do olho.

§. CLXXI.

A deslocação do olho, ou ophtalmoptoſis, he a ſahida completa, ou incompleta do globo do olho da cavidade, ou foſſa orbitaria. As violentas pancadas

na

na cabeça, ou olhos, e tumores formados por detrás do glogo, são as cauſas da deslocação deſtes orgãos. No primeiro caſo o nervo optico diſtendido faz perder a viſta; mas a experiencia tem moſtrado, que a repoſição do olho no ſeu lugar a reſtitue outra vez: pelo que não deve o Cirurgião perder tempo em praticar a dita repoſição, fazendo por meio dos dedos, ou chumaços de panno fino molhados em agua fria as compreſsões preciſas no globo, para o conduzir ao ſeu lugar. E ſe eſtas diligencias forem baldadas, por effeito de congeſtões de ſangue, ou algum corpo eſtranho, que occupe o lugar do globo, cumpre dar-ſe ſahida ao ſangue por meio de alguma, ou algumas incisões, ou tirar-ſe o corpo eſtranho antes de ſe tentar a reducção. Se por effeito de demora o olho ſe achar tão ſenſivel, que o paciente não poſſa ſupportar as compreſsões, he preciſo ſangrar conſtitucional, e topicamente por meio de eſcarificações, ou bichas, adietar o enfer-

fermo, e uſar de topicos emollientes, e tonicos, ſegundo o gráo de ſenſibilidade, ſuſtidos com algumas voltas de atadura moderadamente apertadas: e ſe nada diſto baſtar para o globo tornar ao ſeu lugar, incommodando muito o enfermo pela grande inflammação, dores, ſuppurações, e ulcerações, que fazem perder a viſta, teremos recurſo á extirpação, ou ruptura das membranas, para que, vaſado o olho, ou extirpado, ſegundo melhor convier, ſe alliviem os ſymptomas de tal deſaſtre, e ſe poſsão applicar os olhos artificiaes. No ſegundo caſo, iſto he, ſahindo o globo do olho por cauſa de tumores formados entre eſte orgão, e a orbita, tentaremos a reſolução, ou ſuppuração com os remedios geraes, e topicos, que convierem á natureza, e eſtado do tumor; e não ſe podendo conſeguir qualquer deſtes fins, ou o enfermo perder a viſta, como he commum, ou ſentir os terriveis ſymptomas da deslocação por taes cauſas, praticaremos a extirpação do

tumor, ſem tocar no globo, ſendo poſſivel, ou extirparemos o globo, e tumor, unico recurſo, que ha em taes circumſtancias. (*a*)

Da extirpação do olho.

§. CLXXII.

Não ſó os motivos apontados no §. antecedente obrigão a extirpar o olho, mas o eſtado cancroſo deſte orgão, cauſado por ophtalmias, ſtaphylomas, ulceras, excreſcencias, tumores ſcirroſos, ſuppurações interiores, &c., cujas moleſtias, encontrando diſpoſição local, ou conſtitucional, e meſmo irritando-ſe com os topicos eſtimulantes, e particularmente com os cauſticos, tomão facilmente o caracter cancroſo. E como eſte mal, huma vez deſenvolvido, não tem outro remedio ſenão

(*a*) Se o olho ſe deslocar parcialmente por cauſa de hydrophtalmia, buphtalmia, paralyſia dos muſculos, &c., empregaremos os meios propoſtos na cura deſtas moleſtias.

não a extirpação, cumpre praticar-ſe o mais cedo que for poſſivel, para ſe poupar huma vida, ainda que á cuſta de huma grande deformidade. Para ſe praticar a extirpação, eſgotados debalde todos os meios, e remedios para a conſervação do olho, ſe ſitua o paciente como na operação da catarata. Hum ajudante ſegura a cabeça, levantando ao meſmo tempo a palpebra ſuperior; e o operadór, abaixando a inferior, córta com hum biſturi ordinario a conjunctiva, mettendo a ponta deſte inſtrumento entre a palpebra inferior, e o globo do olho no angulo externo, e acabando no interno, cortando ao meſmo tempo o muſculo pequeno obliquo. Eſta incisão, de figura ſemi-lunar por baixo do globo do olho, he ſeguida de outra praticada do meſmo modo entre o dito globo, e palpebra ſuperior, cortando tambem o grande obliquo. Desligado o globo do olho das prizões, que o cércão, cortão-ſe as que o ligão ao fundo da orbita, que são os quatro muſculos

rectos, e o nervo optico, o que ſe faz com huma tiſoira curva pela parte chata, e de pontas rombas, mettendo-ſe com a concavidade voltada para o globo do olho, o qual deve eſtar ſeguro, durante eſte ſegundo tempo da operação, por meio do tenaculo, ou de huma tira de panno, que ſe deita ao redor da ſua parte poſterior, e as pontas cruzadas ſervem de aza. Extirpado o olho, laqueão-ſe alguns vaſos, que dão ſangue, por meio do tenaculo, quando eſtes vaſos ſe achão na entrada da orbita; porque os do fundo deſta cavidade não ſe podem laquear, mas huma formação com fios ſeccos, ſuſtidos com chumaços, e algumas voltas de atadura, baſta para eſtancar o ſangue, e fazer a primeira cura, que ſe conſervará ſete, ou oito dias, depois dos quaes ſe ſeguirá a cura como nas ulceras ſimples (*a*). Se as pal-

(*a*) Bartish foi o primeiro, que fallou deſta operação, em hum Tratado de moleſtias dos olhos, publicado em 1553, no qual propõe hum inſtrumento em fórma de colhér com as margens cortantes para ſe

palpebras, ou alguma parte dellas, participa do vicio do olho, cumpre extirpallas, ou ſó a parte morboſa, cortando-ſe ao través da ſua eſpeſſura o que for preciſo, para deixar tudo no são. O meſmo ſe praticará no globo do olho, ſe não houver o receio de que o mal lavre, e ſe puder poupar alguma porção delle, para ficar menor deformidade.

Dos olhos artificiaes.

§. CLXXIII.

Quando o globo do olho perde o ſeu volume, vaſando-ſe os humores por

cau-

praticar a extirpação. Fabricio de Hildano aconſelha huma faca curva com hum botão na ponta, para ſe cortarem as partes, que ligão o globo ao fundo da orbita, e huma bolſa, em que ſe mette o dito globo, apertando-ſe os cordões por detrás delle, para o ſegurar, e puchar para fóra. Tambem ſe tem ſegurado o globo com huma aza de dous fios paſſados com huma agulha curva ao través do globo do olho. Porém todos eſtes meios são muito doloroſos, e deſneceſſarios, porque o tenaculo enche melhor o fim de ſegurar o globo.

cauſa de huma ferida, de hum abſceſſo, bexigas, ſtaphylomas, ou ſe extirpa por qualquer operação cirurgica, ſuppre-ſe a ſua falta, em quanto á deformidade, com o olho artificial, o qual conſiſte em huma lamina de vidro, prata, ou ouro, concava pela face interna, convexa pela externa, e eſta ultima pintada exactamente com as meſmas cores, que tem a cornea, e iris do lado são, e eſmaltada, cuja lamina deve correſponder em dimensões ao lugar, onde ſe encaixa, de modo que não vacille, para não cahir, nem fique muito apertada, para não cauſar inflammações. Para ſe ſituar, levanta-ſe a palpebra ſuperior, e mette-ſe a lamina entre o reſto do globo e eſta palpebra, e depois ſe faz o meſmo pela parte de baixo, afaſtando-ſe a palpebra inferior. Quando não houver reſtos do globo do olho, ou carnes granuladas, que enchão o fundo da orbita, e ſirvão de apoio á lamina, terá eſta maior circumferencia, para ſe ſegurar nas paredes da meſma orbita. Todas as noites de-

ve o paciente tirar o olho artificial, para o alimpar, e livrar as partes da impreſsão aturada de hum corpo eſtranho, todo o tempo, que dorme; e ſe houver inflammação, ou ulceração, não ſe deve uſar delle em quanto ſe não remedeão eſtes inconvenientes; porque facilmente ſe póde propagar o eſtimulo ao outro olho. (*a*)

CAPITULO X.

Das moleſtias dos ouvidos, que pedem operações.

§. CLXXIV.

Das feridas das orelhas.

AS feridas das orelhas podem unir-ſe por primeira intenção, ainda quando as porções ſeparadas ſe pégão por bem

(*a*) Tambem ſe tem uſado de globos á maneira do globo do olho perdido: porém o demaziado pezo os faz inſupportaveis, e pouco ſeguros no lugar, que devem occupar. Entre todas as ſubſtancias propoſtas para ſe fazerem os olhos artificiaes, a melhor he o ouro, em razão de não quebrar, e conſervar muito o eſmalte.

bem pouca continuação de ſubſtancia. A coſtura verdadeira tem ſido o meio empregado para unir taes feridas; e ſendo a parte, em que as coſturas são menos perigoſas, todavia são deſneceſſarias; pois que, havendo o craneo para apoio, ſe podem praticar ligaduras contentivas, e unitivas, depois de chegadas as paredes da ferida, com pontos falſos, e depois de cheios os vaſios, que ha entre a orelha, e a cabeça, com fios ſeccos.

Dos abſceſſos das orelhas.

§. CLXXV.

Os abſceſſos das orelhas tem o ſeu aſſento mais commummente junto á cartilagem ante-tragus no appendice, e por detrás da meſma orelha. Eſtes ultimos nada exigem de particular, ſenão o abrirem-ſe mais cedo; porque a materia demorada deſcobre com facilidade os oſſos.

Da

Da perfuração das orelhas.

§. CLXXVI.

A perfuração das orelhas pratica-ſe ordinariamente para ſe adornarem com brincos, e algumas vezes para derivar, como ſedenho, as fluxões dos olhos, e dos ouvidos. O lugar, onde ſe pratica eſta operação, he na parte média, e ſuperior do appendice: para o que, preparada huma agulha recta, e groſſa com hum cordão de retroz encerado, ſitua o operador os dedos indicador, e mediano da mão eſquerda por detrás do appendice, e o pollegar por diante; e tomando na direita a agulha, penetra o appendice no lugar marcado, e deixa ficar hum bocado de cordão, que ata pelas pontas, formando huma aza. Feito iſto de hum lado, faz o meſmo do outro; e paſſados dias, nos quaes ſe vai puxando o cordão, ſe tira, e ſe ſubſtitue com argolas de ouro, que acabão de callejar os buracos.

Se pelo pezo dos brincos, ou outra qualquer cauſa ſe raſgar o appendice, em lugar de hum novo buraco cortaremos as bordas calloſas da divisão, e as uniremos com a coſtura ſecca, deixando na parte mais alta hum pequeno eſpaço por unir, paſſando-ſe-lhe hum cordão.

Da imperfuração do conducto auditivo.

§. CLXXVII.

Algumas crianças naſcem com o conducto auditivo tapado: e ſe eſte vicio de conformação ataca ambos os ouvidos, ſeguem ſe a ſurdez, e a mudez. Quando a imperfuração depende de huma membrana delgada, e ſituada na entrada do ouvido, he facil de conhecer, e de remediar, fazendo-ſe huma incisão crucial com a ponta de hum biſturi; e conſervando-ſe os angulos, que reſultão, afaſtados por meio de hum cylindro de panno, ou velinha, untados em alguma pomada, ou oleo. Porém ſe a membrana he groſſa, ou ſituada

mui

mui profundamente, o que ſe infere da mudez, e ſurdez, e ſe confirma examinando-ſe o ouvido aos raios do ſol, puxando-ſe a orelha para cima, então he mais difficultoſo remediar-ſe o mal, pela proximidade da membrana do tympano, e tambem pela poſſibilidade de ſe deſtruir. Alguns praticos neſtas circumſtancias aconſelhão os cauſticos: porém eſte meio he muito incerto, e arriſcado, pelas inflammações, que ſe ſeguem, as quaes ſe podem communicar aos orgãos internos; pelo que preferiremos a incisão como fica dito, feita com a ponta de hum biſturi, enrolado em huma tira de panno até huma linha diſtante da ponta. (*a*)

(*a*) Eu eſtou perſuadido de que a deſtruição da membrana do tympano com o canivete he menos arriſcada, do que com o cauſtico; porque, ainda que ſe rompa, não ſe perde de todo o ouvido, como tenho muitas vezes obſervado: pelo contrario ſuccederá com o cauſtico, o qual, deſtruindo a membrana do tympano, não poupa os orgãos internos, que ſe ligão com ella.

Da obſtrucção do conducto auditivo.

§. CLXXVIII.

O conducto auditivo póde achar-ſe obſtruido, 1.° por huma conformação vicioſa; 2.° por tumores chronicos, ou agudos: 3.° por excreſcencias: 4.° finalmente por corpos eſtranhos: e da obſtrucção por qualquer deſtas cauſas reſulta maior, ou menor perda de ouvido.

Da conformação vicioſa.

§. CLXXIX.

Se a conformação vicioſa conſiſte no aperto do conducto oſſudo, he irremediavel; mas ſe depende da eſpeſſura das membranas, que o forrão, póde alargar-ſe, e meſmo augmentar-ſe a percepção dos ſons, por meio de huma canula de ouro, ou prata ajuſtada ao conducto, em cujo extremo exterior ha huma concha, ou funil, para ajuntar maior copia de raios ſo-

ſonoros. Algumas vezes a continuação deſta canula reduz as paredes do conducto á ſua groſſura natural, o que nós ajudaremos com ſeringatorios adſtringentes.

Dos tumores.

§. CLXXX.

Os tumores chronicos nada differem dos das outras partes; e quando ſe podem extirpar com as tiſoiras, ou canivete, he o melhor methodo de cura; mas ſe a extirpação he impraticavel, por ſe acharem muito profundos, fica o recurſo de ſe tocarem com os cauſticos, o que faremos ao través de huma canula, para defenſa das outras partes, e particularmente da membrana do tympano. Os agudos são congeſtões inflammatorias, cauſadas por pancadas, corpos eſtranhos, golpes de ar frio, ou outra qualquer irritação, ſeguindo-ſe dores grandes, febre, dores de cabeça, e algumas vezes delirios, ou doudice. A gravidade deſtes ſympto-

ptomas pede não ſó os remedios locaes, como ſangrias topicas por meio de bichas, vapores, cataplaſmas, e ſeringatorios emollientes, mettendo-ſe no ouvido fios molhados neſtes remedios, mas tambem remedios conſtitucionaes, como ſangrias, purgantes, diluentes, dieta, opiados, &c.; e ſe a inflammação for á ſuppuração, cumpre abrir o abſceſſo com a ponta da lanceta, ou biſturi, o mais cedo que for poſſivel, e curar a ulcera do modo ordinario.

Das excreſcencias.

§. CLXXXI.

Não ſó em conſequencia das ſuppurações vem excreſcencias ao conducto auditivo, mas naſcem alli, do meſmo modo que na membrana pituitaria, verrugas, polypos, e outras excreſcencias, as quaes ſe devem cortar bem rentes com as tiſoiras, ou biſturi, tocando-ſe as raizes com

com o nitrato de prata, e depois cicatrizando-se com aguas deseccantes. (*a*)

Dos corpos estranhos.

§. CLXXXII.

Os corpos estranhos no conducto auditivo podem ir de fóra, como terra, pedrinhas, ervilhas, feijões, milho, caroços de ginjas, de cereijas, moscas, pulgas, &c., ou crearem-se no mesmo conducto, como porções de cera endurecida, materia espessa, coalhos de sangue, &c. A informação do paciente, ou pessoas, que lidão com elle, e o exame, que fazemos no ouvido com a vista, e tentas, bastão para nos fazerem conhecer a existencia dos corpos estranhos, e a sua natureza. Os corpos molles, como terra, cera endurecida, materia espessa, ou coalhos de

(*a*) Muitos praticos fallão na laqueação destas excrescencias, como a que se pratica nos polypos do nariz: porém a extirpação he mais prompta, mais facil, e mais segura.

de ſangue, tirão-ſe com huma pequena colhér, e com lavagens por meio de ſeringatorios de agua fria, ou morna, agua de ſabão, licores eſpirituoſos, e meſmo com cozimentos emollientes, ſe ha dores. Os inſectos, não ſendo muito pequenos, como pulgas, que ſe poſſa pegar nelles com as pinças, ſe extrahiráõ com eſtes inſtrumentos; porém não ſe lhes podendo pegar, deitaremos no ouvido ſaliva, agua, ou algum oleo, como o de amendoas doces, de terebinthina, azeite, &c., com os quaes morrem os inſectos, e ſahem, voltando-ſe o ouvido para baixo, ou fazendo-ſe-lhe alguns ſeringatorios. Tambem ſe podem tirar com hum pincel de fios, ou hum bocadinho de eſponja preza na ponta de hum eſtilete. Os corpos duros exigem huma prompta extracção, particularmente os que inchão, como legumes, bocados de páo, &c. O primeiro inſtrumento, que lembra, são as pinças; e ſe eſtas, que devem ſer mais delicadas, do que as ordinarias, podem pegar bem

nos

nos ditos corpos, são preferiveis, mas poucas vezes produzem o fim, que se deseja; e os Cirurgiões teimando, e mesmo não tendo promptos outros instrumentos, fazem mais mal, do que bem, não só enterrando mais os ditos corpos, mas magoando o ouvido ao ponto de ser insupportavel qualquer outra diligencia: pelo que, bem longe de teimarmos com as pinças, nos serviremos de huma, ou duas tentas rombas, e farpadas como as agulhas de fazer meia, as quaes dando-se-lhes huma ligeira curvatura na ponta, e mettidas entre o conducto e o corpo estranho, o extrahem com muita facilidade, puxando-se alguma cousa para fóra, e fazendo-se sempre o ponto de apoio no dito conducto (*a*). Quando as tentas escapão, e não podem tirar o corpo estranho, as

(*a*) Muitas vezes tenho tirado ervilhas, feijões, gráos de milho, caroços de cereijas, &c., sem me ser preciso mais do que huma destas tentas; mas, quando huma não basta, aproveitão as duas situadas em pontos oppostos.

enfiaremos depois de ſituadas em hum canudinho de prata, ou lata, proporcionado á groſſura das duas tentas, e achatado, o qual, correndo-ſe o mais proximo do corpo eſtranho, aperta as tentas contra elle, e então, puxando-ſe tudo junto para fóra, ſe extrahe com muita facilidade. Se os corpos eſtranhos forem de natureza de amollecerem, e incharem, como são os legumes, que as crianças com frequencia mettem nos ouvidos, podem enganchar-ſe com pequenos ganchos agudos, e tirar-ſe com mais facilidade, do que com as tentas. Achando-ſe o ouvido mui dorido, inflammado, e inchado de modo, que ſe não deſcubrão bem os corpos eſtranhos, e os pacientes não conſintão operação alguma, teremos recurſo aos remedios topicos, e conſtitucionaes apontados (CLXXX), e, depois de paſſada a inflammação, tentaremos a extracção.

Da

Da otalgia.

§. CLXXXIII.

Dá-se o nome de otalgia á dor de ouvidos, particularmente á que se sente no conducto auditivo. Esta dor procede de muitas causas, como corpos estranhos no conducto auditivo, inflammações não só neste conducto, mas na orelha externa, nas cavidades da interna, e nas fauces, fluxões catarrosas, rheumaticas, escrofulosas, venereas, &c., e finalmente consenso propagado pelos nervos, como se vê nas dores de dentes, prenhez, males do estomago, &c.

Para se curar a otalgia, cumpre remover as causas, como fica dito nos §§. antecedentes; e sendo procedida de fluxões, derivallas com purgantes, vesicatorios na nuca, nas espadoas, ou atrás das orelhas, e com fontes nos braços, ou sedenho na nuca. Havendo alguma disposição, ou vicio constitucional, se usará dos re-

remedios convenientes, e topicamente ſe empregaráõ os emollientes, anodinos, e ſedativos em vapores, lavagens, ſeringatorios, méchas molhadas, &c. Se proceder de inflammação, chagas, polypos nas fauces (*a*), ou conſenſo de nervos, he preciſo remediar eſtas moleſtias, ſem o que são baldados todos os remedios applicados topicamente.

Da ſurdeza.

§. CLXXXIV.

Todas as moleſtias, de que tenho fallado nos §§. antecedentes, são acompanhadas commummente de maior, ou menor gráo de ſurdeza. Se os pacientes ouvem menos, do que no eſtado são do or-

(*a*) Alguns tem pertendido deſobſtruir, e curar a dor de ouvidos, mettendo huma tenta, ou fazendo ſeringatorios pela trompa euſtachiana: mas nem huma, nem outra couſa ſe póde fazer facilmente, ainda com baſtantes conhecimentos anatomicos, além de ſer inſupportavel a introducção de qualquer corpo na trompa.

orgão do ouvido, chama-ſe eſte gráo de ſurdeza hypocophoſis: e ſe nada ouvem, chama-ſe cophoſis. A ſurdeza, que vem por cauſa deſtas moleſtias, céde ordinariamente ao curativo dellas, aſſim como tambem a que ſe ſegue á relaxação, tenſão, eſpeſſura, ou ligeiras inflammações da membrana do tympano, do perioſſio, que forra as cavidades internas, e as pequenas indiſpoſições de qualquer parte das que compõe o orgão do ouvido, empregando-ſe os remedios apontados (CLXXX). Porém a que vem em conſequencia da deſtruição total da membrana do tympano, de ſuppurações internas, de carias nos oſſinhos, paralyſia dos muſculos, que lhes pertencem, ou eſtupor dos nervos auditivos, he ordinariamente irremediavel. Com tudo não devemos abandonar o paciente á ſua triſte ſorte; porque algumas vezes tem produzido bons effeitos as ſangrias topicas, os veſicatorios, as injecções adſtringentes, ou tonicas, as fontes, o ſedenho, os remedios

pro-

proprios para qualquer diſpoſição, ou vicio conſtitucional, &c., e finalmente a electricidade. As peſſoas, que ſoffrem alguma moleſtia aguda, epilepſia, ou tem os nervos muito irritaveis por qualquer outra indiſpoſição, ſentem no ouvido os ſons, que a outra gente não percebe, e qualquer eſtrondo lhe fere o ouvido ao ponto de lhes cauſar dores de cabeça, e outros ſymptomas, que não podem ſupportar. Eſta agudeza de ouvido, chamada oxyccoya, remedea-ſe com a cura das moleſtias, que lhe ſervem de cauſa; mas em quanto dura, póde moderar-ſe, enchendo-ſe o ouvido de fios molhados em leite, cozimento emolliente, ou oleos, e pondo-ſe os pés do leito ſobre colchões. O ouvido póde viciar-ſe ainda de muitos modos, fazendo perceber ſons, que não exiſtem, como éco, ſuſurro, zunido, bulha de ſinos, ou couſas ſemelhantes, vicios, a que em geral pertence o nome de paracuſis, e que ſe remedeão algumas vezes com emeticos, ſangrias geraes, e lo-

locaes, veſicatorios, derivantes de eſtimulos, e de humores, quando ha muita robuſtez, e com os tonicos, havendo debilidade, como quina, ferro, banhos frios, &c.

Da purgação do ouvido.

§. CLXXXV.

O púz, ou humor ſemelhante, que corre dos ouvidos, póde ſer o reſultado de huma inflammação ſuppurada na caxa, nas cellulas do proceſſo maſtoideo, ou no conducto auditivo, ou ſó de hum eſtimulo, que promove o filtro abundante das glandulas deſte conducto, excitado por fluxões catarroſas, eſcrofuloſas, venereas, bexigoſas, &c., cujas fluxões eſcorião, inflammão, e deſtroem algumas vezes a membrana do tympano, e causão a ſurdeza.

Tambem as pancadas na cabeça, as moleſtias agudas, e algumas excreções ſupprimidas, produzem a purgação dos ou-

ouvidos, ás quaes são muito ſujeitas as crianças. Muitos praticos tem repugnancia em ſeccarem eſtas purgações, ſuppondo-as uteis á conſtituição, e a ſua ſuppreſsão muito perigoſa. Todavia a continuação deſta moleſtia póde ſer ſeguida da perda do ouvido, de males graviſſimos da cabeça, e meſmo da morte, ſe ſe não atalhão os ſeus effeitos: pelo que, deſtruidas as cauſas, e derivado o humor para outra parte por meio de purgantes, veſicatorios, fontes, ou ſedenho, nenhum perigo póde haver de ſe ſeccar com injecções adſtringentes, tonicas, e eſpirituoſas, vapores, ou fumigações da meſma natureza, e finalmente com méchas molhadas nos remedios, que parecerem mais convenientes. Se a materia formada nas cellulas do proceſſo maſtoideo, annunciada por huma dor pulſante, febre, e mais ſymptomas da ſuppuração, cauſar a inflammação externa, e abſceſſo por detrás da orelha, o abriremos, e com o trepano perfurador, ou goivas, e faremos hum bu-

buraco no oſſo até chegar ás cellulas, para por eſte ſe remediar com injecções apropriadas ao eſtrago da caixa, ou tympano, e ſe evitarem os damnos, que podem reſultar aos orgãos incluidos na cavidade do craneo.

CAPITULO XI.

Do aneuriſma.

§. CLXXXVI.

CHama-ſe aneuriſma hum tumor de ſangue arterial, em conſequencia da dilatação, ou ruptura das tunicas das arterias, o que o faz diſtinguir em verdadeiro, e falſo.

Do aneuriſma verdadeiro.

§. CLXXXVII.

O aneuriſma verdadeiro he aquelle, em que o ſangue ſe contém dentro de

hum ſaco formado pela dilatação das tunicas da arteria. (*a*)

Sinaes.

Conhece-ſe 1.° pelo lugar, que ſerá ſempre proximo a alguma arteria: 2.° pela indolencia, e eſtado natural da pelle, que

(*a*) Poſto que a maior parte dos AA., que tem tratado deſta materia, digão que a arteria ſe dilata, formando huma cavidade oblonga, redonda, ou hum bolſo com entrada larga; todavia quantos aneuriſmas tenho defeccado, todos conſiſtião em hum ſaco maior, ou menor, continuado com a arteria, de que naſcia, por hum peſcoço, ou pé muito mais delgado, do que o tronco arterial: do que concluo, que o aneuriſma verdadeiro principia por hum ponto de dilatação, em conſequencia da fraqueza das tunicas, que cédem ao impulſo do ſangue; e tanto iſto he aſſim, que nós obſervamos, que o aneuriſma creſce muito mais para aquella parte, em que o ſangue, ſeguindo a tangente, imprime maior impulſo na parede do ſaco. Daqui vem, que os lugares, onde as arterias ſe curvão, como na croſſa da aorta, na poplitea, dobrada a perna, &c., são mais ſujeitos aos aneuriſmas verdadeiros, os quaes ſe chamão tambem encyſtados, denominação eſcuſada; porque a palavra encyſtado não dá melhor idéa da moleſtia.

que o cobre, excepto ſendo muito grande; porque então cauſa dores, e a pelle faz-ſe avermelhada, roxa, ou denegrida: 3.° pela figura redonda, ou oblonga, a qual perde algumas vezes, fazendo-ſe muito irregular, principalmente creſcendo muito: 4.° pela pulſação, que he o maior caracteriſtico, particularmente ſendo igual em todos os pontos do tumor, o que acontece no principio, em quanto os coalhos de ſangue, ou camadas de lympha coagulavel não engroſsão muito o ſaco, e eſcondem o impulſo do ſangue (*a*):

(*a*) Quando a pulſação ſe perde na maior parte do tumor, por ſe endurecer, ficão mais confuſos os aneuriſmas: todavia o progreſſo vagaroſo da moleſtia, a lembrança das cauſas, a ſituação, e mais circumſtancias apontadas neſte §., e a falta dos ſinaes, e ſymptomas dos tumores agudos, e chronicos, formados nos lugares, onde paſsão as arterias, particularmente no peſcoço, baſtão para nos fazer diſtinguir huns dos outros, ou ao menos obrigar a ter as cautelas preciſas, para não arriſcarmos a noſſa reputação, e a vida dos enfermos, tomando os aneuriſmas por abſceſſos chronicos, ou agudos, e eſtes por aneuriſmas, como muitas vezes tem acontecido.

5.° pela reducção do tumor acompanhada algumas vezes de murmurio, quando ſe comprime: 6.° finalmente pela facilidade, com que torna ao ſeu antigo eſtado, ceſſando a compreſsão, e manifeſtando-ſe o augmento em cada pulſação. E poſto que eſte aneuriſma ſe não reduza todo, com tudo ſempre ſe reduz em parte, o que não acontece aos tumores d' outra natureza, como abſceſſos, tumores encyſtados, eſcrofuloſos, &c., os quaes além diſto ſe nos dão a conhecer pelos ſeus ſinaes, e ſymptomas particulares, como ter precedido a inflammação, e ſuppuração nos agudos, e nos chronicos o aſſento, a mobilidade, a ſua marcha, e o ſeu eſtado, ſendo o maior diſtinctivo a falta de pulſação, excepto naquelles, que, por eſtarem muito proximos ás arterias, participão da deſtes canaes, a qual com tudo faz differença da dos aneuriſmas; porque neſtes percebe-ſe huma undulação pulſante do centro para todos os pontos da circumferencia, e naquelles pulſa toda a

maſ-

maſſa em geral, não ſe percebendo a pulſação, quando ſe comprimem pelos lados. (*a*)

Cau-

(*a*) Ao paſſo que o ſaco do aneuriſma verdadeiro ſe dilata, não ſó ſe engroſsão as ſuas tunicas, mas vão-ſe forrando por camadas de lympha coagulavel, que fazem menos ſenſivel a pulſação. Se eſtas camadas forrão igualmente todo o ſaco, o que poucas vezes ſuccede, acha o ſangue igual reſiſtencia ao ſeu impulſo, e o aneuriſma faz progreſſos lentos: pelo contrario faz progreſſos rapidos, quando o ſaco, mais fraco em huns lugares do que em outros, céde á força do ſangue, que o eſtende ao ponto de o rebentar, e ſeguir-ſe o aneuriſma falſo. Neſta dilatação declarão-ſe dores, muda a pelle de côr, fazendo-ſe edematoſa, vermelha, ou denegrida, ulcera-ſe algumas vezes, ou cahe em gangrena; e então o ſaco, ou já roto, ou faltando-lhe o apoio da pelle, que o deixa romper facilmente, dá ſahida ao ſangue, que conclue bem depreſſa a vida do paciente, ſe o aneuriſma não eſtiver em parte, onde cheguem os ſoccorros cirurgicos. Quando o ſaco, dilatando-ſe, encontra algum oſſo, que lhe reſiſte, excita em ſi meſmo, e nas partes vizinhas huma inflammação adheſiva, mediante a qual ſe conſerva o ſangue enſacado, a pezar de ſe ulcerar o dito ſaco no lugar, que toca o oſſo, e até o meſmo oſſo ao ponto de ſe cariar, como obſervamos muitas vezes.

Cauſas.

§. CLXXXVIII.

As cauſas do aneuriſma verdadeiro ſe reduzem a prediſponentes, e accidentaes. As prediſponentes são, 1.° huma debilidade das arterias em geral, por effeito da qual podem haver aneuriſmas em differentes partes do corpo no meſmo ſugeito, cuja debilidade ou he hum effeito da ſua originaria conformação, ou de alguma moleſtia, que lhe faz perder o tom: 2.° a nudez, ou falta de partes, que ſirvão de abrigo, e apoio aos troncos groſſos, e curvados, como croſſa da aorta, e poplitea, os quaes são entre todo o ſyſtema arterial os mais ſujeitos aos aneuriſmas. As accidentaes são tudo o que póde enfraquecer as tunicas das arterias em hum lugar determinado, ſeja deſtruindo-as, como ulceração, e feridas (*a*), ſeja enfra-

que-

(*a*) Não ſe póde duvidar que a ulceração nas tunicas das arterias, deſtruindo as internas, ou as ex-

quecendo-as, como pizaduras, e compreſsões, ſeja finalmente diſtendendo-as, o que faz o ſangue retardado por algum esforço violento, como tuſſir, eſpirrar, vomitar, cantar, carregar, ou levantar fardos pezados, cahir, andar a cavallo, ſaltar, fazer forças para parir, obrar, urinar, &c.; cujas cauſas ſendo muito triviaes, e tendo eſte reſultado, em poucos

ſu-

---

ternas, dá lugar ao aneuriſma; pois que a experiencia tem moſtrado, que ſe ſeguem muitas vezes eſtes tumores aos abſceſſos, ou ſuppuraçõcs proximos ás arterias. Igualmente ſe obſervão aneuriſmas verdadeiros em conſequencia de feridas, cujos inſtrumentos, como facas, eſpadas, lancetas, pontas de oſſos, ou couſas ſemelhantes, offendem parte das tunicas das arterias contra o que diz Hunter *, que depois de deſcubrir a carotida de hum cão, e levantar camada por camada as tunicas externas, ficou ſó a interna tão tranſparente, que deixava ver o ſangue; e, abandonando a ferida, obſervou, que dahi a tres ſemanas eſtava unida, ſem que a arteria tiveſſe diminuido, ou augmentado. Home apurou mais eſta obſervação, eſcolhendo a arteria crural de hum cão, e enchendo a ferida com

---

* *Tranſactions of a ſociety for the improvement of medical, and chirurgical Knowledge.* Vol. I. pag. 138.

ſugeitos nos levão a crer, que além dellas he preciſo que preceda alguma prediſponente. Eu não fallarei da quantidade, qualidade, e eſpeſſura do ſangue, que alguns accusão como cauſas dos aneuriſmas, as quaes me parecem chimericas; porque nem podem violentar, nem eſtimular as tunicas das arterias.

Pro-

---

fios, para impedir a união. No fim de ſeis ſemanas, em cujo tempo a ferida ſe tinha fechado, morto o cão, e injectada a arteria, houve o meſmo reſultado. Mas diſto ſó ſe conclue, que nas arterias dos cães ſe não fórmão aneuriſmas por eſta cauſa; e já mais ſe poderá dizer que nas dos homens ſucede o meſmo; porque todos os Cirurgiões praticos tem viſto eſtes tumores por cauſa de picadas da lanceta, que ſó tocára as tunicas externas, como ſe prova pelo apparecimento delles ſemanas, e mezes depois da ſangria, e meſmo porque o ſaco conſerva a divisão das fibras das tunicas externas, ao través das quaes ſe diſtendem as internas, como eu meſmo tenho obſervado, ao que alguns praticos chamão aneuriſma miſto. Tambem não ſei como eſtas experiencias confirmárão a opinião de Hunter, que para haver o aneuriſma era preciſo hum eſtado morboſo, differente do que produzem eſtas cauſas, como ſe taes offenſas não baſtaſſem para o produzir, alterando a ſtructura das arterias.

Prognoſtico.

§. CLXXXIX.

Os aneuriſmas, que ſe fórmão em partes, onde podem chegar os ſoccorros cirurgicos, como extremidades, partes exteriores do tronco, e cabeça, são remediaveis pela compreſsão, formação, ou laqueação, concorrendo as forças, e idade do enfermo; porém os que ſe fórmão nas cavidades internas, vem a ſer mortaes, ou em quanto creſcem, porque impedem as funções dos orgãos vizinhos, ou rebentando o ſaco, porque ſe perde o ſangue (*a*), taes são os do coração, da ar-

(*a*) Eſtes aneuriſmas internos, iſto he, os que ſe fórmão dentro do peito, e ventre, não ſe podem conhecer no principio, por falta de ſymptomas, que os caracterizem, e meſmo porque ſe confundem os ſeus effeitos com muitas outras moleſtias; e ſó quando ſe chegão a tocar com os dedos, em razão do ſeu grande volume, he que ſe conhecem, mas a tempo que os meſmos ſoccorros palliativos pouco, ou nada lhes aproveitão. Os que ſe fórmão no peito algumas vezes

teria aorta, e ſeus ramos dentro das cavidades, os da arteria pulmonar, carotidas, ſubclavias, axillares no ſeu principio, iliacas, e cruraes á ſahida do ventre.

Cura.

§. CXC.

A cura dos aneuriſmas verdadeiros ou he palliativa, ou radical. A palliativa, que ſó tem lugar naquelles, em que ſe não póde fazer a compreſsão, ou laqueação, conſiſte em lhes retardar os progreſſos, perlongando aſſim a vida, 1.° com ſangrias, ſe as forças, e idade as admittirem, medidas, e repetidas ſegundo o eſtado do pulſo: 2.° com dieta, a qual deve conſiſtir em mui poucos alimentos de facil digeſtão, e nada irritantes, para não accelerarem o movimento do coração, e arterias: 3.° com bebidas calmantes, particularmente acidos vegetaes:

4.°

ſahem por entre as coſtelas, desfigurando, e cariando eſtes oſſos, ou o ſterno.

4.° com ſocego, e quietação, aſſim do corpo, como do eſpirito: 5.° com os cliſteres, ou brandos purgantes: 6.° finalmente com os opiados, ſe houverem dores (*a*). Todos eſtes meios tendem a diminuir a quantidade do ſangue, e a acção das arterias, o que póde na verdade retardar os progreſſos dos aneuriſmas. Topicamente, quando ha tumor ſenſivel, ſe podem applicar chumaços molhados em eſpirito de vinho camphorado ſó, ou miſturado com alguma agua ſaturnina (*b*), e

(*a*) As bebidas cardiacas devem omittir-ſe, aſſim como o opio, não havendo dores; porque na primeira acção deſtes remedios ſe aviva conſideravelmente o movimento do coração, e arterias.

(*b*) Entre todos os remedios, que a falta de conhecimentos praticos abona para a cura dos aneuriſmas, como a neve, e preparações adſtringentes as mais fortes em pós, em aguas, e em maſſas, nenhum ha, que poſſa dar o mais ligeiro grão de probabilidade; porque todos são falliveis nos troncos groſſos, e onde ſe não póde praticar a compreſsão, ou laqueação; e não ſó são falliveis, mas prejudiciaes, em razão de alterarem a ſtructura da pelle, e partes vizinhas ao ponto de chamarem excoriações, ulcerações,

huma branda ligadura, que ſuſtenha os appoſitos, e não fortes compreſsões, como aconſelhão alguns; porque deſtas ſó reſultão ou excoriar-ſe a pelle, e ulcerar-ſe, ou obrigar o aneuriſma a creſcer contra os orgãos, que o avizinhão, e impedir-lhes as ſuas funções, do que ſe ſegue a morte, particularmente nos formados dentro do peito.

§. CXCI.

A cura radical conſegue-ſe endurecendo-ſe, diminuindo-ſe, ou deſtruindo-ſe o ſaco, que fórma o aneuriſma. Não he muito commum endurecer-ſe o ſaco, mas algumas vezes acontece: pelo que a primeira indicação, que devemos encher logo que apparece hum aneuriſma, he a de tentarmos endurecello, para cujo fim empregaremos conſtitucionalmente os meios (CXC), e localmente huma compreſsão ſuave, por meio de chumaços molhados em

---

e gangrenas, com as quaes ſe deſtroe o apoio, que tem o ſaco, e ſe adianta a ſua *ruptura*.

em eſpirito de vinho, e aguas ſaturninas, dos quaes os primeiros devem cubrir todo o aneuriſma, e os mais augmentar de modo, que formem huma eſpecie de pyramide, ſobre a qual caião as voltas de huma atadura circular moderadamente apertadas. Iſto feito, ſitua-ſe a parte ligada hum pouco alta, para que a corrente do ſangue ſe modere na ſubida, e o refluxo tenha declive (*a*), continuando aſſim ſemanas, e mezes, renovando-ſe os ap-

(*a*) Por eſte methodo não ſó o ſaco ſe endurece algumas vezes ao ponto de ſe perder inteiramente a pulſação por effeito das cámadas da lympha coagulavel, que ſe torna vaſcular, e o enchem, mas diminue conſideravelmente ao paſſo, que o impulſo do ſangue encontra mais reſiſtencia. Alguns praticos pertendem moderar o impulſo do ſangue por meio do torniquete, applicado acima do lugar do aneuriſma; mas eu acho que o torniquete, apertado ao ponto de moderar a corrente do ſangue nas arterias, deve impedir muito o refluxo pelas vêas, e deſte impedimento reſultar a alteração da ſtructura da parte, que a indiſpõe para outras operações, ſe forem preciſas: á viſta do que fica claro, que o torniquete ou faz muito damno, ou de nada ſerve.

appoſitos de quando em quando, e molhando-ſe duas, ou tres vezes por dia, até ſe conſeguir a enduração, ou o eſtado do aneuriſma, e da pelle nos obrigar a tomar outro partido. Se o ſangue contido no ſaco ſe póde fazer entrar na arteria, mediante a compreſsão, faremos a meſma ligadura, ſó com a differença de a apertarmos mais, para embaraçar a ſahida do ſangue; e he deſte modo que conſeguimos algumas vezes diminuir, ou quaſi desfazer os aneuriſmas. Quando porém o aneuriſma reſiſtir a eſte methodo de cura, creſcendo cada vez mais, rompendo-ſe o ſaco, ou ulcerando-ſe a pelle, cumpre abrillo, deſcubrir a arteria, e ſegurar o ſangue, antes que a ſtructura da parte ſe altere, e a conſtituição ſe debilite á força de eſtimulos, que são inſeparaveis do augmento dos aneuriſmas.

Da

Da applicação do torniquete. (a)

§. CXCII.

Antes de bullirmos no aneuriſma, devemos applicar o torniquete para ſuſpender a corrente do ſangue pela arteria *, ſen-

(a) A invenção do torniquete por Morel no cerco de Beſançon em 1674 foi huma das mais uteis deſcubertas para a Cirurgia. Por meio deſta máquina ſe poupão muitas dores aos enfermos, e os Cirurgiões trabalhão com mais facilidade, e ſegurança. O torniquete de Morel pouco differe do que hoje adoptamos, ſegundo Mauricio na ſua Arte de ſangrar. Nuck, moſtrando a neceſſidade do torniquete nas amputações, e operação do aneuriſma, fez gravar o meſmo de Morel, ſó com a differença de ſe ſervir de dous garrochinhos em pontos oppoſtos: mas eſta correcção occupa mais mãos, faz a máquina mais complicada, e nada util. Verduc ajuntou-lhe a lamina de papelão, para que o garrochinho, trabalhando ſobre ella, não cauſaſſe tantas dores. Ledran propõe huma almofada para cima da arteria em lugar do chumaço recommendaddo por Lavauguyom. Monro prefere em lugar do chumaço, ou almofada hum cylindro de panno

* Na Nota ao §. XLVI. do Tom. I. deſta Obra pag. 51, moſtrei como ſe póde ſupprir eſta máquina.

ſendo nas extremidades ſuperiores, junto á axilla, e nas inferiores, junto á virilha: o que faremos do modo ſeguinte. Poſto o

enrolado, poſto por baixo da faxa, e cozido a ella, para não eſcorregar. Porém todas eſtas correcções são tão inſignificantes, que nada valem. Petit, reflectindo que o torniquete de Morel não conſervava hum gráo de aperto, qualquer que foſſe, ſem ſer ſeguro por hum ajudante, e que havia caſos, em que era preciſo hum aperto permanente, inventou hum torniquete compoſto de duas laminas de páo curvas, e oblongas: a interna eſtoffada com crina, e cuberta de camurça, para formar huma almofada, e a externa furada no meio por hum buraco com roſca, no qual anda hum parafuſo, que a afaſta da de dentro. Huma correa, da largura de dous dedos, e do comprimento ſufficiente para dar huma volta ao redor do membro, com huma almofada corrediça, tambem de camurça, ſe prende a huma das bordas da lamina externa, e depois de ſituada, ſe ſegura á outra borda por furos, que ſe ajuſtão a huns ganchos fixados na meſma borda. Eſte torniquete de Petit tem tambem paſſado por diverſas correcções, como as laminas de bronze, ou ferro, a correa com fivela, e montada ſobre duas polés, para augmentar o gráo de aperto, e finalmente com almofada, ou ſem ella, e eſta concava, ou convexa, para os differentes uſos, a que o deſtinão: mas de qualquer modo que ſeja conſtruido, e applicado, de

o membro em ſituação, e ſeguro por ajudantes, toma o operador hum chumaço eſpeſſo, e o applica ſobre a paſſagem da arteria, que conhece pelo tacto. Eſte chumaço he ſegurado por huma faxa de panno dobrado em quatro dobras da largura de duas a tres pollegadas, e do comprimento preciſo para dar duas voltas ao redor do membro. Iſto feito, toma huma liga forte de ſeda, ou linha, da largura de huma pollegada; e dando com ella duas voltas ſobre a faxa, ata as pontas com hum nó de laçada na parte oppoſta á arteria, ou a hum quarto de círculo diſtante della. Entre eſta liga (que deve ficar larga) e a faxa metterá hum chuma-

nada ſerve; porque para ſuſpender a corrente do ſangue he melhor o de Morel, por ſer mais ſimples, e fazer a compreſsão igual; e para comprimir os aneuriſmas, fim para que parece mais proprio, por fazer a compreſsão ſó em dous lugares, faz muito pezo, he incommodo, e eſcapa com muita facilidade da parte, onde ſe applica, ſendo muito melhor a pyramide dos chumaços, e as voltas de atadura, em razão da firmeza, que reſulta, e commodo para o enfermo.

ço, e ſobre elle huma lamina de papelão, e o garrochinho, ficando tudo debaixo do nó da dita liga: então fazendo andar de roda o garrochinho, aperta o membro ao ponto de ſuſpender a corrente do ſangue, e o entrega a hum ajudante para o ſegurar.

Da operação do aneuriſma.

§. CXCIII.

Suſpenſa a corrente do ſangue pelo torniquete, faz o operador com hum biſturi hum córte na pelle, e cellular, que cobre o tumor, ao comprimento do membro, da extensão de meia pollegada acima, e abaixo do meſmo tumor; e ſe com eſte córte não rompe o ſaco, o penetrará com a ponta do meſmo biſturi, e a favor do dedo indicador eſquerdo o abrirá em toda a extensão, e tirará os coalhos, até deſcubrir a ruptura da arteria, limpando com fios, ou eſponja todo o ſangue, que houver. Iſto feito, e extirpado o ſaco,

ou

ou parte delle, ſe for preciſo, empregará para comprimir a arteria o meio que convier, ſegundo o ſeu calibre. Nas arterias do antebraço, perna, e partes externas do tronco, e cabeça, baſta muitas vezes a formação (*a*): porém nas da coxa, e braço he preciſa a laqueação.

§. CXCIV.

A formação faz-ſe, applicando ſobre a ruptura da arteria fios ſeccos, diſpoſtos em camadas eſpeſſas, e augmentadas em largura de dentro para fóra, formando huma pyramide, ſobre a baſe da qual aſſentão alguns chumaços, e voltas de ata-

(*a*) A formação bem feita comprime a arteria rota contra algum oſſo, ou ſuſpende o ſangue, como fica dito na Nota ao §. XLVII. do Tomo I. deſta Obra pag. 52: porém eu acho que a formação, poſto que mais facil, quando ha apoio, poucas vezes produz o effeito, que ſe deſeja, excepto em ramos delgados; e além diſto he muito mais dolorosa, do que a laqueação, faz a cura mais longa, e excita ſempre maior, ou menor gráo de inflammação: pelo que convem em poucos caſos.

dura, hum pouco apertadas. Feita a formação, ſitua-ſe o enfermo na cama, e a parte operada ſobre hum traveſſeiro, de modo que o refluxo do ſangue tenha declive, e não ſe bolle na cura os primeiros oito, ou dez dias, excepto havendo nova repetição de ſangue, ou grande inchação, que ſeja preciſo affroxar as ligaduras. Eu não fallarei do agarico, da pedra hume, do vitriolo, e da colophonia, que alguns praticos applicão na ruptura do vaſo; porque, além do eſtimulo, fazem eſcaras, ao cahir das quaes repete ordinariamente o ſangue.

§. CXCV.

A laqueação, que já no tempo de Paulo de Egine ſe fazia, pratica-ſe deſcubrindo-ſe a arteria, e desligando-a das partes vizinhas com o córte do biſturi voltado ſempre para fóra, a fim de não tocar as ſuas tunicas, e paſſando por baixo della hum fio dobrado, compoſto de quatro, ſeis, ou mais linhas á maneira de fitta, ſegundo o ſeu calibre. Eſte fio paſſa-ſe com

com muita facilidade, achando-ſe a arteria desligada (como deve eſtar) para cima, e para baixo da ruptura, quatro, ou ſinco linhas, por meio de huma agulha curva ordinaria, que, em lugar de paſſar por baixo da arteria com a ponta, paſſa com o fundo até o meio, e, puxando-ſe o fio da parte oppoſta, ſe retira a agulha, e ſe deſenfia. Então cortado o fio no lugar, onde dobra, dá dous, dos quaes hum ſe ata pela parte de cima da ruptura, e outro pela de baixo, ambos com o nó de cirurgião, e apertados de modo, que não deixem paſſar o ſangue, o que ſe conhece pela falta deſte liquido, affroxado o torniquete. Iſto feito, enche-ſe o vaſio de fios ſeccos, brandamente applicados, ficando as pontas dos fios da laqueação em hum dos angulos da ferida, e por cima chumaços ſuſtidos com algumas voltas de atadura, ſimplesmente contentiva, obſervando-ſe no reſto o que fica dito (CXC. CXCIV.). (*a*)

Quan-

(*a*) Tem-ſe inventado differentes caſtas de agu-

Quando a arteria, que ſe ha de laquear, eſtiver muito contigua a nervos, como a brachial ao mediano, ou a vêas, como a crural, cumpre desligar a arteria ou com huma eſpatula, ou com o cabo de hum eſcalpello, para ſe não offenderem eſtas partes, de cuja offenſa ſe podem ſeguir damnos conſideraveis, aſſim co-

---

lhas, para ſe paſſarem os fios por baixo das arterias; porém todas deſneceſſarias, como ſe vê: e ſó quando huma arteria ſe achar entre dous oſſos, ou ſituada mui profundamente, uſaremos de huma tenta de chumbo com hum fundo, que leve o fio; porque a podemos tirar pela parte oppoſta, e curvar mais, ou menos, ſegundo convier. A laqueação he o meio, que tem merecido mais a confiança dos praticos, e com razão; porque he o mais ſeguro, e menos doloroſo, por cujo motivo não fallarei do cauterio, com que os antigos eſtancavão o ſangue, nem dos eſcaroticos empregados para o meſmo fim, meios, que nós devemos abandonar, como mais aſperos, e pouco ſeguros. Igualmente deſprezaremos o methodo de Lambert, que conſiſte em cozer o orificio da arteria, ficando parte da ſua cavidade para a paſſagem do ſangue; porque he impoſſivel conſeguir-ſe a união da ruptura, ou ferida das arterias, dilatando-ſe eſtas em cada pulſação pelo impulſo do ſangue.

como tambem de ſe atarem juntamente com a arteria. (*a*)

Algumas vezes fica a pulſação das arterias imperceptivel abaixo da laqueação, o membro frio, e o ſentimento muito diminuido, a pezar de ſe não terem offendido os nervos. Tanto concorre a boa diſtribuição do ſangue para a perfeição das funções. Mas iſto não nos deve aſſuſtar, porque pouco a pouco ſe vão reſtaurando eſtas funções, e a parte, continuando a viver, nos ſegura hum exito feliz, reſtando ſó curar a chaga do ſetimo, ou oitavo dia por diante como huma chaga ſimples, a qual, cahindo os fios das laqueações, ſe cicatriza em breve tempo. Porém ſe o membro refece cada vez mais, ſe a pulſação ſe não reſtaura, e o ſentimento ſe perde de todo, o que algumas ve-

(*a*) Eſtes damnos são ou retardar-ſe o refluxo do ſangue, ſendo as vêas atadas, ou cortadas, ou a perda de algum ſentimento, e movimento, ſendo algum nervo: e ainda que a experiencia moſtra, que eſtes damnos são temporarios; com tudo he huma imperfeição da operação.

vezes tem acontecido, as partes morrem (*a*), e ſó fica o recurſo das amputações.

Do modo de operar, ſendo o aneuriſma na poplitea, ou crural.

§. CXCVI.

A arteria poplitea he de todas as arterias a mais ſujeita aos aneuriſmas verdadeiros, e particularmente nas peſſoas, que andão muito a cavallo, como boleeiros, &c., talvez porque a circulação mais apreſ-

(*a*) Não he preciſo para eſte deſaſtrado ſucceſſo, que o ſangue não tenha outros vaſos, pelos quaes poſſa paſſar abaixo da laqueação; baſta que a ſtructura da parte alterada não receba o influxo do ſangue, e dos nervos naquellas proporções, a que eſtava coſtumada: e he por eſte motivo, que nós não devemos eſperar, para praticarmos a laqueação, que o membro ſe ponha em eſtado morboſo; porque então fica o ſucceſſo alguma couſa duvidoſo. Igualmente não devemos fazer a operação logo que apparece o aneuriſma, ainda o falſo, mas ſim empregarmos a compreſſão por algum tempo; porque deſte modo ſe dilatão mais os ramos, que devem dar paſſagem ao ſangue, e o membro não experimenta depois tão grande falta.

apreſſada encontra a junta do joelho dobrada, e os muſculos do pé em acção tonica, difficultando a paſſagem do ſangue nas arterias da perna (*a*). E como temos

(*a*) As anaſtomoſes dos ramos da arteria brachial com os da cubital, e radical, forão conhecidas primeiro do que as dos da poplitea com os das tibiaes, e peronea; por cujo motivo ſe tentou primeiro a laqueação da brachial, e com feliz ſucceſſo, como a experiencia tem moſtrado. Porém ou por eſta razão, ou porque, tirado o uſo da crural, e poplitea, ſe ſeguiſſem máos effeitos, todos os praticos tem adoptado a amputação da coxa, como unico recurſo nos caſos de aneuriſma acima da divisão dá poplitea, a pezar de ſe ſaber que Saviard fallou do feliz exito de huma laqueação praticada na crural, hum pouco abaixo da virilha, a qual fora ferida por huma eſtocada. Liſthenio faz menção de huma ſemelhante operação praticada em Paris. Heiſter em 1741 curou a ruptura da crural acima do joelho com formação de fios molhados em eſpirito de vinho rectificado, e diz que, ſe a formação não baſta, ſe pratique a ligadura na arteria. Sabatier remedeou tambem pela formação a ruptura da crural em conſequencia de huma eſtocada. Deſſault em hum aneuriſma da poplitea deſcubrio a arteria duas pollegadas acima do tumor, e a laqueou. Em conſequencia da laqueação foi o tumor diminuindo, e a perna deſinchando até ficar quaſi tudo natural.

baſtantes obſervações de aneuriſmas remediados neſta arteria, e na crural, quando não cédem á compreſsão, ſem o triſte recurſo da amputação, não devemos privar

os

Finalmente cahio a laqueação, e a chaga ſe cicatrizou. Muito tempo depois morreo o enfermo por accidentes, que parecêrão naſcer da perda do uſo da arteria laqueada. Eſta operação foi praticada em Junho de 1785. João Hunter, perſuadido de que as tunicas das arterias ſe achão doentes acima, e abaixo do aneuriſma, projectou fazer a laqueação longe do tumor, e em Dezembro de 1785 a praticou do modo ſeguinte. Applicado o torniquete, e froxo, fez huma incisão longitudinal na parte média, interna, e anterior da côxa, junto á borda interna do muſculo ſartorio. Eſta incisão hum pouco grande foi ſeguida de outras menores, que deſcubrirão a arteria; e desligada das partes contiguas, paſſou dous fios dobrados, a favor de huma tenta, os quaes cortados, derão quatro ligaduras, que atou todas humas abaixo das outras, para apertar a arteria em huma certa extensão, temendo que o aperto em hum ponto foſſe nocivo. Iſto feito, ajuntou as pontas dos fios em hum angulo da ferida, e a unio por primeira intenção com coſtura ſecca, e ligadura. Depois da operação aqueceo mais a perna. No ſegundo dia tinha diminuido a inchação, e tumor: no nono dia, até o qual tudo foi bem, houve huma hemorrhagia, que ſe ſuſpendeo pelo torniquete,

os enfermos da poſſibilidade de lhes conſervarmos as pernas, contribuindo muito para eſta fortuna não demorarmos a laqueação para depois de alterada a ſtructu-

afroxado o qual, não repetio ſangue, e ficou moderadamente apertado para lhe reprimir o impulſo: no dia quinze cahírão algumas das ligaduras, e ſeis ſemanas depois da operação ſahio o enfermo do Hoſpital, onde tornou a entrar, paſſados dous mezes, com huma nova ſuppuração no lugar da operação, cauſada pelos fios da laqueação, que tinhão ficado eſcondidos, os quaes ſahindo, derão lugar á cura, que ſe completou em dous mezes. Home conclue deſte facto, que o torniquete moderadamente apertado contribue muito para a cura dos aneuriſmas, diminuindo o impulſo do ſangue; mas não fez mais do que confirmar o que a experiencia tinha moſtrado a todos os praticos, e em todos os tempos: porém eſte aperto fará mais mal do que bem; porque ſe aproveita em hum caſo, prejudica em muitos, em razão de alterar a ſtructura da parte, pelo embaraço, que faz no refluxo. Hunter praticou ſegunda vez eſta operação, na qual, em lugar dos muitos fios para laquear a arteria, uſou de hum ſó, e curou a ferida por ſegunda intenção. No dia quatorze cahio a laqueação, e, a pezar de applicar o torniquete moderadamente apertado, houverão hemorrhagias deſde o dia dezenove até vinte e ſeis, no qual morreo o enfermo com delirios, vomitos, e

ra da perna; porque então ha menos probabilidade de aproveitar. Mas ſupponhamos que não aproveita, e que as partes para baixo da laqueação morrem: neſte ca-

---

ſoluços. Depois deſte ſucceſſo praticou o meſmo Profeſſor mais tres vezes a operação, e todos os tres enfermos ficárão curados. A' imitação de Hunter tem a meſma operação ſido praticada por Lynn com feliz ſucceſſo. Birch tentou a laqueação em hum aneuriſma formado duas pollegadas abaixo do ligamento de Failopio, e, como o tumor era mui grande, a operação foi alguma couſa differente; porque ſe ſuſpendeo o ſangue por meio de huma compreſsão feita ſobre a paſſagem da arteria, junto ao ligamento, em razão de não haver lugar para o torniquete, e fez huma incisão ſemilunar na parte ſuperior do tumor, para dar lugar a deſcubrir-ſe a arteria, e laquear-ſe. Porém deſte caſo ſó colhemos, que, a pezar de ſe ter laqueado o tronco principal, não morreo a parte, que conſervou calor até o dia quatorze, no qual faleceo o enfermo, talvez porque o tumor muito adiantado fazia irremediavel o eſtrago da coxa. Deſtas, e outras muitas obſervações ſemelhantes devemos concluir, que a perna recebe a ſua nutrição, a pezar de ſe perder o uſo do tronco principal, ou ſeja pelos vaſos capillares, como quer Deſault, ou pelas anaſtomoſes de vaſos mais groſſos, e que ſempre devemos tentar a laqueação, ſem bullir no tumor, ſeja qual for a ſitua-

caſo pratica-ſe a amputação, que não fica ſendo mais perigoſa, por que tenha precedido a laqueação.

§. CXCVII.

Para ſe praticar a laqueação, ſitua-ſe o enfermo deitado na cama; e applicado o torniquete, de prevenção, ſem ſe apertar, faz o operador huma préga tranſverſal na pelle ſobre a arteria, a baſtante diſtancia do tumor, ou ruptura, ſendo na crural, e ſeis dedos acima do joelho, ſendo na poplitea, que vem a ſer acima da paſſagem da crural, ao través da cabeça maior do triceps. Tomada a préga, que o operador ſegura de hum lado, e hum ajudante do outro, a córta com hum biſturi junto á margem interna do ſartorio, reſultando hum golpe de duas a tres pol-

---

ção, e eſtado do aneuriſma, com tanto que a ſtructura da perna não eſteja muito alterada, porque ſe póde poupar huma perna ao enfermo. A operação he muito ſimples, pouco doloroſa, e a cura breve, além de ſe não ſeguirem perdas de ſangue, que debilitem a conſtituição.

pollegadas. Com eſte golpe ſe deſcobre a aponevroſe, que cobre os muſculos, a qual o operador deve cortar na meſma direcção, mas em menor extensão; e buſcando a arteria pelo tacto, a irá desligando das partes vizinhas, até poder paſſar por baixo della hum fio bem forte a favor de huma tenta de chumbo, com o qual a laquea, e aperta, até parar a pulſação no tumor. Iſto feito, ſitua as pontas do fio no angulo inferior da ferida, e a une por primeira intenção com coſtura ſecca, e ligadura, ſeguindo no reſto o que fica dito. Alguns praticos paſsão por baixo da arteria hum fio, de prevenção, para a laquearem ſegunda vez, ſe repete ſangue: porém eu acho que as hemorrhagias repetem, porque a arteria ſe deſtroe, como ſe deixa ver pelo muito cedo que cahem as laqueações, e em tal caſo he preciſo laquealla de novo mais acima, ou mais abaixo, ſegundo o lugar, donde corre o ſangue. Se o tumor ſe vai diſſipando, como acontece o mais das vezes, o enfermo

mo ſe reſtabelece em pouco tempo ; porém ſe o ſaco ſe vem a ulcerar , cumpre dilatallo , tirar os coalhos de ſangue , e curar a ulcera do modo ordinario. Poſto que o ſangue não embarace eſta cura do ſaco aberto ; com tudo algumas vezes ha hemorrhagias pelo refluxo , que obrigão a deſcubrir o tronco pela parte de baixo do tumor , para ſe laquear , ſem o que corre muito perigo a vida do enfermo.

Do aneuriſma falſo.

§. CXCVIII.

O aneuriſma falſo , chamado tambem eſpurio , conſiſte em hum tumor maior , ou menor formado pelo ſangue diffundido nas partes vizinhas de huma arteria rota , que o deixa ſahir.

§. CXCIX.

Quando o ſangue ſe infiltra pela cellular , reſultando hum tumor irregular , chama-ſe aneuriſma diffuſo ; porém ajuntan-

tando-ſe o ſangue em huma ſó cavidade (*a*), chama-ſe circumſcripto.

§. CC.

As cauſas do aneuriſma falſo são as meſmas do verdadeiro (CLXXXVIII), levados ao ponto de deſtruirem todas as tunicas das arterias; e o que ſe obſerva mais commummente, he reſultar o aneuriſma falſo 1.° da ruptura do ſaco do verdadeiro, por effeito da ulceração, ou diſtensão depois d'algum esforço violento: 2.° da deſtruição das arterias pela materia dos abſceſſos, e chagas, ou pela gangrena: 3.° finalmente das puncturas, ou pizaduras das arterias, ſeja por corpos movidos de fóra, como lancetas, facas, espa-

(*a*) Se o ſangue ſe não diffunde pela cellular, logo que a arteria ſe rompe, ou porque tenha livre ſahida pela ruptura da pelle, ou porque ſe tenha empregado a formação, ajunta-ſe em huma cavidade formada na meſma cellular, que, forrada pela lympha coagulavel, fórma huma eſpecie de ſaco, ou cyſto, mui ſemelhante ao do aneuriſma verdadeiro, com o qual ſe póde confundir algumas vezes.

padas, páos, pedras, &c., ſeja por laſcas, ou pontas dos oſſos, quando eſtes ſe fracturão.

§. CCI.

Quando as arterias ſe rompem por qualquer deſtas cauſas, e a pelle tambem rota deixa ſahir o ſangue, ſegue-ſe huma hemorrhagia, que, a ſer de vaſos, aos quaes chegão os ſoccorros cirurgicos, ſe remedea como fica dito Tom. I. §. XLVI, e ſeg. Porém ſe a pelle ſe conſerva intacta, ou as ſuas feridas ſe unem, ſegue-ſe alguma das eſpecies do aneuriſma falſo, que ficão ditas (CXCIX).

§. CCII.

O aneuriſma falſo conhece-ſe facilmente, quando tem precedido o verdadeiro; porque ſe ſegue hum tumor irregular, deſigual, com pulſação, ou ſem ella, pelle denegrida, como nas pizaduras, dores grandes, e alguma fluctuação. Igualmente ſe conhece bem o que ſe ſegue á offenſa das arterias, por ter precedido alguma das cauſas acima ditas, co-

mo esforço violento, pizaduras, feridas, fracturas, abscessos, &c., e apparecer o tumor irregular, ou circumscripto no lugar das arterias, acompanhado de dores, pulsação menor, ou maior, &c. Porém o que mais distingue este aneurisma, he a molleza, e falta de pulsação, que se seguem ao passo, que se applica, e aperta o torniquete acima do tumor, meio pelo qual conhecemos tambem na sangria de braço se a arteria fora picada; porque algumas vezes corre o sangue da vêa tão furiosamente, e de huma côr tão escarlata, que se equivoca com o que corre das arterias. E se a pezar desta experiencia, ficar alguma dúvida a respeito do vaso ferido, applicaremos tambem o torniquete abaixo da picada; porque, sendo na arteria, continúa o fluxo do mesmo modo; e sendo na vêa, totalmente se suspende. (*a*)

Quan-

(*a*) Cumpre notar-se, que estas experiencias, das quaes depende a reputação do sangrador, e a decisão do que convem fazer ao enfermo, serão feitas fóra dos desmaios, que o susto produz algumas vezes.

§. CCIII.

Quando o aneuriſma falſo ſuccede em vaſos internos, onde não chegão os ſoccorros cirurgicos, morrem os enfermos, e ás vezes em breves inſtantes, ſegundo o calibre dos meſmos vaſos: porém ſendo nas arterias das extremidades, partes exteriores do tronco, e cabeça, podem remediar-ſe pela compreſsão, formação, ou laqueação.

A compreſsão (CXCI) tem lugar todas as vezes, que ſe encontra, ou ſe póde fazer algum apoio; e deve tentar-ſe 1.° quando o ſangue ſahe ao través da ruptura do vaſo, e da pelle, como na ſangria, ou ferida ſemelhante (*a*): 2.° quando

(*a*) A compreſsão em taes caſos chega algumas vezes ás paredes do canal, para ſe unirem entre ſi, ou com as partes vizinhas, não ſendo preciſo paſſar a outros meios para ſe conſeguir a cura: mas quando iſto não ſucceda, ſempre ſe tira a vantagem da demora dos outros meios, demora muito util; porque, tomada a paſſagem do ſangue pelo tronco principal, vão-ſe alargando os collateraes, ou capillares, para ſupprirem a ſua falta.

do ſe póde fazer entrar o ſangue na arteria, como ſuccede algumas vezes no aneuriſma circumſcripto: 3.° finalmente quando ſe póde evacuar o ſangue por huma pequena incisão.

A formação (CXCIV.) tem lugar, 1.° quando a offenſa deſtroe a pelle, e carnes em tanta extensão, que eſtas partes ſe não podem chegar humas ás outras, e fazer-ſe a compreſsão: 2.° quando no aneuriſma diffuſo o ſangue infiltrado ſe não póde fazer entrar na arteria, ou ſe achar coalhado no circumſcripto: 3.° finalmente quando a compreſsão não impede o progreſſo do tumor, ou ſe faz mui dolorosa.

A laqueação (CXCV) tem lugar em todos os caſos, em que nem a compreſsão, nem a formação aproveitão, ou, para melhor dizer, todas as vezes, que a compreſsão não diminue o aneuriſma; porque eſta he o mais ſeguro, e ſuave meio, que a Cirurgia póde empregar para remediar eſta moleſtia. Neſta caſta de

aneu-

aneurifmas não ha faco; e por tanto, logo que fe cortão os tegumentos, apparece o fangue liquido, ou coalhado, que limpo deixa ver a arteria, a qual, desligada das partes contiguas, fe laquea quatro, ou finco linhas acima, e abaixo da ruptura (*a*). A arteria brachial he cuberta na flexura pela aponevrofe do biceps; e por tanto, quando fe laquea efta arteria, cumpre cortar a dita aponevrofe de cima para baixo, e de fóra para dentro, para fe pouparem as fuas fibras, e igualmente cumpre desligar-fe do nervo mediano, para maior perfeição da operação.

Se o aneurifma falfo for huma confequencia do verdadeiro, obfervaremos na operação o mefmo, que fica dito a refpeito deíte ultimo.

Do

(*a*) A laqueação abaixo da ruptura he tão precifa como acima, ainda nas arterias do ante-braço, perna, e pé; porque fem efta prevenção ha frequentes hemorrhagias, feguidas de damnos confideraveis, como a experiencia moftra todos os dias.

Do aneuriſma varicoſo.

§. CCIV.

Chama-ſe aneuriſma varicoſo a dilàtação das vêas, por effeito do ſangue arterial, que paſſa para dentro dellas.

§. CCV.

Eſte aneuriſma he huma conſequencia da ſangria, quando a lanceta, depois de atraveſſar a vêa, vai ferir todas as tunicas da arteria, que lhe fica por baixo: mas nem ſempre que ſe fere a arteria deſte modo, ſe ſegue o aneuriſma varicoſo; porque o ſangue, ſahindo da arteria, ſe diffunde pela cellular, e fórma o aneuriſma falſo. Pelo que o dito aneuriſma varicoſo exige, além da picada deſte modo, a união das margens da ferida da arteria ás da ferida da vêa, o que ſuccede poucas vezes, e ſó quando por effeito de huma compreſsão bem feita ſe unem as di-

tas

tas feridas, mediante a inflammação adheſiva. (*a*)

§. CCVI.

Nada he tão facil de conhecer como eſte aneuriſma; 1.º porque as vêas inchadas em certa diſtancia da picada tem pulſação mais, ou menos ſenſivel: 2.º porque carregando-ſe com a ponta do dedo ſobre a picada, ao ponto de ſe impedir a paſſagem do ſangue, céſſa a pulſação das vêas, e a ſua inchação ſe deſvanece inteiramente: 3.º porque ſoltando-ſe a paſſagem do ſangue, tornão as vêas a encher-ſe com hum movimento tremulo, e ſente-ſe hum certo rangido ao impulſo de cada pulſação: 4.º finalmente porque o doente ſente grande pezo, e fraqueza no braço enfermo. (*b*)

A

(*a*) Eſte aneuriſma he tão raro, que ſó o tenho viſto duas vezes neſta Capital: hum em huma mulher, que ainda hoje vive; e outro no Padre João Baptiſta de Araujo.

(*b*) O Doutor Hunter foi, quanto eu poſſo ſaber, o primeiro, que deſcreveo eſte aneuriſma, como ſe vê no Tom. II. *Of Medical obſervations, and*

§. CCVII.

A cura deſta eſpecie de aneuriſma reduz-ſe a huma moderada compreſsão, para lhe impedir o augmento, o qual he tão lento, que os enfermos vivem muitos annos, ſó com o incommodo da fraqueza, e

---

inquiries, pag. 390, e o deſcreveo de tal modo, que nada mais ſe póde deſejar. Poſto que a inchação das vèas ſe eſtende commummente a pouca diſtancia da picada; com tudo em hum dos que eu tenho obſervado, eſtendia-ſe até ás vêas dos dedos, e até á axilla, e com o andar do tempo rebentárão algumas vêas, o que obrigou a praticar-ſe a laqueação, e depois a amputação, por cauſa da gangrena, que ſobreveio; mas ambas as operações ſem fructo, talvez pela grande alteração da ſtructura da parte, e idade avançada do paciente: pelo que não podemos dizer, como diz Bell, que a laqueação poucas vezes, ou jámais ſerá preciſa; porque, praticada a tempo, livra os enfermos da fraqueza, e pezo do braço, aſſim como tambem dos perigos, que podem reſultar para o futuro, principalmente ſendo huma operação mui ſimples, e nada perigoſa, como me tem moſtrado a experiencia de vinte e dous caſos, em que a tenho praticado, ſem ficar leſão nos braços, ou perigar a vida dos pacientes.

e pezo do braço: todavia não podem fazer uſo delle ſem grande prejuizo; e por tanto he hum braço aleijado, cuja aleijão ſe remove com a laqueação, e além diſto atalhão-ſe as conſequencias, que apontei na Nota ao §. CCVI, as quaes põem em riſco as vidas dos pacientes, ou ao menos a conſervação dos braços: pelo que, ſe o aneuriſma varicoſo ſe conſerva eſtacionario, cumpre continuar a cura palliativa, iſto he, empregar a compreſsão moderada; mas ſe ſe augmenta, ou o enfermo não quer viver aleijado, praticaremos a laqueação, a qual neſte caſo póde comprehender tambem a vêa ſem o menor inconveniente.

Do aneuriſma miſto.

§. CCVIII.

Alguns praticos fazem menção de huma eſpecie de aneuriſma, a que chamão miſto, iſto he, que depende da dilatação das tunicas internas ao través da

ruptura das externas, eſpecie totalmente chimérica; porque, em quanto o ſangue ſe contém em hum ſaco, he o aneuriſma verdadeiro, ſeja, ou não o dito ſaco formado por todas, ou parte das membranas: e por tanto a ſua cura deve ſer dirigida ſegundo o que fica dito no aneuriſma verdadeiro. (*a*)

(*a*) Nada he tão indifferente para o Cirurgião prático, como não ſe decidir ſe eſta eſpecie de aneuriſma póde, ou não exiſtir. As obſervações de Hunter, e Home, cortando as tunicas externas das arterias dos cães, ſem ſe ſeguirem aneuriſmas, parecem provar, que as ditas tunicas meio-cortadas não são cauſa deſta moleſtia: com tudo as analogias merecem pouca fé, particularmente ſabendo nós, que muitas ſangrias do braço tem ſido ſeguidas de aneuriſmas verdadeiros, cujos ſacos moſtravão a ruptura das tunicas externas, e a dilatação das internas ao través da dita ruptura, como eu meſmo tenho obſervado.

FIM DO TOMO III.

IN-

INDICE

Das materias contidas neſte terceiro Tomo.

DA bronchotomia. - - - - Pag. 3.
Da eſquinencia. - - - - - - 9.
Da eſquinencia benigna. - - - - - 9.
Da cura. - - - - - - - - - - 12.
Da eſquinencia maligna. - - - - - 17.
Da cura. - - - - - - - - - - 19.
Da eſquinencia trachial, ou garrotilho. 20.
Da operação chamada bronchotomia. - 24.
Da laryngotomia. - - - - - - - 29.
Dos corpos eſtranhos no pharynx, e eſophago. 31.
Da eſophagotomia. - - - - - - - 37.
Das operações, que ſe praticão na boca. 45.
Do labio leporino. - - - - - - - 45.
Da operação do labio leporino. - - - 50.
Da união dos beiços. - - - - - - 57.
Da incisão do freio da lingua. - - - 59.
Da ranula. - - - - - - - - - 64.
Da cura. - - - - - - - - - - 65.
Das epulidas. - - - - - - - - - 67.
Das parulidas. - - - - - - - - 69.
Do que convem fazer na dentação trabalhoſa. 72.
Da extracção dos dentes. - - - - - 76.

Do modo de limpar, e conſervar os dentes. 91.
Das enfermidades do ſeio maxillar. - 93.
Das fiſtulas ſalivares. - - - - - - 99.
Das moleſtias do nariz, que precisão de operações. - - - - - - - - - - 103.
Da imperfuração das ventas. - - - 103.
Do nariz artificial. - - - - - - 104.
Dos corpos eſtranhos nas ventas. - - 105.
Da ozena. - - - - - - - - - - 106.
Da epiſtaxis, ou hemorrhagia do nariz. 108.
Da cura. - - - - - - - - - - 109.
Dos polypos. - - - - - - - - 112.
Da cura. - - - - - - - - - - 115.
Das operações, que ſe praticão nas vias lacrimaes. - - - - - - - - - 125.
Da obſtrucção do ſaco, e conducto lacrimal. 139.
Da cura. - - - - - - - - - - 140.
Do primeiro eſtado. - - - - - - 140.
Do ſegundo eſtado. - - - - - - 146.
Do terceiro eſtado. - - - - - - 148.
Do quarto eſtado. - - - - - - - 149.
Da fiſtula lacrimal complicada. - - 157.
Das operações, que ſe praticão em differentes moleſtias das palpebras. - - - 164.

Do

Do edema das palpebras. - - - Pag. 164.
Do abſceſſo das palpebras. - - - - 165.
Do ecchymoma. - - - - - - - - 165.
Do póro, ou aguia. - - - - - - 166.
Do trachoma. - - - - - - - - 167.
Do hordeolo, ou torção. - - - - 168.
Do chalazion, ou granizo. - - - 168.
Dos tumores ſcirroſos, e encyſtados. - 169.
Das verrugas. - - - - - - - - 170.
Do cancro das palpebras. - - - - 171.
Das varizes das palpebras. - - - 172.
Da pedra, ou arêas nas palpebras. - 173.
Do trichiaſis. - - - - - - - - 174.
Da phalangoſis. - - - - - - - 177.
Do ectropio. - - - - - - - - 179.
Da lagophtalmia, ou olho de lebre. - 180.
Do anchylollepharo. - - - - - - 181.
Da ſclericſis. - - - - - - - - 183.
Do eckantis. - - - - - - - - 184.
Dos corpos eſtranhos nos olhos. - - 186.
Das moleſtias das membranas do olho. 189.
Da ophtalmia. - - - - - - - - 189.
Das cauſas. - - - - - - - - 191.
Da cura. - - - - - - - - - 193.

Do

Do edema da conjunctiva. - - - Pag. 201.
Do echymoſis da conjunctiva. - - - 202.
Das puſtulas da conjunctiva, ou farpões. 202.
Da phlyctena da conjunctiva. - - - 203.
Do pterygio, panno, ou unguis. - - 204.
Dos abſceſſos, e chagas da conjunctiva. 207.
Do onyx. - - - - - - - - - - 208.
Do ſtaphyloma. - - - - - - - 209.
Da opacidade da cornea tranſparente. 213.
Do leucoma. - - - - - - - - - 214.
Das excreſcencias ſobre a cornea tranſparente. - - - - - - - - - - - 219.
Das fiſtulas da cornea. - - - - 219.
Do hypopio. - - - - - - - - 221.
Da mydriaſis. - - - - - - - - 224.
Da phtiſis. - - - - - - - - - 225.
Da amauroſis. - - e - - - - 228.
Das moleſtias dos humores dos olhos. - 231.
Da hydro-phtalmia. - - - - - - 231.
Da catarata. - - - - - - - - 234.
Das cauſas. - - - - - - - - 235.
Dos ſinaes. - - - - - - - - - 237.
Do prognoſtico. - - - - - - - - 239.
Da cura. - - - - - - - - - - 241.

Da

Da depreſsão. - - - - - - - Pag. 242.
Da extracção da catarata. - - - 246.
Das cataratas ſecundarias. - - - 267.
Do lugar mais proprio para a ſecção da cornea. - - - - - - - - - - - 268.
Da comparação da depreſsão, e extracção. 271.
Das moleſtias de todo o globo do olho em geral. - - - - - - - - - - - 274.
Do ſtrabiſmo. - - - - - - - - 274.
Da myopia. - - - - - - - - 277.
Da presbyopia. - - - - - - - - 278.
Da deslocação do olho. - - - - 279.
Da extirpação do olho. - - - - 282.
Dos olhos artificiaes. - - - - - 285.
Das moleſtias dos ouvidos, que pedem operações. - - - - - - - - - - 287.
Das feridas das orelhas. - - - - 287.
Dos abſceſſos das orelhas. - - - - 288.
Da perfuração das orelhas. - - - 289.
Da imperfuração do conducto auditivo. 290.
Da obſtrucção do conducto auditivo. - 292.
Da conformação vicioſa. - - - - 292.
Dos tumores. - - - - - - - - 293.
Das excreſcencias. - - - - - - - 294.

Dos

Dos corpos estranhos. - - - - Pag. 295.
Da otalgia. - - - - - - - - - 299.
Da surdeza. - - - - - - - - - 300.
Da purgação do ouvido. - - - - - 303.
Do aneurisma. - - - - - - - - 305.
Do aneurisma verdadeiro. - - - - 305.
Sinaes. - - - - - - - - - - - 306.
Causas. - - - - - - - - - - - 310.
Prognostico. - - - - - - - - - 313.
Cura. - - - - - - - - - - - 314.
Da applicação do torniquete. - - - 319.
Da operação do aneurisma. - - - 322.
Do modo de operar, sendo o aneurisma na poplitea, ou crural. - - - - - - 328.
Do aneurisma falso. - - - - - 335.
Do aneurisma varicoso. - - - - 342.
Do aneurisma misto. - - - - - 345.